

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

KAROLINE GANDOLPHO GARCEZ

**A IDENTIDADE DO ALUNO-ADOLESCENTE NO AMBIENTE ESCOLAR E
NAS REDES SOCIAIS EM UMA ESCOLA PARTICULAR DE ARACAJU-SE.**

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2020

KAROLINE GANDOLPHO GARCEZ

**A IDENTIDADE DO ALUNO-ADOLESCENTE NO AMBIENTE ESCOLAR E
NAS REDES SOCIAIS EM UMA ESCOLA PARTICULAR DE ARACAJU-SE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Vanderlei José Zacchi

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2020

RESUMO

O estudo sobre os adolescentes está crescendo na sociedade atual. Pensando-se nisso, o presente trabalho está pautado no estudo sobre a identidade dos adolescentes, baseando-se na abordagem qualitativa-interpretativista, e busca compreender como se configuram as identidades do aluno-adolescente no ambiente escolar e nas redes sociais e de que forma elas se diferem ou se entrecruzam. Para isso, foi criado um grupo no *whatsapp* com os alunos de uma escola particular de Aracaju-SE, para debater sobre tópicos que fazem parte do seu cotidiano. Além disso, foram assistidas algumas aulas que abordavam sobre os mesmos tópicos discutidos no *whatsapp*. A identidade do adolescente é analisada utilizando autores como Bauman (2005, 2018) e Gee (2004) dentro do ambiente escolar, considerado um ambiente *offline*, e das redes sociais, consideradas um ambiente *online*. Uma análise é feita da conversa do *whatsapp* e das aulas assistidas utilizando-se as três noções de identidade de Gee (2004): a identidade real (a identidade do dia-a-dia, que de acordo com o próprio autor pode ser múltipla), a virtual (é a que se assume em ambientes virtuais, que pode ser totalmente diferente da identidade real) e projetiva (quando a pessoa projeta os valores e desejos no personagem virtual). Além disso, algumas adaptações foram feitas nesses conceitos para uma melhor compreensão das identidades nesse trabalho. Portanto, a identidade virtual seria quando os adolescentes a assumem quando podem ou precisam, mas que nem sempre é aceita; a identidade real seria a que eles demonstram no seu dia-a-dia; e a projetada pode ser considerada uma mistura entre a virtual e a real em certos momentos. Ao final do trabalho, é apresentada uma análise sobre as identidades de cada aluno adolescente participante da pesquisa com base nos conceitos acima expostos.

Palavras-chave: identidade; adolescente, ambiente escolar, redes sociais

ABSTRACT

Studies about teenagers have been increasing in society nowadays. On that wise, this dissertation aims to understand how identities of adolescent students are set in both school environments and social networks, and which way they differ from or intertwine with each other. It is grounded on studies related to adolescent identity and aligned with the qualitative and interpretive approach. A WhatsApp group with students from a private school of the city of Aracaju, in Brazil, was created with a view to discuss topics related to their daily conversations. In addition, they were also assigned to attend some classes that approached the same topics discussed in the same WhatsApp group. The adolescent identity was analyzed from Bauman's (2005, 2018) and Gee's (2004) perspectives, considering the school environment as an *offline setting* and the social networks as an *online setting*. Further analyses of the conversations in the WhatsApp group and the attended classes were done according to Gee's three identity views: the *real identity* (the everyday type, which can be multiple), the *virtual identity* (it is portrayed in online settings and may be very different from the real identity) and the *projective identity* (when the person projects their values and desires onto their online character). Yet, some adaptations of such concepts were necessary in order to better understand the identities of the students. Hence, the virtual identity was taken into consideration when the adolescents would perform it when they could or needed it, yet not always accepted; the real identity was considered as the one they would demonstrate in their everyday lives; and the projected identity could be considered as a blending between their virtual and real identities, at particular moments. In the end of this study, an analysis about the identities of each adolescent student who participated of this research is done, based on the concepts here presented.

Keywords: identity, adolescent, school environment, social networks

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
1.1 OBJETIVOS E PERGUNTAS DE PESQUISA.....	11
1.2 METODOLOGIA.....	12
1.3 DESENHO DO TRABALHO.....	16
2 IDENTIDADE	18
2.1 ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE.....	22
2.2 A IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES E AS REDES SOCIAIS.....	27
2.3 A IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES E O AMBIENTE ESCOLAR.....	32
3 O AMBIENTE ESCOLAR E AS REDES SOCIAIS	35
3.1 USO DAS REDES SOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	41
3.2 A APRENDIZAGEM MÓVEL.....	44
3.3 AS REDES SOCIAIS, O AMBIENTE ESCOLAR E A NOVA GERAÇÃO	47
4. ANÁLISE DOS DADOS	52
4.1 ANÁLISE SOBRE TECNOLOGIA.....	56
4.2 ANÁLISE SOBRE PRECONCEITO.....	65
4.3 ANÁLISE DO PAPEL DA MULHER E DA CULTURA BRASILEIRA.....	72
4.4 NOVOS QUESTIONAMENTOS E AFFINITY SPACE.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES	92
ANEXOS	95

INTRODUÇÃO

A identidade é um tema muito interessante, pois suscita alguns questionamentos, no que se refere aos adolescentes. Somando-se a esse tema, a tecnologia, elemento muito presente na rotina desse público, principalmente as redes sociais, atua como se fosse uma parte deles. Logo, evidenciamos a necessidade de compreender de que forma a identidade dos alunos é influenciada através da tecnologia, focando principalmente nas redes sociais. Contudo, o ambiente escolar também é levado em consideração, visto que é o espaço onde esses jovens e os professores passam boa parte do tempo. Assim, a conexão com esse ambiente, percebendo a mudança pela qual os adolescentes passam, os desafios e as conquistas deles e também dos professores em ministrar aula para alunos cada vez menos interessados em estar lá, motivou a produção desse texto. Dessa forma, ao longo do texto será abordado o conceito de identidade, as redes sociais e o ambiente escolar, com relação a identidade dos adolescentes. Além disso, abordaremos também um pouco os desafios de se ensinar aos alunos dessa idade e a influência das redes sociais no cotidiano deles. Desse modo, o foco desta pesquisa é a identidade dos adolescentes.

Este estudo tem como motivação a constatação do fato de que a percepção desses jovens quanto à identidade, o comportamento e o discurso deles são modificados em um curto espaço de tempo. Do mesmo modo, são notáveis as mudanças fisiológicas e emocionais pelas quais eles passam e que influenciam diretamente nos aspectos mencionados anteriormente. Observamos ainda os ambientes nos quais eles convivem e que influenciam na forma como eles se portam.

Outrossim, é uma forma de tentar compreender melhor essa fase (adolescência) que as organizações mundiais têm dado uma atenção especial nas últimas décadas. E com o advento das redes sociais, nos últimos anos, podemos perceber que as pessoas mudam até o seu jeito de agir, querendo que as situações sejam resolvidas de forma imediata, e essa conduta acaba refletindo no comportamento dos adolescentes.

Por outro lado, o estudo sobre os adolescentes está crescendo na academia¹ e vários artigos têm sido publicado sobre esse tema. Autores como Buckingham (2008), Willingham (2009), Gardner e Davis (2013) e Boyd (2014), trazem estudos focando

¹ Ao acessar a plataforma <http://scielo.br/> é possível encontrar 2543 artigos utilizando a palavra adolescente como palavra-chave.

no adolescente e nas mudanças que as redes sociais trouxeram para a vida deles, perpassando pela mudança no interior do ambiente escolar. Igualmente, os referidos autores tocam em tópicos como identidade, segurança, mudança na forma de aprender, bullying, dentre outros, que corroboram com a importância do estudo apresentado no decorrer desse trabalho.

Dessa maneira, essa pesquisa tem o seu diferencial pelo fato de está trabalhando com dois ambiente (escolar e as redes sociais), trazendo a identidade como foco do trabalho. Portanto, esperamos ao final das discussões, compreender de que forma as identidades, são influenciadas ou não pelo ambiente no qual o aluno/adolescente está inserido, baseando-se em falas e situações citadas e vivenciadas por eles, tendo como aporte teórico os conceitos de GEE (2004).

O mundo está em constante mudança em diversos aspectos e ultimamente, as mudanças tendem a se tornar cada vez mais rápidas e não duradouras. Diante desse novo cenário, nota-se um público que vive sob constante inquietação, justamente por viver em um mundo tão diversificado e complexo, os adolescentes. Nesse sentido, Eisenstein (2008, p.1) acrescenta que:

A adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social.

Para fins oficiais, no entanto, a adolescência, em geral, é definida em termos de faixa etária. O Estatuto da Criança e do Adolescente² (ECA), por exemplo, criado através da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, considera adolescente aquele que tem entre doze e dezoito anos de idade. E quanto aos seus direitos, o artigo 3º desse documento adverte que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em

²

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm acesso em janeiro de 2020.

condições de liberdade e de dignidade.

A Organização da Mundial da Saúde³ (OMS), por sua vez, reconhece como adolescente aquele que tem entre 10 e 19 anos. De acordo com a OMS,

adolescência é o período de transição entre a infância e a idade adulta e é caracterizada pelos esforços ao alcançar os objetivos relacionados as expectativas da cultura tradicional e pelo desenvolvimento físico, mental, emocional e social.

Enquanto o início da adolescência é geralmente associado ao começo da puberdade [...], o final é claramente menos definido. Ele vai variar de cultura para cultura no que diz respeito à conquista da independência adulta⁴

Ainda sobre a definição do termo adolescência, a Organização das Nações Unidas⁵ (ONU) também define como adolescente aquele que tem entre 10 e 19 anos, embora com ressalvas. De acordo com a ONU,

a adolescência é difícil de definir em termos precisos, por vários fatores. Primeiro, é amplamente reconhecido que cada indivíduo vivencia esse período de maneira diferente, dependendo do seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo[...].

O segundo fator que complica qualquer definição de adolescência é a grande variação nas legislações nacionais que definem uma idade mínima para participação em atividades consideradas de adultos [...].

A terceira dificuldade em definir a adolescência é que, independentemente dos limiares legais que delimitam a infância e adolescência desde a idade adulta, muitos adolescentes e crianças em todo o mundo estão envolvidas em atividades de adultos como trabalho, casamento, prestação de cuidados primários e conflito.⁶

³ Fonte:

https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/41720/WHO_TRS_731.pdf?sequence=1&isAllowed=y
acesso em janeiro de 2020.

⁴ Tradução própria. Trecho original: “Adolescence is the period of transition from childhood to adulthood, and it is characterized (a) by efforts to achieve goals related to the expectations of the mainstream culture and (b) by spurts of physical, mental, emotional, and social development.

While the onset of adolescence is usually associated with the commencement of puberty [...], the end of adolescence is less clearly defined. It varies greatly from culture to culture as far as the attainment of adult independence is concerned.”

⁵ Fonte: https://www.unicef.org/sowc2011/pdfs/SOWC-2011-Main-Report_EN_02092011.pdf
acesso em janeiro de 2020.

⁶ Tradução própria. Trecho original: “Adolescence is difficult to define in precise terms, for several reasons. First, it is widely acknowledged that each individual experiences this period differently depending on her or his physical, emotional and cognitive maturation[...].

The second factor that complicates any definition of adolescence is the wide variation in national laws setting minimum age thresholds for participation in activities considered the preserve of adults[...].

The third difficulty in defining adolescence is that, irrespective of the legal thresholds demarcating childhood and adolescence from adulthood, many adolescents and young children across the world are engaged in adult activities such as labour, marriage, primary caregiving and conflict;”

Apesar de não haver um consenso em torno da definição desse termo, um aspecto que parece ser comum nesse período da vida é a convivência em diversos ambientes, principalmente na escola, que é o local onde os adolescentes passam grande parte do tempo. É nesse ambiente que eles formam as suas opiniões, fazem amizades e vão se descobrindo enquanto indivíduos⁷. É na escola também que percebemos que eles têm muitas dificuldades ao atravessar esse ciclo e que alguns deles veem na figura do professor, uma pessoa que pode auxiliá-los nesse momento. Ainda que passem muito tempo na escola, é perceptível que nem todos os adolescentes consideram o ambiente escolar um local em que eles se sentem à vontade para estar. Muitos deles acabam se isolando e procurando em outros lugares uma forma de se expressar.

Esse outro ambiente no qual eles procuram se expressar, e que sem percebe tem uma alta relevância na vida deles, são as redes sociais. Diferentemente da escola, as redes sociais aparentam agradar mais aos adolescentes, consideradas um ambiente *online*, e de fácil acesso, podem ser acessadas através do celular e podem dar uma sensação de liberdade aos seus usuários.

Os adolescentes e suas peculiaridades são fatores importantes quando queremos estudar as suas múltiplas identidades nos ambientes em que eles vivem. No tocante a esse trabalho, o foco se dará nos dois ambientes em que isso ocorre com uma maior frequência: o ambiente escolar e as redes sociais. O ambiente escolar, porque é o local em que a grande parte ou praticamente todos os adolescentes passam a maior parte do seu dia. E as redes sociais, devido ao grande número de adolescentes que estão conectados diariamente com a internet⁸. Essa informação pode ser comprovada através da pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), ao concluir que 72% dos adolescentes entre 13 e 14 anos e 78% dos adolescentes entre 15 a 17 anos utilizam a internet mais de uma vez ao dia. Pode-se então constatar que o adolescente passa a sua vida entre ambientes *online* e *offline*, não somente eles, mas os adultos também,

⁷ Isso ocorre não somente no ambiente escolar, mas em outros locais como igreja, academia, vizinhança e etc.

⁸ Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil – TIC Kids Online Brasil 2017.

porém o foco desse trabalho ficará somente nos adolescentes. Entretanto, é preciso destacar que alguns fatos expostos ao longo do texto se encaixam perfeitamente na vivência da maioria dos adultos.

Embora os ambientes *online* e *offline* possam ser caracterizados separadamente e utilizados nesse trabalho para se referir às redes sociais que utilizamos *online* (como por exemplo, *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, *Twitter*, etc.) e ao ambiente escolar respectivamente, está cada vez mais difícil fazer uma diferenciação entre esses ambientes no cotidiano das pessoas. Isso ocorre pelo fato de estamos conectados diariamente, mesmo não utilizando de forma direta a internet. No ambiente escolar, também estamos conectados, pois as mensagens chegam constantemente em nossos celulares, enquanto estamos ensinando ou enquanto os alunos estão assistindo às aulas. Porém, ao considerar o ambiente escolar como um ambiente *offline*, almeja-se significar como os alunos agem sem o uso direto da internet, pois o acesso a ela, em sua maioria, só é possível quando os educandos utilizam os seus celulares, *Ipads*, *tablets* e derivados tecnológicos.

O ambiente escolar está em constante transformação e, juntamente com ele, o ensino-aprendizagem dos adolescentes acaba sofrendo algumas mudanças. Antigamente, a escola tinha uma vertente de preparar os alunos para o mercado de trabalho, um ensino mais técnico e mecânico. Nos dias de hoje, percebe-se que há uma grande modificação nessa visão de ensino e os jovens são levados a pensar e a refletir sobre os assuntos estudados. Apesar de toda essa mudança, ainda se constata que as redes de ensino aparentam não estar preparadas para lidar com todas as transformações pelas quais os adolescentes passam (LANKSHEAR e KNOBEL, 2011; COPE e KALANTZIS, 1999).

No ambiente escolar, a tendência é que os adolescentes assumam a sua identidade de aluno e permaneçam até o final das atividades escolares. Porém, com as transformações físicas e emocionais que esse período acarreta para os jovens, eles podem acabar assumindo diferentes formas de identidade no seu dia a dia, dependendo do momento que eles tiverem vivendo dentro do ambiente escolar. Além disso, temos o ambiente *online* que tem uma influência notável na vida dos adolescentes, assim sendo, suas identidades *online* e *offline* estão intercambiando constantemente.

Afora o ambiente escolar, temos as redes sociais que são utilizadas

frequentemente pelos adolescentes⁹, principalmente com o desenvolvimento tecnológico dos celulares. Outra pesquisa realizada pelo Cetic.br constatou que 73% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos utilizaram as redes sociais em 2017. Em face disso, temos adolescentes conectados a todo momento, inclusive no do ambiente escolar. Conseqüentemente, para eles, esses dois ambientes são extremamente importantes em suas vidas, nos quais aprendem não só os conteúdos programáticos, como também aprendem a conviver com diversos tipos de pessoas. Acresce ainda que são os locais aonde eles mais expressam as suas múltiplas identidades e, em certos momentos, de forma que é praticamente impossível dissociar e reconhecer qual é a identidade *online* (real) e qual é a *offline* (virtual).

Durante o trabalho, ao fazer referência ao ambiente físico, destacamos lugares onde os alunos adolescentes possam estar presencialmente falando, como as escolas, casas, parques, igrejas, etc. Portanto, os adolescentes estão fisicamente presentes naquele ambiente junto com outras pessoas. O ambiente virtual seria as redes sociais, onde eles usam aquele espaço, aquele local de forma não-presencial fisicamente, mas que mesmo assim eles ocupam um espaço naquele ambiente, em que eles podem se expressar de diferentes formas levando com eles diferentes identidades. Consideramos, por conseguinte, que os locais físicos e as redes sociais são diferentes espaços. Isso por si só já é suficiente para que as identidades de um mesmo sujeito se manifestem diferentemente nesses espaços.

No que concerne aos sujeitos da pesquisa, os adolescentes analisados nesse trabalho têm entre quinze e dezessete anos, cursam o 3º ano do Ensino Médio, em uma escola particular de Aracaju-SE e possuem características físicas e econômicas diferentes. Esses fatos eram importantes para que tivéssemos um grupo heterogêneo de pessoas e para saber como eles lidariam com visões de mundo diferentes. Ademais, como o trabalho lidou com adolescentes que estão no ambiente escolar e utilizam as redes sociais, será adotado o termo aluno-adolescente em alguns momentos do texto.

Objetivos e perguntas de pesquisa

Como mencionado no início dessa dissertação, o estudo sobre os adolescentes está crescendo na academia e diante desse fato, o presente trabalho tem as seguintes

⁹ Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2017.

perguntas como norteadoras da pesquisa: Como se configuram as identidades do aluno-adolescente no ambiente escolar e nas redes sociais? Em que sentido elas se diferem ou se entrecruzam? Como os diferentes espaços (redes sociais e escolar) podem influenciar nas identidades dos adolescentes? Baseando-nos nas perguntas de pesquisa, temos como objetivo principal buscar compreender como se configuram as identidades do aluno-adolescente no ambiente escolar e nas redes sociais e de que forma elas se diferem ou se entrecruzam. Isso faz-se necessário porque são os dois ambientes em que eles passam a maior parte do seu tempo e aonde eles se relacionam com a maior parte das pessoas que eles conhecem. Em relação aos objetivos específicos, pretendemos: a) analisar a formação da identidade do aluno-adolescente; b) analisar de que forma os espaços (redes sociais e escolar) podem influenciar nessa formação da identidade; c) comparar a sua identidade dentro do ambiente escolar e das redes sociais através de um grupo do *WhatsApp*.

Metodologia

O presente estudo está sendo pautado na abordagem qualitativa-interpretativista, pois o projeto busca compreender como se configuram as identidades do aluno-adolescente no ambiente escolar e nas redes sociais e de que forma elas se diferem ou se entrecruzam. Nesse sentido, de acordo com Moita Lopes (1994),

Na visão interpretativista, os múltiplos significados que constituem as realidades só são passíveis de interpretação. É o fator qualitativo, ie, o particular, que interessa. Para se falar de generalização é necessário que esta seja entendida de forma diferente, já que não procede de uma causa observável. É uma generalização construída intersubjetivamente, que privilegia a especificidade, o contingente e o particular. Acredita-se que é impossível controlar as variáveis, [...], de modo que se possa demonstrar a causa de um fato observado. [...] Na visão interpretativista a padronização é vista como responsável por uma realidade distorcida, ie, construída pelos próprios procedimentos de investigação, que trazem à tona, portanto, resultados de investigação que absolutamente não interessam por não captarem a multiplicidade de significados que o homem atribui ao mundo social ao constituí-lo.

Por isso, os vários significados dos dados que irão surgir na pesquisa serão interpretados e reinterpretados.

A opção pela abordagem qualitativa foi motivada pelo fato de que os dados

que serão analisados não são fixos, isolados, inertes ou neutros. São fenômenos que se dão em um contexto fluente de relações, estando recheados de significados (CHIZZOTTI, 1991 apud CARRILHO JUNIOR, 2008). Os dados analisados serão coletados através de um grupo do *WhatsApp* e diário de campo das aulas assistidas.

Portanto, será feita uma pesquisa exploratória que tem como objetivo

proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002)

Essa pesquisa foi realizada em uma escola particular, localizada na zona oeste de Aracaju, que oferece os três segmentos (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), contempla alunos de diferentes classes sociais e é uma escola religiosa¹⁰. A referida instituição de ensino possui *datashow*, livro didático (sendo que os professores utilizam *Ipads*), quadra, ginásio e piscina esportiva, internet restrita aos professores utilizada por eles em qualquer aula, sala de informática, laboratório de química, teatro, auditório e biblioteca. Além disso, possui em seu quadro de funcionários uma psicóloga e uma psicopedagoga, coordenações pedagógicas e um número significativo de professores.

Os adolescentes analisados nesse trabalho têm entre quinze e dezessete anos, cursam o 3º ano do Ensino Médio, em uma escola particular de Aracaju-SE e possuem características físicas e econômicas diferentes. Esses fatos são importantes para que tivéssemos um grupo heterogêneo de pessoas e para saber como eles lidariam com visões de mundo diferentes. Isto posto, como o trabalho irá lidar com adolescentes que estão no ambiente escolar e utilizam as redes sociais, será adotado o termo aluno-adolescente em alguns momentos do texto.

A coleta de dados foi realizada em 2019 através de um grupo do *WhatsApp*, que foi feito com oito alunos (escolhidos aleatoriamente), da escola acima citada. Na ocasião, eles tinham entre quinze e dezessete anos, estudavam na mesma turma e estavam cursando o 3º ano do Ensino Médio. Esses alunos foram acompanhados

¹⁰ A escola tem como diretora e vice-diretora irmãs e durante o ano letivo são celebradas diversas missas, durante o horário das aulas, nas quais os alunos participam. Além disso, a escola é vinculada a Congregação Santa Teresinha.

durante as aulas de Inglês com o professor regente da turma durante o período de quatro semanas. Todos os alunos tiveram a autorização (Vide Apêndice A) assinada pelos seus responsáveis. Além disso, a escola também assinou uma autorização (Vide Apêndice B), dando ciência sobre a pesquisa. A fim de preservar as suas identidades, os nomes dos alunos serão alterados e serão nomeados Richard, Catarina, Miguel, Sofia, Maria, Álvaro, Pedro e Manuela.

O grupo do *WhatsApp* foi utilizado por cinco semanas, sendo que cada semana era exposto um tema, através de reportagens, vídeos e/ou imagens para os alunos debaterem. Escolhemos os temas baseando-nos em capítulos do livro didático dos alunos, por serem tópicos importantes para serem abordados no ambiente escolar e também pelos alunos falarem sobre eles nas suas redes sociais. A escolha específica de cada tema será melhor explanada no capítulo 4 desse trabalho no qual será realizada a análise dos dados obtidos. Enquanto mediadora, a autora desta pesquisa, não interferia nos debates feitos pelos alunos, apenas fazia questionamentos quando achava pertinente e importante para o desenvolvimento da pesquisa. No primeiro dia, algumas regras foram explicadas com o intuito de promover uma boa convivência no interior do grupo e de não atrapalhar o andamento da pesquisa. Sendo assim, foram fixadas as seguintes regras: 1) Os alunos poderiam falar da forma que eles quisessem, com gírias, abreviamento, etc. 2) Eles só deveriam responder quando tivessem tempo, ou seja, não poderia atrapalhar o momento de estudo deles. 3) Além de comentar por mensagem, eles poderiam mandar áudios curtos, imagens, memes, vídeos, links e outras reportagens que fossem pertinentes relacionados ao tema que estivéssemos debatendo naquela semana. 4) Era proibido compartilhar mensagens pessoais e/ou imagens que não estivessem ligadas ao propósito do grupo.

Após a exposição das regras, o primeiro tema foi apresentado e os alunos foram liberados para falar no grupo. É preciso enfatizar que, embora estivessem livres para emitir suas opiniões da forma que eles pensassem ser mais conveniente, o grupo era de uma certa forma administrado pela pesquisadora em questão e delimitado aos temas circunscritos, o que pode ter influenciado de alguma forma na performance dos sujeitos da pesquisa durante os debates.

Com o término do debate dos temas previamente definidos, foi realizada uma primeira análise com os dados provenientes dessa conversa e elaborado algumas perguntas específicas para serem respondidas por eles no mesmo grupo da rede social, criado anteriormente, para então obter uma melhor compreensão da análise

dos dados como um todo.

O primeiro tema debatido foi o uso da tecnologia em sala de aula e as reportagens apresentadas foram: “Escolas debatem se usar tecnologia em sala ajuda ou atrapalha alunos”¹¹ e “Parlamento francês aprova proibição dos celulares em escolas na França”¹². Alicerçados nas duas reportagens os alunos, sujeitos da pesquisa, expuseram as suas opiniões e debateram com os colegas durante uma semana. O segundo tema estava relacionado ao preconceito e para fundamentar esse tema foi escolhida a seguinte reportagem: “Aluno é barrado em escola municipal do Rio por usar guias do candomblé”¹³; além disso, foi exibido o vídeo “Criança é impedida de ser matriculada por causa do cabelo afro”¹⁴. A partir desse tema, os alunos poderiam discutir sobre qualquer tipo de preconceito, embora os textos/vídeos motivadores focassem na questão do negro e da religião. No terceiro tema foi abordado sobre o papel da mulher na sociedade e as reportagens foram as seguintes: “A importância da mulher na sociedade”¹⁵ e “Reportagem provoca ironia nas redes e questionamento sobre papel da mulher”¹⁶. O último tema debatido versou sobre a cultura brasileira, e foi embasado em uma reportagem intitulada “A importância de conhecer a diversidade cultural brasileira”¹⁷ e em uma imagem sobre a fala nordestina.¹⁸

Com relação ao diário de campo, este foi feito através das aulas assistidas do

¹¹ <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/08/escolas-debatem-se-usar-tecnologia-em-sala-ajuda-ou-atrapalha-alunos.html> acesso em março de 2019.

¹² <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/07/31/parlamento-frances-aprova-proibicao-dos-celulares-em-escolas-na-franca.ghtml> acesso em março de 2019.

¹³ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/09/aluno-e-barrado-em-escola-municipal-do-rio-por-usar-guias-do-candomble.html> acesso em março de 2019.

¹⁴ https://www.instagram.com/meublackepop/p/BvKm21fhVV8/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=1xepi0aqbj9zm acesso em março de 2019.

¹⁵ <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-importancia-da-mulher-na-sociedade.htm> acesso em abril de 2019.

¹⁶ <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/04/internautas-questionam-papel-social-da-mulher-em-campanha-2018bela-recatada-e-do-lar2019-6072/> acesso em abril de 2019.

¹⁷ <https://jornalggn.com.br/educacao/a-importancia-de-conhecer-a-diversidade-cultural-brasileira/> acesso em abril de 2019.

¹⁸ <https://www.instagram.com/p/Bs5jDgOAFi7/?igshid=hrr1rvsgi0ki> acesso em abril de 2019.

professor de inglês¹⁹ da turma dos alunos que estavam participando do grupo do *WhatsApp*, realizadas entre março e maio de dois mil e dezenove. As reportagens/vídeos/imagens eram liberadas no grupo às quintas-feiras e as aulas assistidas eram às terças-feiras. O professor reservava em torno de 25 a 30 minutos da sua aula para abordar sobre o tema previamente combinado, e para auxiliá-lo no desenvolvimento, ele trazia um arquivo de *slides* com o tema e perguntas pertinentes a esse tema, além de imagens e/ou vídeos. Depois de explicar sobre o tema abordado, o professor fazia perguntas aos alunos e tanto as suas respostas, como as perguntas feitas pelo professor, bem como a postura dele diante das respostas dos alunos compõem o diário de campo elaborado durante as aulas assistidas, utilizando o *Ipad* da referida pesquisadora. No que diz respeito ao material utilizado na aula pelo professor, uma parte era elaborado previamente pela pesquisadora em questão, porém ele tinha total liberdade para utilizar outros recursos. Igualmente, a forma como ele iria utilizar esse material era de sua inteira responsabilidade. Acresce ainda destacar que a turma era composta por 50 alunos, porém somente as falas dos 8 alunos participantes da pesquisa são as que serão analisadas. Salientamos que os dados do grupo do *WhatsApp* e das anotações feitas no diário de campo serão analisados no capítulo 4 desta dissertação.

Desenho do trabalho

Quanto à estrutura organizacional, este trabalho é composto, além da introdução e das considerações finais, de três capítulos. A introdução, primeiro capítulo, traz um panorama geral sobre o tema juntamente com as propostas e os objetivos da pesquisa. O segundo capítulo aborda a ideia de identidade, tendo como base as visões de Gee (2004) e uma adaptação feita em cima dos seus conceitos para uma melhor compreensão acerca das identidades dos adolescentes estudados nessa pesquisa. Todos esses conceitos focam na questão da identidade do adolescente e relaciona-os com as redes sociais e o ambiente escolar. O terceiro capítulo traz um panorama sobre o ambiente escolar e as redes sociais além de uma breve explicação sobre a aprendizagem móvel e como isso modificou o comportamento dos alunos em sala, como também o fato da necessidade de termos professores mais preparados para

¹⁹ A disciplina de Inglês foi escolhida pelo fato de ser da mesma área que a minha, pelo professor ter aceitado fazer parte da pesquisa e também porque dentro da aula de língua inglesa percebe-se que há uma possibilidade de se debater sobre qualquer tema.

lidar com esse novo público. O quarto capítulo aborda a análise da conversa do *WhatsApp* feita com os alunos e das aulas assistidas, baseando-se na fala deles nesses dois ambientes e como as suas identidades foram aparecendo e se modificando dependendo do tema e do ambiente no qual eles estavam. Por fim, as considerações finais trazem uma síntese das identidades dos oito alunos participantes desse trabalho.

IDENTIDADE

De acordo com Buckingham (2008), identidade é algo único para cada um de nós, é o que nos distingue das outras pessoas. A questão da identidade é algo que está cada vez mais velado nos debates acadêmicos, seja a identidade nacional, cultural, religiosa ou de gênero. Isso ocorre pelo fato de estarmos vivendo em uma sociedade diferente das outras, em que a sociedade moderna está em constante transformação e vem assumindo um caráter imediatista. Nesse sentido, é só observarmos o comportamento das pessoas, elas recebem as informações instantaneamente e com isso, querem que tudo seja resolvido de forma rápida e precisa. Além disso, os alunos tendem a gostar de atividades práticas e com resultados imediatos, que envolvam resoluções de situações/problema. Segundo Mercer (1990, p. 4 *apud* WOODWARD, 2014, p. 20) “A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”

Corroborando como esse ponto de vista, Bauman (2005) metafóricamente compara a identidade com o quebra-cabeça, essa metáfora é trazida para esse trabalho como um meio de explicar a ideia de identidade de uma forma mais palpável. Assim sendo, o quebra-cabeça tradicional já vem com a imagem final formada, e é a partir dela que vamos juntando as peças para chegar aquele resultado. Cada peça tem o seu “lugar” certo e ela não pode ser mudada, ou então, não encaixará no jogo. Com relação a identidade, enquanto um quebra-cabeça, não temos uma imagem final na qual devemos nos espelhar, pois as peças vão sendo criadas ao longo da vida do indivíduo e se encaixando. Porém, aqui surge a grande diferença, as peças não são fixas e sim maleáveis e elas vão se agrupando e reagrupando formando outras imagens, dependendo da necessidade que o indivíduo encontrar ao longo da vida. A ideia é que se chegue à uma imagem ou resultado final, porém com as modificações que serão feitas ao longo do tempo, isso não será possível. Com essa metáfora, Bauman quis mostrar que é possível comparar a formação da identidade com um quebra-cabeça, porém sabendo que ele é incompleto e que podem faltar peças, entretanto nunca saberemos quantas e quais são.

A ideia de que a identidade é algo fixo e estável já foi refutada por vários autores como Bauman (2005), Buckingham (2008), Giddens (1991), Hall (2011), entre outros. Bauman afirma que a identidade não tem solidez, não são garantidas

para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis. Além disso, Bauman (2005, p.60) defende que:

Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha. Seria um presságio da incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo. Para resumir uma longa história: seria uma receita de inflexibilidade.

Hall (2011, p. 13) corrobora com esse pensamento quando diz que:

A identidade não é fixa, essencial ou permanente. A identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] Identidades diferentes em diferentes momentos.

Giddens, por sua vez, reforça que a identidade é fluída, maleável. (GIDDENS, 1991 *apud* BUCKINGHAM 2008, p. 9). E, ainda sob o mesmo ponto de vista, Hall aponta que (2014, p. 108):

As identidades não são nunca unificadas; elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Portanto, conforme os autores elencados acima, as identidades vão se modificando ao longo do tempo, de acordo com a “necessidade” do indivíduo naquele momento fortalecendo a ideia de múltiplas identidades, isso porque dependendo da ocasião é que uma identidade ou outra vai se destacar (seja ela racial, de gênero, religiosa, cultural, dentre outras) para aquele indivíduo.

Se a identidade é algo complexo, algo que buscaremos e modificaremos para o resto da vida, é ainda mais intenso para o adolescente que está vivendo em uma fase transitória, na qual várias coisas estão acontecendo simultaneamente e eles não sabem como lidar em várias situações. Consoante Buckingham (2008, p. 1), um dos aspectos que mais se destacam nesse período é a dúvida entre “o ser eu mesmo” ou “encontrar o verdadeiro eu”. Ou seja, é a ideia de quem eu sou (ou penso que sou) de acordo com

meus pensamentos e valores, sendo que essa ideia variará dependendo da situação social em que a pessoa se encontrar. Ou ainda é a busca pelo que consideramos que talvez seja o meu verdadeiro eu e essa busca será realizada na plenitude do tempo – na infinitude (BAUMAN, 2005, p. 16).

Logo, na adolescência, que é um período de conflitos internos e externos, mudanças de humor e comportamentos, nem sempre adequados, temos um problema com relação à identidade. Nessa fase, o adolescente precisa do reconhecimento e da confirmação dos outros para que sua identidade seja desenvolvida. E isso é uma grande adversidade nesse período para uma parte deles, pois alguns possuem demasiada necessidade de serem reconhecidos e reafirmados, e essa necessidade possibilita algumas atitudes não condizentes com quem eles pensam que são, apenas como uma tentativa de se encaixar no mundo. Por outro lado, podemos ter um outro grupo de adolescentes que por refutarem a ideia de que precisam ser reconhecidos e aceitos, tendem a se isolar e acharem que, dessa forma, poderão ser quem eles pensam que são.

Algo que precisa ser levado em consideração ao tratar sobre identidade é a questão de que a identidade não pode ser considerada neutra, afinal é através da forma na qual nos posicionamos perante as situações que vivemos (sejam elas *online* ou *offline*) que vamos construindo a nossa identidade. Se para nós, enquanto adultos, ainda há mudanças na nossa identidade, para os adolescentes é algo latente, uma vez que toda a construção feita para se chegar a identidade é árdua, principalmente pelo fato de que eles têm que encarar tantos questionamentos ao longo desse período e por sua fragilidade emocional.

A identidade se manifesta a partir da diferença com as outras identidades, é nesse momento em que ela aparece. De acordo com Woodward (2014, p.40)

Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.

Portanto, por conta de os adolescentes sempre estarem em constante mudança daquilo que são (ou pensam que são), daquilo que gostam (ou pensam que gostam), as diferenças acabam surgindo naturalmente e com isso as diferentes identidades também acabam sendo manifestadas. Silva (2014) corrobora com essa ideia de que a

identidade se manifesta a partir da diferença, para ele identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.

Como já foi dito, todos nós temos múltiplas identidades, principalmente os adolescentes, por estarem justamente na fase das buscas e descobertas. Com isso, essas diversas identidades podem entrar em conflito, a partir do momento que é exigido por uma identidade, interferir nas exigências de uma outra. Com relação aos adolescentes, isso pode acontecer no ambiente escolar, por exemplo. Nesse ambiente, eles assumem a sua identidade de aluno, porém em alguma situação na escola, a sua identidade racial ou de gênero, por exemplo, pode prevalecer e entrar em conflito com a identidade de aluno. Um exemplo real desse fato aconteceu na escola em que essa pesquisa foi desenvolvida. Um aluno negro estava no ambiente escolar, pressupõe-se, dessa forma, que ele estava convivendo dentro da sua identidade de aluno, contudo, um trabalho realizado por outras turmas sobre expressões de preconceito o incomodou de modo que a sua identidade racial entrou em conflito com a sua identidade de aluno. Logo, as frases que mostravam o preconceito que ocorre no nosso cotidiano fez com que esse aluno se “rebelasse” e não concordasse com o que estava sendo exposto na apresentação do trabalho.

A situação apresentada acima provavelmente não ocorreria em um mundo virtual, na perspectiva em que GEE (2004) acredita. Para ele, enquanto estão jogando um jogo, as pessoas se unem pensando primeiramente e majoritariamente em alcançar o objetivo do jogo digital. Então, questões identitárias conflitantes como raça, gênero, nação, etnia, cultura, entre outras, ficam em segundo plano nesse ambiente e concernetes às identidades virtuais.

Um outro aspecto importante nessa discussão sobre o período da adolescência é a diferença entre o “*becoming*” e o “*being*”. Primeiramente, é necessário compreender que essa diferença ocorre em todos os estágios da vida, entretanto, é na adolescência que essa diferença é mais encoberta. Assim, precisamos ter em mente que a adolescência é um período de transição entre o que se considera ser a infância e o período adulto. Consequentemente, por ser um estágio de transição, é como se os adolescentes não conseguissem “ser” alguém e sim “tornar-se” alguém através dos dilemas que eles estão vivendo nessa fase. Eles precisam estudar para ter uma carreira no futuro, precisam descobrir-se, seja no aspecto racial ou de gênero, entre outros fatores. É como se tudo que eles vivessem nesse período fosse transitório, então eles

não conseguem “ser” nada e sim ir se “tornando”, se transformando ao longo desse período até formarem as suas múltiplas identidades, que como vimos, continuarão não sendo fixas e poderão sofrer mudanças para o resto de suas vidas.

Adolescência e Identidade

A adolescência é a etapa da vida da qual os adultos mais sentem falta e que os adolescentes querem que acabe logo (BAUMAN e LEONCINI, 2018). É o tempo em que nos lembramos de quando não tínhamos nenhuma preocupação e obrigação, nosso dever era único e exclusivamente estudar²⁰. Porém, enquanto vivemos a adolescência passamos por tantas transformações (físicas e mentais, principalmente), além de passarmos por vários tipos de julgamentos. Percebemos que, atualmente, está cada vez mais difícil ser adolescente. Na época em que alguns de nós éramos adolescentes (10, 15 anos atrás), o *bullying*, por exemplo, não estava em pauta como nos dias de hoje, nem mesmo as redes sociais existiam, e íamos sobrevivendo a esse mundo. Então por que será que sentimos falta?

A duração da adolescência é algo questionável, definimos a entrada a partir das mudanças fisiológicas, porém em qual momento saímos dessa fase? Quando concluímos a escola? Quando começamos a trabalhar? Quando as mudanças fisiológicas típicas da época se encerram e podemos ser considerados adultos? Independentemente de quando a adolescência termina, um fato é certo: é um período de insegurança que gera uma dificuldade de se relacionar, principalmente com pessoas mais velhas. É um período em que a opinião dos outros é até mais importante do que a própria; e o propósito final é ser reconhecido enquanto adulto, para então fazer parte de uma nova comunidade.

Os adolescentes vivem em constante experimentação, eles assumem uma identidade e, depois de um certo tempo, ela pode ser modificada passando a assumir uma outra e, assim, em um processo contínuo. Isso ocorre porque nós nunca saberemos se a nossa identidade pode ser melhorada nem mesmo se encontraremos uma melhor versão da que estamos “utilizando” hoje, por exemplo. É preciso deixar claro que essas mudanças de identidade não necessariamente estão ligadas às mudanças de comportamento, pois eles podem mudar seu comportamento e não necessariamente ter uma influência nas suas identidades. Além disso, “comprometer-

²⁰ Nem todos os alunos presentes nesse estudo podem exclusivamente só estudar, eles têm outras obrigações, como por exemplo trabalham como *digital influencer*, são esportistas profissionais, etc.

se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter. ” (BAUMAN, 2005, p.96). Portanto, é isso que acontece com a identidade dos adolescentes, elas vão “mudando de forma”, ou seja, se modificando de acordo com a necessidade do momento. Um dia, os indivíduos estão de uma forma, apoiam certas causas, tem certos gostos, no dia seguinte, já mudaram tudo e não desfrutam mais as mesmas coisas, comprovando a ideia de identidade líquida de Bauman (BAUMAN, 2005).

Essas constantes mudanças na identidade vêm sendo estudadas há muitos anos. Entre os estudiosos sobre identidade temos James Paul Gee que trabalha com a ideia de identidade voltada para o videogame, ou seja, os seus conceitos são baseados em jogadores. Entretanto, esses mesmos conceitos serão utilizados como base para esse trabalho, já que também se trata de um ambiente virtual, mesmo não trabalhando com jogadores, mas com adolescentes. Gee (2004), traz três conceitos de identidade: a identidade virtual, a identidade real e a identidade projetada. De acordo com Gee (2004), a identidade virtual é a que a pessoa assume ao jogar um jogo de vídeo game, que pode ser totalmente diferente da sua identidade real. A identidade real, por sua vez, é a identidade do dia-a-dia que, de acordo com o próprio autor, pode ser múltipla destacando-se a que for relevante para o indivíduo enquanto jogador. Já a identidade projetada é quando a pessoa projeta os valores e desejos no personagem virtual.

Compreendendo esses conceitos e fazendo uma adaptação para a realidade desse trabalho, percebemos que a identidade virtual seria quando os adolescentes a assumem quando podem ou precisam, mas nem sempre ela é aceita e que ela, embora seja virtual, não precisa ser necessariamente em um ambiente virtual. A identidade real seria a que eles demonstram no seu dia-a-dia, a ideia é a mesma apresentada por Gee (2004). E identidade a projetada poderia ser considerada uma mistura entre a virtual e a real em certos momentos e utilizadas em situações hipotéticas. A identidade projetada combina dois sentidos da palavra “projeto”: “projetar seus valores e desejos na personagem virtual” e enxergar nessa personagem um “autoprojeto” em andamento, “uma criatura à qual eu atribuo uma certa trajetória através do tempo e que é definida pelas minhas aspirações por aquilo que eu quero que aquela personagem seja ou venha a ser” (GEE, 2007 *apud* ZACCHI, 2018, p. 116). Por mais que as identidades possam ser conceituadas separadamente, elas não aparecem isoladamente, mas, em geral, se combinam de diferentes formas e em

diferentes momentos, dentro e fora do jogo (ZACCHI, 2018), ou seja, em certas situações fica praticamente impossível fazermos uma dissociação.

Na escola, os adolescentes, na sua maioria, podem ser criticados e com isso tendem a não demonstrar quem realmente são. Logo, a identidade assumida por eles nas redes sociais (a identidade virtual) pode até ser considerada, em alguns casos, como a sua identidade real. Já que eles não podem demonstrar quem são no seu "mundo real", então eles utilizam o mundo virtual (leia-se redes sociais) para isso, uma vez que nesse mundo não são julgados de forma direta. Além do mais, a sua identidade virtual pode ser mais atrativa, pois as redes sociais fornecem para os adolescentes o tempo e as ferramentas necessárias para a criação de identidades virtuais atrativas, assim como eles têm um público para visualizá-los e respondê-los. Aqui também podemos verificar a identidade projetada, afinal, se na identidade real não se pode mostrar quem é ou queria ser, então se projeta os seus valores, ideais e pensamentos na identidade virtual ao assumi-la nas redes sociais, como forma de se tornar sua melhor versão (BOYD, 2014). Igualmente, o adolescente leva consigo as suas experiências e em certo momento a identidade projetada pode até ser considerada “sonhadora” ao transpor algo que os alunos-adolescentes não conseguem assumir por diversas razões.

Da mesma forma que podemos utilizar a identidade projetada até incorporá-la definitivamente à identidade virtual, a identidade que demonstra ou passa a ideia de que é a real, pode, na verdade, ser uma identidade projetada para as pessoas se aceitarem naquele ambiente e conseguirem se encaixar em algum ciclo social, ou simplesmente evitar de ter que ficar dando explicações, caso ele demonstre ser quem ele é. E com isso, a identidade que os adolescentes assumem no mundo virtual pode ser na realidade a que eles realmente gostariam de assumir como a sua identidade real ou, ao menos, uma delas. Pensando que os adolescentes têm múltiplas identidades e que por viverem em um mundo pós-moderno, ou seja, em uma sociedade em que aparentemente tudo tem a tendência de ocorrer de forma rápida e constante, eles tendem a assumir a identidade que melhor lhes convir, dependendo do ambiente e do que for relevante naquele determinado momento. Ressaltamos que esses conceitos serão melhor exemplificados no capítulo 4.

Nas redes sociais, temos a capacidade de criar diversas identidades virtuais, é como se fosse um *playground* no qual os alunos “brincam” de testar novas identidades de forma livre e que não necessariamente terá alguma repercussão no mundo *offline*

(GARDNER e DAVIS, 2013). É como se eles fossem se modificando dependendo da necessidade que eles encontrarem no mundo virtual, a exemplo dos jogos em que os jogadores vão montando os personagens de acordo com as necessidades para se chegar ao objetivo final. Além disso, os adolescentes ao assumirem as suas identidades virtuais, decidem o que eles querem destacar naquele mundo, não há como as pessoas comprovarem se o que prevalece realmente é quem aquela pessoa é.

O período de adolescência é um período de transição, no qual os adolescentes estão descobrindo diversas coisas sobre si. É o momento em que seus valores e ideais estão se formando e consolidando para a vida adulta, o momento em que definem a sua sexualidade e tomam uma decisão extremamente importante de escolher uma profissão para o futuro. De acordo com Erikson a adolescência é um período crítico de formação identitária, em que os indivíduos passam por incertezas, tornando-se mais conscientes das suas forças e fraquezas e tornando-se mais confiantes nas suas qualidades únicas (ERIKSON, 1968 *apud* BUCKINGHAM, 2008, p. 2).²¹ (onde a citação começa e termina?)

A ideia que nós temos hoje do que seria a adolescência é algo recente, historicamente falando, pois para os povos antigos não se tinha essa diferenciação. Para Buckingham (2008) “A juventude (adolescência) como conhecemos hoje é uma construção social e histórica mais do que um estado de ser.” Segundo ARIÈS (1986 *apud* SALLES, 2005)

A especificidade da adolescência foi reconhecida e emergiu com a escolarização, que supõe a separação entre seres adultos e seres em formação, com a família burguesa que separa o espaço familiar do exterior e com a progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho. Esse processo que se iniciou nas classes sociais mais abastadas estendeu-se para toda a sociedade e se impôs como um modelo que atingiu toda a organização social.

Portanto, a adolescência pode ter o seu início aproximadamente com a entrada dos alunos nos 7º/8º anos (em torno de 12,13 anos) e saindo da escola para a faculdade e/ou o mercado de trabalho. Só que a questão aqui é que grande parte dos jovens, de uma maneira geral, estão demorando mais a entrar no mercado de trabalho,

²¹ Tradução própria. Trecho original: Erickson therefore sees adolescence as a critical period of identity formation, in which individuals overcome uncertainty, become more self-aware of their strengths and weaknesses, and become more confident in their own unique qualities.

pois a maioria opta por terminar a faculdade para só depois trabalhar e, alguns poucos, ainda estendem o período de estudos²². Realidade que aos poucos vêm se modificando devido às mudanças políticas e econômicas do país. Talvez, esses dados se modifiquem em breve, já que um número considerável de jovens terão que buscar trabalho mais cedo, principalmente os de classes econômicas menos favorecidas. Logo, fica impossível definirmos exatamente um fim para a adolescência, na verdade não só o final, mas também o início. Percebe-se que algumas crianças entram mais cedo no que a modernidade entende como adolescência devido ao desenvolvimento físico e ao uso contínuo das tecnologias. Por outro lado, outras demoram mais a se desenvolver, talvez porque se mantêm em um mundo de “conto de fadas” por mais tempo e evitam esse mundo confuso, indeciso e líquido que os adolescentes enfrentam diariamente.

A identidade do adolescente é continuamente modificada, pois eles estão em constante mudanças e reafirmações tentando se descobrir nesse mundo que nada é fixo, por conseguinte, as suas identidades são além de múltiplas, líquidas, ou seja, não são fixas. Eles lidam com decisões como por exemplo, de gênero, a carreira que vão seguir no futuro, que pode ir se modificando à medida que eles vão se relacionando com outros grupos. Outra característica que precisa ser levada em conta é a cultura consumista que nós temos atualmente, pois os adolescentes que já são indecisos e bastante influenciáveis acabam moldando sua identidade diante das escolhas feitas, baseadas no que estiver na moda. Segundo Bauman e Leoncini (2018, p.23), “a vestimenta assinala a própria capacidade e disponibilidade de renunciar aos símbolos da identidade em favor de outros, e de imediato; permite e demonstra até a própria capacidade de encarnar paralelamente uma série de identidades diferentes.”

Com as novas tecnologias os adolescentes passaram a ter uma identidade que é assumida em um ambiente diferente daquele em que ele estava familiarizado a viver/conviver, a identidade virtual (quando eles utilizam as redes sociais, por exemplo). Para Bauman e Leoncini (2018, p. 61-62):

A necessidade dos jovens de então, assim como a dos de hoje, de experimentar particular interesse por todas as realidades que encurtam ainda mais as distâncias espaciais e aceleram o percurso de seleção e recrutamento dos parceiros sexuais, a favor de um

²² O Brasil tem 122.295 estudantes de pós-graduação, dos quais 80.331 são de mestrado e 41.964 de doutorado. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/2583-sp-2021081601> acesso em julho de 2019.

extradomínio do tempo sobre o espaço. WhatsApp, Telegrama, Snapchat, Messenger têm esta grande função: reduzem nossos prazos, nos fazem chegar com muito mais rapidez ao objetivo desejado; são processos instantâneos que confirmam como nunca antes o fim das distâncias espaciais, determinando como único e sutil obstáculo a barreira temporal.

Os jovens de hoje aparentam gostar da praticidade e rapidez nas ações realizadas, por isso tanta identificação com as redes sociais. Isso ocorre devido à agilidade que eles tanto prezam, seja para se relacionar através de mensagens com alguém, para assistir vídeos sobre diversos assuntos ou saber as últimas novidades nos jogos. Enfim, essa flexibilidade que as redes sociais trazem é algo que condiz com a ideia de adolescência que temos.

Assim sendo, a partir de agora temos dois mundos, o *online* e o *offline*. A ideia de dois mundos não quer dizer que os adolescentes vivam ou em um ou em outro, pelo contrário, suas identidades real e virtual se confundem ao longo desse período, principalmente por estarem conectados o tempo todo, fica quase impossível fazer uma dissociação. De acordo com Bauman e Leoncini (2018, p.68), é no mundo *online* que

somos induzidos, solicitamos e aliciados a construir com nossos modos e meios, valendo-nos dos instrumentos, estratégias e expedientes fornecidos apresentado enfaticamente, e com demasiada frequência experimentado, como se fosse meu. Posso ao menos em parte projetar sua forma e seus conteúdos; posso cancelar e excluir dele os fragmentos indesejados, incômodos, que me criam desconforto; posso monitorar performances e me livrar das coisas que não conseguiram satisfazer os padrões prefixados por mim.

Ou seja, é nesse mundo *online* no qual eles assumem a sua identidade virtual, que podemos nos referir a uma identidade projetada (GEE, 2004), pois como Bauman cita, os adolescentes projetam nesse outro mundo suas formas, seus conteúdos e aquilo que não lhes agrada na sua identidade real ou no seu mundo *offline*. Esses dois mundos estão tão intrinsecamente ligados e difícil de separá-los, que, enquanto pesquisadores, levantamos o questionamento sobre até que ponto a identidade que eles usam nesse mundo *online* é realmente a sua identidade virtual e não a real, ou se é simplesmente uma identidade projetada.

A identidade dos adolescentes e as redes sociais

O período da adolescência, como dito anteriormente, é um período de transformação, momento em que as diferenças de um para outro começam a ser notadas com mais clareza. Igualmente, todas aquelas questões (Quem eu sou? Do que eu gosto? No que sou diferente do outro?) começam a vir à tona com mais profundidade e com uma necessidade de resposta mais rápida e urgente, fato esse que se acentua cada vez mais com o ritmo de vida que levamos e com o avanço das novas tecnologias em que tudo no mundo necessita ser imediatista. Envoltos a essa realidade, o adolescente está em constante busca por uma identidade, um autoconhecimento e, nos dias de hoje, uma das formas de se fazer isso, seja de forma consciente ou não, é através das redes sociais. Ao criar novas identidades virtuais, lembrando que isso não quer dizer que essas identidades se restrinjam às redes, eles tentam de alguma forma responder as perguntas mencionadas no início deste parágrafo. Por não conseguir responder essas perguntas no mundo *offline*, esses adolescentes estão se valendo do seu mundo *online* para isso, fato que pode ser observado ao acompanhar as redes sociais de alguns adolescentes. Nas redes sociais desses jovens, as postagens vão se modificando à medida que novas tendências vão surgindo e também ao tentarem ir se encontrando (ao responder a pergunta Quem eu sou?) e se “encaixando” naqueles grupos em que eles sentem que podem pertencer (ao responder as perguntas Do que eu gosto? No que sou diferente do outro?).

Para a construção da identidade, o foco desse trabalho, nesse momento é necessário compreender que para o adolescente possuir essa noção de que há uma diferença entre eles é fundamental. Na medida em que se precisa saber o que é diferente com a finalidade de se identificar com aquele que possui "algo" similar, precisa-se de uma ideia de identificação, pertencimento a um grupo. E nesse estágio da vida é fundamental essa ideia de identificar-se com algo ou com o outro, é assim que a identidade dele vai sendo desenvolvida, através do olhar do outro. Essa asserção é evidenciada nas redes sociais, aonde eles se expõem de diversas formas e vão buscando pessoas e/ou páginas que tenham algo em comum com eles e, ao mesmo tempo, repudiam aquelas pessoas e/ou páginas que não têm a mesma relação, nas suas concepções. É preciso deixar claro que mesmo no interior das redes sociais eles podem se portar de forma diferente, pois o adolescente consegue compreender a diferença entre as redes sociais, o contexto social de cada rede, seja *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, etc, e vão agindo de acordo com a rede em que estão (BOYD, 2014), da mesma forma que as identidades vão se modificando entre as mudanças

do mundo real e virtual.

Quando os adolescentes criam seus perfis *online*, eles precisam entender que não só o que eles postarem enquanto indivíduos irá afetá-los, mas os comentários feitos em suas fotos e/ou vídeos e/ou textos também influenciarão nessa autorrepresentação criada por eles através dos seus perfis, afetando na maneira como eles irão se portar nesse mundo virtual e conseqüentemente nas suas identidades. Contudo, a forma como os adolescentes serão afetados vai depender de em qual rede social ele estiver. Como vimos, eles são conscientes das diferenças que existem nas redes sociais, eles vão mudando, se adaptando e destacando aquilo que mais for conveniente para eles.

À vista disso, a partir do momento em que o adolescente está tentando se identificar (se descobrir) ele acaba entrando ou passando por situações de conflito com os outros e principalmente consigo mesmo. Essas situações de conflito vão gerar uma busca pelo "eu", ocasionando numa "crise de identidade" (ERICKSON, 1976 *apud* BUCKINGHAM, 2008, p.3), pois os conflitos com que eles estão lidando são dos mais diversos tipos (valores, ideais, carreira, gênero, etc.). Assim, durante essa crise eles passam por vários momentos de autorreflexão e autodefinição que vão solidificar a sua identidade e solidificará também a base da(s) sua(s) identidade(s) para o resto da vida. Porém, antes da solidificação, muitos cenários ainda irão ocorrer, o adolescente passará por muitos momentos de transição, à medida que ele for se relacionando com diversos grupos.

Nessa busca pela qual o adolescente passa e pela procura de um grupo no qual ele se encaixe, as redes sociais vêm tendo um papel importantíssimo, pois são nelas que os adolescentes também procuram se relacionar com outras pessoas e/ou grupos durante essa busca. Vimos anteriormente que temos dois mundos (*online* e *offline*) e que vivemos dentro deles simultaneamente, todavia, para nós, e principalmente para os adolescentes, é como se não houvesse essa separação de mundos diferentes (GARDNER e DAVIS, 2013). Com isso, eles vão se relacionando nesses mundos à procura de sua identidade, do seu "eu" e, por muitas vezes, não serem compreendidos no seu mundo *offline*, é no *online* que eles são sinceros, incluídos em um discurso mais coerente, mais fiel à realidade (o que eles pensam e acreditam), pois nesse ambiente os jovens se sentem mais seguros para compartilhar as suas experiências, seus sentimentos, tirar dúvidas, e se socializar. A socialização é, pois, algo muito importante e ocorre frequentemente dentro dessas redes e será abordada com mais

profundidade no capítulo 3, quando se discutirá a construção das redes sociais enquanto ambiente ao qual alunos-adolescentes pertencem.

Nas redes sociais temos o que Gee (2004) traz como a identidade virtual, conceito utilizado para se referir aos jogos, porém, ao passo que as redes sociais estão no que denominamos de mundo *online*, será aplicado esse conceito. O adolescente, como mencionado acima, passa por um "período de crise" na busca da sua identidade, passando por um período de autoreflexão e autodefinição (ERIKSON, 1968 *apud* BUCKINGHAM, 2008). Por causa dessa busca, esse ser acaba se relacionando com diversos grupos, inclusive com os mesmos grupos tanto *online*, quanto *offline*, mas tendo comportamentos diferentes, posto que os ambientes nos quais eles convivem no mundo *online* e *offline* são diferentes. Então, a partir do momento que eles "entram" no mundo *online*, no ambiente virtual, no ambiente das redes sociais, eles tendem a se portar de maneira diferente, se sentindo mais livres e sem a preocupação de julgamentos. Isso ocorre porque há uma "tela" que os separam dos outros, ou seja, não há um contato visual ou físico, e até mesmo porque naquele ambiente todos podem estar ou pelo menos acreditam que estejam em um mesmo patamar (BOYD, 2014; GARDNER E DAVIS, 2013).

Essa questão de estar no mesmo patamar aparenta ser um tópico complicado atualmente, pois sabemos que o que destaca uma pessoa da outra nas redes sociais são os *likes*. Sendo assim, até mesmo os adolescentes querem esse destaque, ou seja, eles querem que sejam seguidos por mais pessoas, que tenham mais *likes*, mais visualizações. Entretanto, neste trabalho, as redes sociais não serão abordadas com esse viés, o intuito do trabalho é mostrar as diferenças da identidade do aluno-adolescente nas redes sociais e no ambiente escolar, logo, nessa perspectiva, o fato deles terem mais *likes* ou não, não terá diferença. Será pertinente ao trabalho quem são as pessoas para quem eles dão esses *likes*, quais são as páginas que eles seguem, como eles se portam nas das redes sociais, como eles se relacionam, como eles buscam o conhecimento, etc. Sob esse viés, Calligaris (2000, p.57) afirma que:

Os adolescentes se reúnem em grupos que podem ser mais ou menos fechados, mas sempre apresentam ao mundo uma identidade própria, diferente do universo dos adultos e dos outros grupos. No mínimo, são comunidades de estilo regradas por traços de identidade claros e definidos, pois os membros devem poder pertencer a elas sem ter de coçar a cabeça se perguntando: "Mas o que será que os outros querem para me aceitar?" Os grupos têm,

portanto, em comum um *look* (vestimentas, cabelos, maquiagem), preferências culturais (tipo de música, imprensa) e comportamentos (bares, clubes, restaurantes, etc)

No trabalho apresentado por El-Dash e Busnardo (2001) sobre as atitudes dos brasileiros perante a língua inglesa, no tocante as dimensões de solidariedade e status, foi notado que existia um grupo com um número alto de adolescentes que se identificavam com falantes de uma língua estrangeira no quesito de solidariedade. Isso pode ter ocorrido devido ao fato da identificação de uma cultura popular que chega até os jovens através da mídia. Desse modo, na verdade, a identificação não está relacionada com os nativos da língua inglesa em si, mas a cultura que é veiculada para nós (brasileiros). É esse ponto que Calligaris está abordando acima, as comunidades que são formadas baseando-se em algo em comum, portanto os adolescentes da pesquisa de El-Dash e Busnardo se identificam com algo imaginário que é passado para eles como uma cultura estrangeira. Esse fato pode estar relacionado a diversos fatores, ao *look*, as músicas, a cultura, etc., além disso, assim como El-Dash e Busnardo perceberam em seu trabalho, Calligaris diz que as identidades próprias apresentadas pelos adolescentes são diferentes do universo dos adultos.

Para Weber e Mitchel (2008, p.27) podemos comparar o uso das novas tecnologias como um modelo para a construção das identidades, pois ao utilizar as novas tecnologias deixamos marcas do que fizemos, onde estamos e o que nós gostaríamos de ser. O processo de identidade funciona nessa mesma perspectiva, tínhamos uma identidade que vai se modificando no presente e sofre influências do que gostaríamos de ser. Da mesma forma, nas mídias digitais vamos utilizando o que já aconteceu com o que está acontecendo, de modo similar, fazemos isso com a(s) nossa(s) identidade(s), porém, em uma proporção totalmente diferente. Assim, as mudanças que ocorrem nas mídias digitais tendem a ser instantâneas. Por outro lado, temos as identidades que se modificam em um tempo diferente, um tempo único para cada pessoa, e também dependendo do contexto no qual ela está inserida.

Existem algumas mudanças que podemos apontar com relação à identidade dos adolescentes da atualidade para os da década de 1990. Dando um depoimento pessoal, Boyd (2014) diz que ela ia para o mundo *online* para escapar do chamado mundo real. Ela sentia que as pessoas não a entendiam na escola, mas *online* ela poderia retratar a pessoa que ela gostaria de ser, assim, inventava identidades fictícias para tentar descobrir quem ela era. Ainda de acordo com a visão da autora, nos dias de hoje vários

adolescentes vão para as redes sociais para conversar com os amigos que eles conhecem do “mundo real”, as suas identidades *online* e *offline* estão intrinsecamente conectadas, fator que na década de 1990 era menos comum.

A identidade dos adolescentes e o ambiente escolar

É notável que a construção da identidade está relacionada às diversas características que fazem parte da nossa vida, como por exemplo a raça, etnia, gênero, dentre outros. Um fator muito importante e que influencia direta ou indiretamente nessas questões é o ambiente no qual o adolescente está inserido. No item anterior, abordamos o tópico da identidade do adolescente nas redes sociais, neste abordaremos o ambiente escolar.

Obviamente os adolescentes convivem em outros ambientes, além das redes sociais e o ambiente escolar, há o ambiente familiar, que tem muita importância na construção da(s) sua(s) identidade(s), a igreja, a rua, casa de amigos e parentes, entre outros. Todos esses lugares com um grau maior ou menor influenciam essa(s) identidade(s). Entretanto, o intuito do trabalho é focar nesses dois ambientes: as redes sociais e o ambiente escolar. Afinal, como estamos lidando com alunos-adolescentes, esses são os dois lugares nos quais eles passam a maior parte desse período da vida. No entanto, é preciso deixar claro que essa não é a realidade de todos os alunos-adolescente, visto que alguns desses indivíduos precisam trabalhar em horário oposto ao da escola.

Assim, o ambiente escolar possibilita que vários tipos de interação ocorram, a exemplo da interação: aluno-aluno, aluno-professor, aluno-coordenador/diretor. E em cada tipo de relação, em cada processo de interação há uma construção de sentidos para o adolescente. Mesmo todas essas relações ocorrendo no mesmo ambiente escolar, possuem sentidos e significados diferentes, pois cada uma delas contribuem para a construção da identidade desse adolescente. Além disso, o ambiente escolar é muito importante na vida do aluno, é nele que se passam muitos anos da sua vida, onde há troca de experiências e saberes, é lá que eles se formam enquanto pessoas e é onde eles fazem amizades que podem durar para o resto da vida. Portanto, para além das instituições, as escolas são “comunidades de vida e de destino”, cujos membros vivem juntos e numa ligação absoluta (BAUMAN, 2005), independentemente dessa convivência ser pacífica ou não. Em relação a isso, o *bullying*, por exemplo, forma de violência que sempre ocorreu, teve sua abordagem modificada ao longo do tempo,

hoje se fala mais sobre esse tema, tanto nas escolas quanto nas redes sociais. Com podemos perceber, a escola deixa marcas no adolescente para o resto da vida, e elas de alguma forma moldam a(s) sua(s) identidade(s).

Embora o ambiente escolar seja rígido e tenha regras e normas para funcionar, é nele que o aluno-adolescente começa a criar os seus grupos, começa a ter a sensação do que realmente significa pertencer a um grupo, e isso ocorre de acordo com os seus interesses. É nesse momento em que ele busca pessoas com as mesmas características (roupas, penteados, música, gênero, classe social, raça, etnia, etc.) e percebem o que é diferente daquilo que se acredita. Como os alunos adentram à escola em torno de dois anos de idade, nesse momento eles não têm muita noção das diferenças, mas quando crescem começam a se identificar com certas pessoas e/ou grupos, ainda que não seja algo que eles tenham consciência do que estão fazendo. Isso não significa que eles não tenham essa consciência ao entrar na adolescência, porém é que para eles é algo mais real, tangível e, apesar de ser algo flexível e que muda constantemente, há uma certa coerência em suas escolhas.

Nesse ambiente temos o que Gee (2004) chama de identidade real, é nesse mundo *offline* que o aluno expressa o que seria, na teoria, a identidade do dia-a-dia. Porém, uma questão surge ao se refletir porque os alunos, em sua maioria, não diferenciam os mundos *online* e *offline*²³, constatamos, conseqüentemente, que eles misturam as suas identidades. Então será que é realmente no ambiente escolar onde eles expressam a sua identidade real? Ao longo do trabalho tentaremos responder essa pergunta baseada na análise das respostas dos alunos no grupo do *WhatsApp* e das aulas assistidas. Ocorre também que no ambiente escolar a identidade projetada pode ser visualizada nos diversos momentos que os alunos vivem, é nessa identidade que eles expressam o seu imaginário, através dos seus gestos. Em cada situação vivenciada (entrar e sair da escola, hora do intervalo, corredores, etc.) eles projetam a identidade necessária para aquele momento, e essa identidade vai se confundindo com a sua identidade real e virtual, lembrando que eles estão em um momento de construção e descoberta da(s) sua(s) identidade(s). Dessa forma, todo momento vivenciado é um momento de descoberta, para saber o que me pertence, ou melhor,

²³ Esse fato pode ser percebido durante a convivência com os alunos e também durante a pesquisa os alunos demonstraram isso. Um dos alunos mencionou: “Não existe separação entre o mundo real e virtual.”

ao que eu pertença e ao que eu não pertença. Essas escolhas vão se modificando ao longo da adolescência, dependendo da fase que o indivíduo estiver, dependendo do que estiver acontecendo nos outros ambientes ao qual ele está inserido, principalmente o familiar, nas redes sociais e o que estiver em moda. Recordemos da cultura consumista que estamos vivenciando, na qual os adolescentes são altamente influenciáveis, justamente pelo fato de viverem um momento flexível, rápido, instantâneo.

Então dentro desses momentos vivenciados na escola, o que vem à tona é o que for mais significativo para os adolescentes naquele momento, ou seja, o que tiver um significado para a situação que estiver se passando, pode ser a sua identidade referente a classe social, gênero, sexualidade e/ou etnia. Outro ponto que não podemos esquecer é que eles têm identidades múltiplas e que podem expressar várias delas no decorrer de um dia, dependendo do contexto e do ambiente onde estiverem. Logo, a identidade que eles assumirão será aquela que tiver um maior significado para aquele momento.

O AMBIENTE ESCOLAR E AS REDES SOCIAIS

O ambiente escolar faz parte da vivência do indivíduo durante muitos anos da sua vida e é nesse ambiente que ele passa pelas grandes transformações fisiológicas e emocionais. É onde ele aprende a escrever, ler, se expressar de diversas formas, conviver com pessoas totalmente diferentes, formar suas opiniões, entre outros aspectos muito importantes, que vão guiá-lo para o resto da vida. Para Splitter (2007),

The project of finding ourselves, in relation to the many affiliations and associations that come our way, produces a dialectical tension: I identify with others, but I also seek to distinguish myself from others, by seeking ways to stand out from 'the crowd'.[...] For every young person who seeks either identification or distinctness (or both) in their appearance, there is likely to be another who feels that it is only inside their own minds and imaginations that they can be truly themselves. The stereotypical extremes here are familiar: the one who is too busy trying to look or sound right to take the time to reflect or deliberate; the other, locked up inside her/himself, only pretending to live in the public realm.

Essa busca pela identificação e pela diferença mencionada por Splitter é reforçada dentro do ambiente escolar, afinal, como mencionado nesse trabalho, é lá onde eles começam a perceber que são diferentes uns dos outros através das transformações fisiológicas e emocionais.

Do mesmo modo, durante o período escolar, os adolescentes precisam lidar com a questão da hierarquia. Eles têm os professores, coordenadores e a direção, que são mais velhos e nem sempre compreendem as suas necessidades. Nota-se que é um grande problema para a maioria dos adolescentes ter que lidar com pessoas com opiniões tão diferentes das deles, que nem sempre os entendem e nem sempre respeitam as suas escolhas. Tudo isso ocorre em um ambiente no qual eles não escolheram estar e que, às vezes, pode não ser acolhedor.

Outrossim, na escola, os adolescentes são avaliados constantemente em tudo o que eles fazem e todas as suas atitudes são avaliadas com consequências que nem sempre são justas. Além disso, nem sempre o que é avaliado faz parte da realidade deles. A escola nem sempre se conecta com a realidade da sua clientela, o que pode acabar gerando nos adolescentes a sensação de repulsa pela necessidade de estar presente naquele ambiente. Percebe-se que as escolas particulares, em geral, estão com

uma visão cada vez mais mercadológica, ou seja, o que importa é que ao final do ensino médio os alunos consigam passar em cursos de renome nas faculdades/universidades para que consigam atrair cada vez mais alunos e conseqüentemente mais lucro. Além do mais, para Gee (2013), as escolas tendem a demandar que os alunos utilizem as suas memórias como os computadores, ou seja, elas fazem com que os alunos recebam as informações e vão colocando-as “em caixas” como se fosse um banco de dados. Portanto, as informações podem ser retiradas a qualquer momento para serem utilizados em uma prova, por exemplo, que não influenciarão em nada esse “banco de dados”. Logo, o conteúdo aprendido dessa forma não tem relação nenhuma com os sentimentos humanos e com a realidade do aluno. Ele não tem contato com o diferente nem consegue perceber o que é aprendido na prática. Todos esses fatos vão de encontro com o que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental (1º aos 9º anos) e do Ensino Médio (1ª a 3ª série) está instruindo as escolas a realizarem. Por exemplo, a BNCC do Ensino Fundamental diz que:

O estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos. É esse caráter **formativo** que inscreve a aprendizagem de inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, na qual as dimensões pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas.

Já a base do Ensino Médio diz que “os estudantes podem reconhecer o caráter fluido, dinâmico e particular dessa língua (inglês), como também as marcas identitárias e de singularidade de seus usuários”

Esse reconhecimento das singularidades e das marcas identitárias são importantes, porque é dentro da escola que o adolescente começa a fazer a diferenciação entre ele e as outras pessoas, é quando ele começa a perceber o que faz dele diferente dos outros (BISSOLI, 2014). É possível também perceber que vários adolescentes tentam se encaixar em grupos e sempre vivendo o mesmo dilema, ou seja, eu mostro quem realmente eu sou ou tento me encaixar com os grupos que são vistos como “legal” e “popular” pelos outros adolescentes. Por isso, é que a escola poderia e de uma certa forma deveria ser o local em que os alunos debatessem sobre a construção da sua

identidade. Para Splitter (2007), “what are required are a learning environment, pedagogy and curriculum which invite and challenge students to confront the ‘big’ questions of their identity and place in the world.” Portanto, as escolas precisam não só trabalhar o aspecto cognitivo dos alunos, mas sim auxiliá-los a compreender quem eles são nesse mundo trabalhando o lado social e ético, por exemplo. De acordo com Carvalho (2012),

o universo escolar possibilita um entrelaçamento de grupos de diferentes tamanhos e referências sociais, regidos por um sistema de normas e regras de funcionamento, capazes de se atualizarem conforme os interesses de seus participantes. Comparando com o caráter quase compulsório dos grupos familiar e de vizinhos, na escola o estudante tem uma liberdade maior de formar seus próprios grupos.

São nesses agrupamentos por afinidade que eles constroem as suas crenças, suas opiniões e formam a sua identidade.

Biesta (2009) trabalha com a ideia de que a educação possui três funções (qualificação, socialização e subjetificação). Para o autor, a educação tem dado ênfase as duas primeiras funções. A qualificação corresponde a parte de aquisição do conhecimento, das habilidades, é onde as aptidões são desenvolvidas para um futuro trabalho que o aluno possa vir a ter. A socialização é relacionada aos alunos aprenderem as normas, os valores, a forma de se portar dentro da sociedade. Portanto, de uma certa forma é essa socialização que possibilita a convivência com pessoas com pensamentos, identidades, normas e valores iguais ou diferentes da pessoa. A terceira função é a subjetificação que está ligada as ações individuais do ser dentro de grupos. Para Monte Mor (2014),

A subjetificação seria a função voltada ao desenvolvimento de independência e ação, considerando-se que se descola da inserção e inclusão dos aprendizes às normas sociais existentes, porém em movimento de expansão, possibilitando ou estimulando o aprendiz a se sentir livre das ordens vigentes, quando assim for necessário. Para o autor (BIESTA, 2009), essa se constituiria numa forma de levar o aprendiz a avaliar criticamente as suas próprias ações – e as da sua coletividade/de seus grupos – quanto ao que lhe parece ser apropriado, tornando-se responsável pelas mesmas.

Nesse sentido, reforça a ideia apresentada anteriormente de que a escola deve trabalhar não somente o lado cognitivo dos alunos, mas ensiná-los a serem seres pensantes, que saibam analisar as situações criticamente chegando a uma conclusão que

está sempre incluída em um contexto coletivo e trabalhando na construção da sua identidade ao longo da vida. E para isso, é preciso vincular o mundo escolar ao mundo extraescolar dos alunos, isso porque a escola precisa entender que ser conteudista, focar somente “no passar assunto” não faz e não deveria fazer parte da realidade atual. As salas de aulas são extremamente heterogêneas em todos os sentidos, são alunos de diferentes gêneros, credos, valores, realidades socioeconômicas, etc., por consequência, eles [os professores] devem estar preparados para lidar com a diversidade e a diferença [que existe em uma sala de aula]” (ZACCHI, 2015). Infelizmente essa “obrigação” acaba ficando com os professores que, em muitos casos, verificamos que não foram e não estão preparados para lidar com essa diversidade e diferença.

No que diz respeito às redes sociais, elas começaram a ter seu *boom* em 2004 com a criação de redes sociais bem conhecidas, como o *Orkut*, o *Flickr* e o *Facebook*. Embora o *Facebook* tenha sido criado em 2004, ele só ganhou popularidade no Brasil em 2011, quando as pessoas começaram a migrar do *Orkut* (que até então era a rede social mais utilizadas pelos brasileiros). Porém, antes desse *boom* tivemos a criação de outras redes sociais que até hoje são utilizadas, como por exemplo o *LinkedIn* (uma rede social voltada mais para fins profissionais) e o *MySpace* (uma rede social com características parecidas com o *Facebook*).

Além dessas redes sociais, temos o *Instagram* e o *Twitter* que foram criados respectivamente em 2010 e 2006. O *Instagram* é uma das redes sociais que mais evoluíram ao longo do tempo. Ele iniciou a função básica de postar fotos e à medida que outras redes sociais foram ficando populares, ele tentou incorporar essas funções no próprio aplicativo. Um exemplo claro disso é a criação do *IGTV* (em 2018) como forma de tentar competir com o *Youtube*, rede social criada em 2005 como forma das pessoas assistirem aos vídeos publicados tanto por artistas como por pessoas desconhecidas. Atualmente, as *lives* fazem muito sucesso e são um dos recursos mais utilizados pelos professores nessa época de pandemia. Por fim, temos o *Whatsapp* que foi criado em 2009 e é uma das formas de comunicação, se não a maior, que utilizamos atualmente no Brasil. No que concerne às redes sociais mais utilizadas ao redor do mundo²⁴, de acordo com o número de usuários ativos, são o *Facebook*, o *Youtube* e o *Whatsapp*. E no

²⁴ Fonte: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/> acesso em junho de 2020.

Brasil²⁵, o *Youtube* vem em primeiro lugar, seguido do *Facebook* e do *Whatsapp*. Já o *Instagram*, aparece em quarto lugar.

Como mencionado anteriormente, as pessoas pertencem a grupos e/ou classes diferentes, por exemplo: raça, gênero, nacionalidade, religião, cultura, etc. Para Splitter (2007) a forma como esses indivíduos procuram para se encaixar em algum grupo acaba gerando o que ele chama de tensão dialética. Isto é, eu me identifico com outros em alguns aspectos, mas ao mesmo tempo eu procuro me distinguir dos outros, ou seja, de que forma eu posso me distinguir da multidão. Com as redes sociais, essa necessidade de se identificar com algum grupo e, por outro lado, se destacar se acentuou ainda mais e, igualmente, outro questionamento característico dessa geração é “*to be real or to be cool*” (SPLITTER, 2007). Isso ocorre porque algumas pessoas tendem a mostrar uma imagem que não condiz com quem eles são só pelo fato das outras pessoas os acharem “legais”. Ou seja, eu crio uma identidade pelo simples fato de tentar me “encaixar” em algum grupo na sociedade, grupo esse que possa me tornar popular e visível. Além disso, ainda é possível fazer uma associação com o conceito de identidade virtual de Gee (2004), afinal pode-se assumir uma identidade completamente diferente da real. É por isso que muitas pessoas acham, e de uma certa forma podem ter razão, que muito do que as pessoas transmitem nas redes sociais não são verdadeiras, é simplesmente uma forma de se encaixar nesse novo mundo social *online*. Isso ocorre porque esse ambiente (redes sociais) faz parte da vivência diária dos alunos.

As redes sociais são consideradas um ambiente *online* e o seu crescimento é nítido no cotidiano dos adolescentes. Cada uma delas tem uma função específica e à medida que as pessoas foram utilizando-as, mais recursos foram criados para os seus usuários. Como demonstrado anteriormente neste trabalho, os adolescentes utilizam com muita frequência esse ambiente, passando várias horas por dia. Podemos concluir, então, que as redes sociais fazem parte do processo de formação de opinião e construção da sua identidade. Igualmente, as redes sociais acabam tendo um papel importante na construção da identidade desses adolescentes e não só há mudanças na sua identidade real e virtual, como também enquanto aprendizes, já que é um local onde eles conseguem ter acesso às informações livremente, sem uma autoridade (leia-se professor) controlando-os (EDWARDS AND USHER, 2008). Esses aprendizes *online*

²⁵ Fonte: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> acesso em junho de 2020.

possuem algumas características em comum, como por exemplo, as horas que eles ficam *online* afetam a forma como eles pensam, não fazem distinções entre a realidade virtual e física e podem mover-se rapidamente entre esses dois mundos, além de conseguirem entrelaçar textos, imagens e áudios devido ao alto nível desenvolvido de letramento visual (EDWARDS AND USHER, 2008).

Em relação a isso, Sued (2010) utiliza como exemplo o *Facebook*. Para essa pesquisadora as pessoas, ao fazer uma conta na rede social, constroem o próprio eu, e para ser eu, a pessoa também tem que ser outro, porque para receber comentários, as pessoas precisam comentar e, por fim o outro constrói o seu eu, ou seja, as pessoas acabam se moldando de alguma forma. Logo, entende-se que construímos a identidade no *Facebook*, mas ao mesmo tempo o *Facebook*, ou qualquer outra rede social, acaba moldando a identidade de uma forma que é considerada global e universal. Portanto, para o eu existir, é preciso ser visto e isso ocorre nas redes sociais.

Corroborando com esse ponto de vista, Boyd (2014) argumenta que o entretenimento e a sociabilidade são as razões pelas quais os adolescentes investem tanta energia nas suas atividades *online*. A questão do entretenimento é bastante compreensível do porquê ocorrer, já a questão da sociabilidade é um pouco contraditória, posto que os alunos socializam no seu dia-a-dia na maioria das atividades realizadas por eles. No entanto, a sociabilidade abordada por Boyd é devido ao fato dos adolescentes se sentirem mais confortáveis ao utilizar as redes sociais por diversos fatores já apresentados ao longo desse trabalho (privacidade, falar com quem realmente tem algo em comum, falar sobre algo que realmente tem algum sentido para eles, entre outros fatores).

Um desses fatores que faz com que o uso constante das redes sociais seja intenso é a nova forma de comunicação trazida por elas, uma comunicação instantânea. Concluimos, a partir disso, que os adolescentes acabam desenvolvendo algumas características que talvez em outras gerações não podem ser vistas, e a mais importante delas seria a prontidão. Ou seja, com a troca de mensagem imediata, eles aprendem a resolver e analisar situações/problemas de forma imediata. Outra característica que deve ser enfatizada nas redes sociais é vantagens de nos comunicar em diferentes espaços e tempos, no momento em que quisermos e sobre qualquer tema. Outro aspecto com relação às redes sociais é que os adolescentes podem escolher com quem se comunicar e pelo tempo que eles quiserem, fato que nem sempre é possível dentro do ambiente escolar, por exemplo. Em relação a isso, percebemos que os alunos tendem a falar sobre

temas que lhes interessam durante a hora do intervalo ou quando estão nos corredores. Porém, na maioria do tempo, eles só tratam sobre temas trazidos pelos seus professores durante as aulas (e que muitas vezes são temas retirados do próprio livro didático) e acabam tendo que conviver com pessoas que são diferentes em vários aspectos.

Assim como acontece no ambiente escolar, nas redes sociais os adolescentes formam grupos de acordo com as suas afinidades e, ao passo que os seus gostos vão se modificando, eles vão entrando e saindo desses grupos. Acresce ainda que durante essa fase, eles buscam uma autonomia e se distanciam do controle dos seus pais. Essa independência e autonomia podem ser encontradas no interior das redes sociais, através das amizades virtuais. Essas amizades virtuais são uma nova forma deles experimentarem novas interações e relações sociais, as quais também podem ser vistas no ambiente escolar. A diferença entre essas amizades é o fato de se estar *online* (redes sociais) ou *offline* (escola), porém, a questão do contato e demonstrações de carinho que são feitas de formas totalmente diferentes não deixam de existir em nenhum dos dois ambientes.

3.1 O USO DAS REDES SOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

O uso das tecnologias no ensino de línguas estrangeiras é um tema que vem sendo colocado em prática há muito tempo. No início, tínhamos o uso dos livros na sala de aula (basicamente a gramática), depois o livro didático foi sendo colocado em prática. Ademais, o uso do computador foi um grande marco nas aulas de língua estrangeira, além é claro do toca fita, em que as atividades de *listening* ocorriam. Sendo assim, as novas tecnologias (*e-book, Ipads, tablets, smartphones, programas, aplicativos, etc.*) surgiram e vêm sendo incorporadas para dentro das salas de aula.

Com a adesão das novas tecnologias nas escolas, alguns impasses surgiram, pois o homem está, irremediavelmente, preso às ferramentas tecnológicas numa relação dialética entre a adesão e a crítica ao novo (Paiva, 2015). Portanto, os professores precisam aderir a essas novas tecnologias, considerando-as elementos que facilitam o trabalho deles ao trazer as informações de forma rápida e diferenciada. Por outro lado, alguns professores fazem críticas quanto à adesão dessas tecnologias em sala, por diversos motivos. Alguns desses profissionais pontuam as dificuldades enfrentadas, no que concerne ao uso dessas tecnologias, que vão desde não saber manuseá-las e os alunos terem mais facilidade, provocando um atrito com os alunos por saber menos do que eles, somando-se a isso, o medo de no futuro serem substituídos por máquinas. Vale

ressaltar que em algumas faculdades/universidades, inclusive temos exemplo em Aracaju/SE, algumas licenciaturas estão sendo ministradas em formato EAD e os professores, que antes tinham poucas turmas e alunos, hoje ministram aulas para centenas deles através dos vídeos gravados.

Segundo Paiva (2015, p. 21), a entrada das tecnologias nas escolas passa por três etapas: a rejeição, a inserção e a normalização. Para exemplificar as três etapas utilizaremos um exemplo real ocorrido na escola onde esse trabalho foi realizado. Até 2014 todos os professores utilizavam livros didáticos, como todas as outras escolas. Porém, em 2015, a escola adotou um sistema de livros em que um dos seus diferenciais é que os professores não teriam mais livros didáticos (físicos) e iriam receber um *Ipad*. Nesse *Ipad* iriam constar os livros dos professores, e os mesmos poderiam ser espelhados nas salas de aula através do projetor, além disso, poderiam ser espelhados também vídeos, apresentações de *Power Point*, entre outros recursos. Quando o sistema foi implementado na escola, houve uma reunião para explicar como tudo funcionaria e então foi percebida a primeira etapa citada acima, a rejeição. Muitos professores questionaram que queriam o seu livro físico e tiveram uma certa resistência a aprender a utilizar o *Ipad* e todos os recursos que continham nele. No final do ano letivo, alguns desses profissionais foram desligados ou pediram desligamento, pois não se adaptaram a essa nova tecnologia inserida na escola. Conforme Paiva (2015), a tecnologia começa a fazer parte das práticas sociais da linguagem, e a escola acaba por incorporá-la em suas práticas pedagógicas (início da segunda etapa) e foi justamente isso que ocorreu do segundo ano em diante, após a inserção dos *Ipads*. Os professores se adaptaram ao processo e começaram a inseri-lo e, inclusive, a utilizar com os alunos os *Ipads* disponíveis na escola. Logo depois veio a terceira etapa, a da normalização, ou seja, o fato de não ter mais o livro físico e ter que saber utilizar o *Ipad* não era mais algo assustador. Entretanto, também não era mais visto como algo revolucionário, como se chegou a pensar no momento em que ele foi inserido. A ideia era que ele fosse trazer algo de transformador para o interior da sala de aula, a ponto de mudar toda a dinâmica da aula, torná-la mais interessante, eficaz e significativa. Então os professores notaram que não adiantava ter uma nova tecnologia em mãos se a sua prática e a forma de ministrar os conteúdos e conduzir as aulas era a mesma, a tradicional. Como também não adiantava fazer as mesmas tarefas de completar frases, por exemplo, com o *Ipad*, porque só estaria transpondo uma atividade que poderia ser facilmente realizada com uma simples caneta e um papel.

Esse mesmo ciclo (rejeição, incorporação e normalização) poderia ser utilizado para abordar as redes sociais. Ao se cogitar a implementação dessas ferramentas como um recurso dentro da sala de aula a primeira impressão que isso causa é de rejeição, uma vez que é perceptível que muitos professores não conseguem enxergar as redes sociais como um recurso que possa ser usado em sala. À vista disso, incorporar as redes sociais nas instituições escolares é uma tarefa árdua, porque na maioria desses locais, o ciclo demonstrado anteriormente não conseguiu ainda sair da fase de rejeição. Talvez, se os professores começassem a incorporá-las de forma eficaz, esse estranhamento e essa rejeição poderia acabar tornando-se algo normal, do dia-a-dia. Essa implementação poderia ser iniciada de forma controlada, utilizando características que encontramos nas redes sociais e implementando-as na sala de aula. Para esse fim, os educadores poderiam, por exemplo, trabalhar textos com a quantidade dos caracteres utilizados no *Twitter*; vídeos produzidos pelos alunos como podem encontrar no *Youtube*; fotos sobre algum tema específico e as legendas produzidas pelos estudantes como no *Instagram*; um mural feito na sala para escrever algo sobre o que eles estejam debatendo como no *Facebook* ou; a criação de grupos para discutir sobre algum assunto como fazemos no *Whatsapp*, etc. Enfim, essas sugestões seriam somente o início para as redes sociais poderem ser utilizadas de forma completa nas salas de aula e de uma forma que realmente fosse coerente e produtiva. Consequentemente, com o passar do tempo a sua utilização iria se normalizar e fazer parte efetivamente das aulas dos professores. Afinal,

as the practices and potential of online social networking services and practices are becoming more widely researched and understood, their significance for learning – formal, non-formal, and informal learning alike – is being recognized and advocated by influential advocates of social learning for educational reform (Lankshear e Knobel, 2011)

Verificamos, portanto, que as escolas precisam se atualizar e entender que além das novas tecnologias, as redes sociais podem ser incorporadas ao ambiente escolar. Se elas forem inseridas, não significa que o livro didático ou outras formas tradicionais de recursos que são utilizados frequentemente serão trocados ou deixados de lado, pois tanto no uso dos recursos tradicionais quanto no uso das redes sociais há perdas e ganhos. Logo, enquanto durar a complementaridade entre o impresso e o digital enriquecerá e fortalecerá o ato de ler, dada a ampliação na difusão das obras e distinções na manipulação do texto impresso e do digital (Santaella, 2013).

3.2 A APRENDIZAGEM MÓVEL

Com o aumento do acesso das pessoas à internet nos celulares²⁶ em detrimento dos computadores, há uma tendência de cada vez mais incorporar o uso da internet, os celulares e, conseqüentemente, os aplicativos e as redes sociais dentro das salas de aula. A utilização desses recursos nas salas pode ser definida como uma aprendizagem móvel concretizada via aparelhos sem fio, o que nos mostra a noção de que ela acontece em qualquer lugar (Matos, Nicolaides, Mota, 2018). Essa aprendizagem móvel possui algumas características que podemos presenciar no dia-a-dia dos alunos, eles estando ou não no ambiente escolar.

O acesso à informação instantânea trazida pelas redes sociais resultou em uma nova dinâmica para a sala de aula. Inicialmente, as dúvidas e/ou curiosidades surgidas sobre um determinado assunto podem ser buscadas no exato momento que a dúvida e/ou a curiosidade existir. Fora isso podemos nos comunicar com pessoas em outros lugares instantaneamente, o que amplia a nossa rede de troca de informações. Assim, os professores podem exercer mais o papel de mediadores do que de expositores, como vem acontecendo há muitos anos.

Outra característica trazida com essa aprendizagem móvel é a hiperconectividade, ou seja, os alunos conseguem se comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo. Segundo Gabriel (2012, p. 25), essa hiperconectividade trouxe um novo sentido e uma diferença no “ser” e “estar” conectado, pois agora as pessoas estão conectadas, ou seja, elas fazem parte da rede, logo são capazes de expressar-se, publicar, atuar, escolher, opinar, criar e influenciar outras pessoas. E tudo isso ocorre nas redes sociais *online* e os alunos, foco do trabalho, têm essa facilidade *online* e tentam trazer isso para a sua realidade escolar, ou seja, eles querem ser os protagonistas das aulas, já que eles têm essa autonomia dentro do ambiente *online*. Contudo, como dito anteriormente, esse protagonismo em algumas instituições escolares pode não ser visto com bons olhos.

Com a aprendizagem móvel, os alunos passaram a ter uma nova ideia de espaço escolar, pois agora a sala de aula não é mais limitada ao local da escola em que eles estudam. Além disso, com os celulares, eles podem continuar o aprendizado em

²⁶ “O celular para navegar na rede era usado em 80,4% das casas com acesso à internet, já o computador para esse fim estava em 76,6% desses domicílios e teve queda na comparação com 2013 (88,4%).” Disponível em: <agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internet-na-maioria-dos-lares> Acesso em 31/12/2019.

qualquer local e tempo em que eles estiverem. Dessa maneira, um dos aspectos mais importantes que essa aprendizagem móvel trouxe foi a autonomia para o aluno estudar. De acordo com Matos, Nicolaides, Mota (2018), há um debate sobre a divisão dessa autonomia. Conforme Benson (2001), a autonomia possui três perspectivas: a técnica, em que o foco está nos recursos com os quais o aluno lida para aprender determinado assunto); a psicológica, quando o foco está na motivação dos alunos; e a política, no qual o foco está em lidar com os motivos pelos quais o aluno se torna autônomo e como sua autonomia causa impacto em seu pensar e fazer crítico (*apud* MATOS, NICOLAIDES, MOTA, 2018 p. 64). Por outro lado, os autores trazem Oxford (2003) com cinco perspectivas: a técnica, a psicológica, a político-crítica (além de lidar com o gerenciamento de recursos, também aborda o impacto e a responsabilidade social que seu aprendizado desencadeia), a Sociocultural I (o foco está com o aprendizado mediado pelo outro e o conceito de ZPD de Vygostsky) e a Sociocultural II (o foco está na participação do aprendiz em sua comunidade de prática) (*apud* MATOS, NICOLAIDES, MOTA, 2018).

Nesse sentido, é importante os professores compreenderem que o uso da aprendizagem móvel traz diversos benefícios para o aprendizado do aluno, todavia, o seu papel enquanto professor é fundamental e imprescindível nesse cenário. Para Godwin-Jones (2011),

como dispositivos pessoais, os smartphones são ideais para a aprendizagem informal individualizado. O usuário determina quais aplicativos adquirir e como usá-los. Como educadores, devemos auxiliar e encorajar a autonomia do aluno, possibilitando e fornecendo meios para que os alunos combinem o aprendizado formal e informal.

27

Usar a internet, o celular e as redes sociais como forma de modificar a prática docente é uma ação que já vem ocorrendo e sendo estudada há alguns anos. O que provavelmente deve ser levado em conta é que a inclusão dessas novas tecnologias deve ser significativa tanto para os alunos quanto para os professores. Acresce ainda que para a aprendizagem móvel ter resultados é necessário que os professores tenham a

²⁷ Tradução própria. Trecho original: “As personal devices, smartphones are ideal for individualized informal learning. The user determines which apps to acquire and how to use them. As language educators, we should encourage and assist the learner autonomy this enables and provide means for learners to combine formal and informal learning.”

capacidade de instruir os seus alunos para que adquiriram autonomia, o que lhes possibilitará ampliar cada vez mais os seus conhecimentos.

Todas as características apresentadas nesse texto no tocante a aprendizagem móvel (o acesso à informação instantânea, hiperconectividade, uma nova ideia de espaço e a autonomia do aluno) de alguma forma estão conectadas ao conceito de ubiquidade. De acordo com Santaella (2013) ubiquidade é um atributo ou estado de algo ou alguém que se define pelo poder de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Logo, podemos dizer que estamos ao mesmo tempo no ciberespaço²⁸ e no espaço físico (realidade do nosso dia-a-dia). Portanto, nossas ações diárias vão se intercambiando entre esses dois espaços, afetando também a nossa forma de aprendizagem. Para a autora, devemos salientar que, embora a aprendizagem móvel e a ubiquidade tenham características semelhantes, há algumas diferenças no tocante a aprendizagem que precisam ser consideradas. A aprendizagem móvel é considerada dentro do domínio da educação formal e da não-formal, é vista como uma extensão da sala de aula e é executável a partir de um sistema de ensino-aprendizagem previamente estabelecido. Já a ubíqua é espontânea, contingente, caótica e é totalmente informal. Continuando sobre a aprendizagem ubíqua Santaella (2013, pg. 303) afirma que a aprendizagem ubíqua é

uma modalidade de aprendizagem que é contingencial e inadvertida. Equipada com um dispositivo de conexão contínua, a pessoa pode saciar a sua curiosidade sobre qualquer assunto a qualquer momento e em qualquer lugar que esteja. O que emerge, portanto, é um novo processo de aprendizagem que prescinde de quaisquer sistemáticas de ensino. Isso posto, cumpre indagar se essa nova forma de aprendizagem prescinde e dispensa os processos de educação formal.

O que se deve compreender é que, independentemente do tipo de aprendizagem que se escolha, o foco tem que ser o aluno e o professor ser apenas um mediador nessa aprendizagem. Além do que, independentemente da existência de vários tipos de aprendizagem, todas têm a sua importância para a educação. Esse é um ponto muito importante, pois mesmo com tanta tecnologia que enriquece as aulas, o professor não

²⁸ Conceito de ciberespaço de acordo com o dicionário Michaelis: Realidade virtual, isto é, ambiente artificial criado pelo computador. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ciberespa%C3%A7o>> Acesso em: 18/02/2020.

pode deixar de lado as experiências pessoais e presenciais de conversação, por exemplo. Além do fato de compreender que ele não é mais o detentor do saber, pois os alunos têm acesso rápido e fácil as informações e pode utilizar isso dentro das salas de aula.

Corroborando com o que foi dito anteriormente, Edwards and Usher (2008) sugerem que em classes virtuais o foco mude do professor (que é considerado o centro de autoridade que transmite o conhecimento) para o texto escrito. Com isso, o relacionamento aluno-professor também é modificado, pois nesse cenário o aluno também traz as informações/conhecimento, já que existe uma grande variedade de dados nos sites e nas redes sociais presentes nesse local (ciberespaço), gerando uma troca (aluno-professor), uma relação horizontal ao invés de vertical (tradicional).

3.3 AS REDES SOCIAIS, O AMBIENTE ESCOLAR E A NOVA GERAÇÃO

Um questionamento bastante pertinente para o estudo desse trabalho é: Como a escola vai lidar com a geração web 2.0 que disponibiliza jogos, interações, exemplificações, traduções, que o professor mais competente jamais poderia sonhar em oferecer a seus alunos? (Bohn, 2013) Essa indagação é bastante visível dentro da sala de aula, quando temos aulas que duram 50 minutos e a maioria dos alunos não conseguem prestar atenção nem metade desse tempo. Em relação às crianças, o tempo de concentração é menor e conseqüentemente os professores precisam estar constantemente mudando as atividades realizadas em sala para manter o foco dessas crianças. Entretanto, o foco desse trabalho são os adolescentes e no que tange a eles sabemos que teoricamente deveriam se concentrar mais tempo que uma criança, contudo, com tantos recursos a sua disposição dentro de um aparelho (*smartphone*) e aulas que na maioria das vezes são tradicionais e não trazem nenhum significado produtivo para eles, acabam não possuindo a concentração que uma pessoa da idade deles (15-17 anos) deveria ter. Além disso, estamos vivendo em uma época em que as informações são instantâneas e chegam até nós de diversas formas, propiciando que nem mesmo os adultos consigam manter a atenção em palestras que duram muito tempo, principalmente se o palestrante não utilizar nenhum recurso audiovisual na sua apresentação. Esse mundo digital e visual faz com que as informações e/ou conhecimentos sejam reconfigurados e transformados a cada instante, possuindo vários interlocutores que realmente estão ativos e fazendo trocas. Por outro lado, temos dentro da sala de aula um conhecimento que é linear e estrutural, indo totalmente contra a realidade com a qual os adolescentes estão acostumados no seu dia-a-dia.

A leitura é um grande exemplo para ilustrar o quanto as novas tecnologias vêm modificando atividades simples que utilizamos nas salas de aula. Hoje em dia, a tarefa de ler um livro aparentemente tornou-se algo mais difícil de vermos os alunos fazerem. É possível afirmar sobre isso devido à convivência diária com vários alunos e também pelo discurso de alguns profissionais da Educação. Verificamos que, atualmente, os alunos preferem simplesmente entrar no *Youtube* e assistir vídeos que falem sobre o livro que eles têm que ler, corrobora com esse hábito também as postagens do *Twitter*, visto que elas somente possuem 280²⁹ caracteres para ler ou escrever. Até mesmo no *Facebook*, em que o número de caracteres é infinitamente maior que o do *Twitter*, vemos textos curtos e recentemente uma preferência maior pelo uso do *Instagram*, em que o foco passa longe de ser a leitura/escrita de textos e sim a visualização de imagens e, ultimamente, de vídeos também. Dessa forma, temos o que Santaella (2013) chama de leitor ubíquo, ou seja, aquele que está corporalmente presente em um ambiente físico, mas que a qualquer momento pode entrar no ciberespaço informacional. Portanto, ele tem a capacidade de trocar mensagens com uma pessoa, com um grupo de pessoas ao mesmo tempo, falando sobre diversos temas e sempre pronto e atento para responder. “Ademais, é um leitor que tem de aprender como o sentido emerge em contextos coletivos e colaborativos.”

Para Lankshear e Knobel (2011), as atividades que envolvem se relacionar com outras pessoas, como por exemplo um simples jantar em família, quer dizer que estamos participando de uma rede social. É uma rede, pois existem vários atores (pessoas) que estão trocando informações em um meio social, através das conexões. Portanto, podemos dizer que as redes sociais fazem parte do nosso cotidiano de uma certa forma, seja ela *online* ou como no exemplo acima apontado. Para Recuero (2014), os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. Essa definição é para redes sociais pessoais, como o jantar em família, mencionado anteriormente, uma reunião, uma festa, etc. Já para as redes sociais *online*, os atores são constituídos de maneira diferente. Ainda conforme a autora, isso ocorre devido ao distanciamento entre os envolvidos na interação social, os atores não são imediatamente discerníveis. Portanto, o que temos são representações dos atores sociais

²⁹ O número inicial de caracteres era de 140 e passou para 280 em 2017. Fonte: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/twitter-aumenta-limite-para-280-caracteres.ghtml>> acesso em 01/12/2019.

que são feitas através de um perfil criado nas redes ou o conteúdo disseminado em *blogs, Twitter, etc.*

Dentro das redes sociais *online*, podemos encontrar duas ramificações, aquelas que são consideradas de uso mais geral, ou seja, que não tem um fim específico, e aquelas que são mais direcionadas. As de uso geral, como por exemplo o *Facebook*, são utilizadas por diferentes tipos de usuários e sem um propósito específico, a não ser comunicar-se. Já as de uso específico possuem um público alvo e um propósito definido, como por exemplo o *Academia.edu* em que as pessoas procuram por artigos para estudar, para auxiliar em suas pesquisas, etc. segundo Lankshear e Knobel (2011), os serviços das redes sociais específicas fazem com que seja mais fácil para as pessoas serem encontradas por alguém que possui interesses similares se não os mesmos, igualmente, a forma de se relacionar também é diferente nessas redes sociais. Enquanto nas redes que são de uso geral os laços são vias de mão dupla³⁰, ou seja, as pessoas interagem através das trocas de mensagem, as redes de uso mais específico não possuem esses recursos de troca de mensagens, temos somente a pessoa que envia a mensagem e o receptor, mas eles não interagem entre si.

Na realidade, a forma de se relacionar vem se modificando antes mesmo das redes sociais existirem e serem usadas diariamente por milhões de pessoas. O telefone fixo, por exemplo, além de ser um dispositivo para se comunicar, de certa forma unia as famílias, pois era em sua casa que o indivíduo deveria estar para as pessoas conseguirem o localizar. Com efeito, as pessoas tinham mais contato com os seus familiares e logo havia um controle maior dos pais perante seus filhos, pois era mais fácil de saber onde e com quem eles estavam conversando (CHO, 2019). Não obstante, com o uso cada vez maior dos *smartphones*, o oposto foi ocorrendo, as famílias não se reúnem mais e a tendência é que cada membro fique em seu cômodo e utilize o celular para se comunicar com alguém que esteja na mesma casa. O fato de os celulares chamarem tanto a atenção dos adolescentes pode ser proveniente de que em um simples aparelho há vários recursos que se convergiram, como por exemplo, jogos, fotos, vídeos, música, podendo utilizar a maioria deles ao mesmo tempo. Santaella (2013), ao abordar sobre as redes sociais, diz que as pessoas ganharam mobilidade, pois o acesso pode ser feito em qualquer momento e em qualquer lugar, e isso é o que ocorre(u) com

³⁰ Lankshear e Knobel (2011) usam os termos “social ties one-way or two-way” no livro “New Literacies: Everyday Practices and Social Learning”

o uso dos aparelhos celulares. Nesse sentido, as pessoas ganharam mobilidade, mas também privacidade, pois ninguém sabe com quem elas estão falando. Ainda sobre esse tópico, a autora diz que o ciberespaço digital se fundiu de modo indissolúvel com o espaço físico, reforçando o que foi debatido no capítulo 2 sobre identidade, pois essa fusão, ou seja, a não diferenciação entre os espaços *online* (ciberespaço) e *offline* (espaço físico), influencia diretamente na formação da identidade das pessoas. Além disso, Sued (2010) afirma que é difícil saber onde começa e termina a realidade, corroborando com a ideia de que a identidade real e virtual se intercala de tal explicita que:

À mobilidade física do cidadão cosmopolita foi acrescida a mobilidade virtual das redes. Ambas as mobilidades se entrelaçaram, interconectaram-se e tornaram-se mais agudas pelas ações de uma sobre a outra. A popularização gigantesca das redes sociais do ciberespaço não seria possível sem as facilidades que os equipamentos móveis trouxeram para se ter acesso a elas, a qualquer tempo e lugar.

E essa mobilidade pode de alguma forma favorecer o afastamento dos espaços, do mesmo modo, as redes sociais de uma certa maneira acabaram complementando esse fato, que já estava bem latente com o uso dos celulares, pois através delas, as pessoas podem perder a noção do tempo e espaço, fato que não ocorria com o uso dos telefones fixos. Nos dias de hoje, a maioria das pessoas nem sequer fazem ligações elas simplesmente enviam mensagens de texto ou de áudio. As ligações passaram a ser vistas como algo emergencial, caso seja impreterível falar com determinada pessoa naquele instante. Se for necessário deixar um recado, não utilizamos mais a caixa postal, essa alternativa foi substituída pelo envio de uma mensagem via *Whatsapp*, ou um *direct* no *Instagram* ou no *Facebook* para quando a pessoa puder ler. E essas mensagens e ligações podem ser não só da família e amigos próximos, mas também de um colega de trabalho, de um professor, de um chefe, entre outros. Com isso, nota-se que é necessário que as pessoas estejam preparadas para responder aos mais diversos tipos de mensagem. Embora as redes sociais sejam o mesmo ambiente utilizado para falar com as pessoas, a forma como conversar é diferente, devido a diversos fatores, o principal deles é o grau de formalidade. Nessa perspectiva, um ambiente no qual podemos aprender a responder as mensagens de diversas formas é a escola. Para isso, é essencial que o aluno consiga interagir no mundo de modo a reconhecer as relações e práticas

sociais que o circundam e, ao mesmo tempo, proceda de forma cidadã, produtiva e crítica (LEITE; SILVA, 2015).

Em contrapartida, as redes sociais trouxeram outra característica que não é encontrada nos textos formais nem na comunicação oral. O uso de recursos como os *emoticons*, as abreviações, imagens, áudios, etc., modificou de forma importante a interação das pessoas. Assim sendo, como não podemos demonstrar os nossos sentimentos através da escrita da mesma forma que fazemos pessoalmente, os recursos citados acima foram a forma encontrada para poder suprir essa falta. Portanto, existe uma sobreposição de linguagem verbal, imagética e sonora, logo, todos esses recursos são amplamente utilizados pelos usuários na construção de sentido (LEITE; SILVA, 2015).

Com todas essas características acrescentadas ao dia-a-dia dos adolescentes, é importante se pensar em trabalhar as diferentes formas de produção textual em sala de forma crítica, em que os alunos possam interpretar um texto tendo diferentes visões sobre o mesmo. Considerando esse pensamento, temos a perspectiva dos multiletramentos no qual deveríamos trabalhar as diferentes culturas e as diferentes linguagens e mídias, focando na questão *online* seja de produção ou leitura, mas especificamente no tocante a trazê-la para o currículo escolar. Isto posto, é necessário que a escola propicie

experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais: refletir sobre participações, avaliar a sustentação das opiniões, a pertinência e adequação de comentários, a imagem que se passa, a confiabilidade das fontes, apurar os critérios de curadoria e de seleção de textos/produções refinar os processos de produção e recepção de textos multissemióticos (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135)

À vista disso, percebemos mais uma vez a importância na mudança do papel do professor em sala e o quanto é fundamental essa conexão entre o mundo escolar e o mundo extraescolar dos alunos (ZACCHI, 2015), mencionado anteriormente nesse trabalho.

ANÁLISE DOS DADOS

Esse último capítulo focará na análise das conversas do grupo do *WhatsApp*, juntamente com as anotações feitas das aulas assistidas. Como mencionado anteriormente, para iniciar os debates, no grupo do *WhatsApp*, algumas reportagens, vídeos e/ou imagens foram utilizados como fundamentação. Depois do tema apresentado, os alunos-adolescentes debatiam uns com os outros através de opiniões e exemplos trazidos por eles sobre acontecimentos que foram presenciados ou vivenciados. A partir daí, analisaremos o que eles debateram (no grupo e em sala), alicerçando-nos nos três conceitos de identidade de Gee (2004), expostos no primeiro capítulo desse trabalho: a identidade real, a virtual e a projetada³¹.

Para essa análise, ao utilizar os conceitos acima expostos faremos uma pequena adaptação, ou seja, a identidade real é considerada, nesse trabalho, aquela do cotidiano, aquela relacionada a aparência, aquilo que a sociedade (seja a família, a escola ou outros locais em que eles convivem) exige deles. A identidade virtual, além de estar voltada para o mundo *online*, poderia ser utilizada no cotidiano, à medida que os adolescentes precisassem ou pudessem, mas que nem sempre será aceita pela sociedade. Já a realidade projetiva seria quando eles se projetam em outras identidades as em situações hipotéticas.

Debater qualquer tema em sala de aula aparenta ser uma tarefa complicada para os professores, principalmente quando os mesmos assuntos estão em pauta nas redes sociais. Pensando nisso, a escolha dos temas da pesquisa realizada com os alunos teve como principal objetivo tópicos que fossem debatidos com frequência, tanto no cenário escolar quanto nas redes sociais. Portanto, toda semana um tema era debatido no grupo do *whatsapp* tentando trazer a visão dos alunos para esses temas dentro da escola e das redes sociais.

Assim sendo, o primeiro tema debatido foi o uso da tecnologia em sala de aula. Em relação a isso, acreditamos que as novas tecnologias ajudarão de forma efetiva o aluno quando esses estiverem na escola e, nesse momento, eles se sentirão estimulados a buscar e socializar com esses recursos de forma a melhorar seu desempenho escolar (SOUZA; SOUZA, 2010). Dessa maneira, o seu uso deveria ser considerado de extrema

³¹ Real: a identidade do dia-a-dia, que de acordo com o próprio autor ela pode ser múltipla.
Virtual: é a que você assume ao jogar um jogo de vídeo game, que pode ser totalmente diferente da sua identidade real.
Projetada: é quando a pessoa projeta os valores e desejos no personagem virtual.

importância nesse ambiente, assim como o uso das redes sociais com um viés educacional.

Dentro desse tema, desejamos compreender o que os alunos pensam com relação ao uso da tecnologia em sala de aula, incluindo principalmente a questão do celular e das redes sociais. Por isso, a fim de alcançar tal objetivo, uma das reportagens escolhidas aborda sobre o banimento do celular nas escolas³², ao ponto que a outra traz um debate sobre se o uso da tecnologia em sala ajuda ou atrapalha o aluno³³. Através da leitura dessas reportagens, os alunos emitiram as suas opiniões sobre o tema no grupo do *whatsapp*, fato que analisaremos detalhadamente, além do comportamento deles se em sala, diante da exposição do professor sobre o mesmo assunto.

O segundo tema debatido foi o preconceito. Para Cordeiro e Buendgens (2012, p. 47), “problematizar as situações que envolvem preconceitos, desmistificar suas origens não é tarefa fácil, justamente porque as pessoas imersas na vida cotidiana precisam de certa praticidade, de “pragmatismo” para que a vida flua”. Esse é um tema que vivenciamos diariamente, no ambiente escolar e nas redes sociais, logo, seu debate é essencial para entendermos como esses adolescentes se comportam dentro desses dois ambientes, escolar e redes sociais, diante de tantas situações vivenciadas e sofridas por eles.

Através da inserção desse tema esperávamos ver a forma como os adolescentes lidam com os preconceitos presenciados e sofridos por eles na escola e nas redes sociais, analisando como as suas identidades variam de acordo com a situação e o ambiente em que eles estiverem. Para tanto, foi utilizada uma reportagem que abordava sobre o menino ter sido barrado em uma escola pública por estar utilizando um adereço do candomblé³⁴ e, também, um vídeo do *Instagram* em que a mãe relata que a diretora da escola não queria que seu filho estudasse na escola pelo simples fato do cabelo dele ser afro³⁵. A partir da leitura da reportagem e da visualização do vídeo, os alunos

32

Fonte: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/educacao/noticia/2018/07/31/pa-rlamento-frances-aprova-proibicao-dos-celulares-em-escolas-na-franca.ghtml> acesso em março de 2019.

33 Fonte: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/08/escolas-debatem-se-usar-tecnologia-em-sala-ajuda-ou-atrapalha-alunos.html> acesso em março de 2019.

34 Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/09/aluno-e-barrado-em-escola-municipal-do-rio-por-usar-guias-do-candomble.html> acesso em março de 2019.

trouxeram relatos de situações de preconceito (de qualquer tipo) nos debates do grupo do *whatsapp* e na aula do professor de inglês, na qual essa temática foi discutida.

O terceiro tema debatido foi o papel da mulher na sociedade. De acordo com (ARAÚJO, 2005),

pode-se dizer que, nos dias de hoje, pelo menos nas sociedades ocidentais, homens e mulheres estão se distanciando dos modelos estereotipados de gênero e desenvolvendo novas formas de subjetividade, livres do imperativo das divisões traçadas pelas representações sociais até então vigentes. A ideia de que existe um modelo masculino ou feminino universal não se sustenta mais. Sob a égide da pluralidade e da singularidade, surgem diferentes modos de ser da masculinidade e da feminilidade que convivem, de forma já não tão conflituosa, com as matrizes hegemônicas de gênero ainda existentes. Essa temática se faz de suma importância, na luta pela reflexão da condição das mulheres e consequente da existência humana, sendo construídas formas de vida entre homens/mulheres livres, estabelecendo relações iguais, que ambos desenvolvam suas potencialidades, numa sociedade para além do capital e não existam explorações e dominações sociais.

Esse tópico está relacionado com o tema anterior, o preconceito. Trazer um tema que foca somente na mulher é importante para notar como os adolescentes de ambos os sexos se comportam diante dele, visto que os alunos selecionados são quatro homens e quatro mulheres. Além disso, observa-se que é um tema muito constante dentro das redes sociais, possibilitando analisar se eles também veem que as diferenças entre o masculino e o feminino estão se dissipando, como exposto na citação acima.

Dentro desse tema esperamos ver a forma como os alunos-adolescentes lidam com situações vistas na escola e nas redes sociais sobre a representação da mulher nesses ambientes. Para isso, duas reportagens foram utilizadas para iniciar o debate no grupo do *whatsapp*. A primeira reportagem fala sobre a importância da mulher na sociedade³⁶ e a segunda sobre a repercussão, nas redes sociais, da reportagem da revista *Veja*³⁷, que traz a mulher do ex-presidente da república Michel Temer, como “bela,

³⁵ Fonte: https://www.instagram.com/meublackepop/p/BvKm21fhVV8/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=1xepi0aqbj9zm acesso em março de 2019.

³⁶ Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-importancia-da-mulher-na-sociedade.htm> acesso em março de 2019.

³⁷ Fonte: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/04/internautas-questionam-papel-social-da-mulher-em-campanha-2018bela-recatada-e-do-lar2019-6072.html> acesso em março de 2019.

recatada e do lar”. A partir dessas reportagens, os alunos puderam trazer seus pontos de vista sobre como a mulher é representada nesses dois ambientes (escolar e redes sociais), bem como fazer uma associação desse tema com a questão do preconceito.

O último tema debatido foi sobre a cultura brasileira. Esse é um tópico extremamente importante a ser discutido, principalmente pela diversidade cultural que a nação brasileira possui, porém “a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços.” (FERNANDES, 2005, p. 379). Ademais, esse tema possibilita também fazer uma relação com a questão do preconceito.

Através desse tema esperamos entender como os adolescentes lidam diante das representações feitas da cultura brasileira nas redes sociais, como também de que forma isso interfere na identidade deles. Do mesmo modo, objetivamos compreender como esse tema pode ser vivenciado por eles no ambiente escolar. A fim de alcançar tais finalidades, foi utilizada uma reportagem que aborda sobre a importância de se conhecer a diversidade cultural brasileira³⁸ e uma imagem que traz as características singulares da fala nordestina³⁹. Com essa escolha de materiais, talvez seja possível perceber qual tipo de identidade irá se sobrepôr quando os alunos abordarem sobre esse tema, por exemplo a questão da fala nordestina, além de verificar de que forma eles se identificam com isso.

O debate fomentado no *whatsapp* foi analisado e separado em pequenos tópicos e as opiniões que fossem sobre um mesmo subtópico eram colocadas juntas para uma análise mais completa. Outro fator importante para a análise dos dados, foi a comparação entre o que os alunos falaram no grupo e o que foi dito em sala de aula. Para preservar a identidade dos alunos, participantes da pesquisa, os nomes utilizados serão fictícios, como explicado na metodologia. Assim, eles serão nomeados: Richard, Catarina, Miguel, Sofia, Maria, Álvaro, Pedro e Manuela.

As análises serão divididas de acordo com os quatro temas propostos dentro do grupo do *whatsapp*. No entanto, a análise sobre tecnologia e o preconceito terão uma seção cada, por terem sido os temas mais debatidos pelos alunos, ao passo que os temas

³⁸ Fonte: <https://www.google.com/amp/s/jornalggn.com.br/educacao/a-importancia-de-conhecer-a-diversidade-cultural-brasileira/amp/> acesso em março de 2019.

³⁹ Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bs5jDgOafi7/?igshid=hrr1rvsgi0ki> acesso em março de 2019.

sobre o papel da mulher e cultura brasileira, por apresentarem menos discussões, serão colocados na mesma seção. Dito isso, todo o texto produzido a partir daqui será produzido de acordo com a ordem que foi sendo debatido dentro do grupo ou conectado com as aulas assistidas, possibilitando a análise cronológica dos temas desenvolvidos. Relembramos ainda que durante todo o momento o grupo foi movido na base de diálogos e não em forma de pergunta e resposta, tal qual os recursos utilizados (vídeos, imagens, reportagens, etc) foram apenas a forma escolhida para iniciar os debates. Após as seções acima apresentadas encerraremos o capítulo com uma análise feita das perguntas extras (questões sobre o banimento dos celulares e se era mais fácil lidar com o preconceito na escola ou nas redes sociais e se a escola reforça ou evita atitudes preconceituosas) conferidas aos alunos como forma de entender melhor alguns pontos por eles colocados durante os temas debatidos, além de uma comparação entre o conceito de *affinity space* (GEE, 2004) e o grupo do *whatsapp*.

4.1 Análise sobre tecnologia

Um dos pontos a se destacar nessa análise é a diferença de pensamento entre os alunos, com relação ao uso das redes sociais em sala. Para a maioria deles, e destacando a fala de Manuela, as redes sociais podem ser consideradas produtivas, desde que sejam utilizadas de forma coerente pelo professor. Nesse sentido, a aluna Manuela acredita que:

[excerto 1] Já eu acho que todo tipo de proibição nesse quesito é errada, eu creio que com o bom aproveitamento até o WhatsApp ou Instagram podem ser produtivos, acredito que a questão seja a condução desse recurso e modo como é abordado, até pq a maioria das crianças e adolescentes só enxergam a internet como uma forma de lazer.[Eles estavam debatendo sobre a questão de se utilizar o celular e as redes sociais durante as aulas, se poderiam ser considerados como um recurso.]

Logo, concluímos a partir dessa fala, que os professores precisam saber como utilizar as redes sociais de forma coerente e auxiliar os adolescentes como mediadores. Para a maioria dos alunos participantes da pesquisa, o uso adequado da tecnologia tem que ser iniciado desde cedo nas escolas. Por outro lado, Sofia defende que as redes sociais devem ser banidas de uso em horário de aula. De acordo com ela: “Não acho

cabível banir totalmente o uso dos celulares nas escolas, mas banir o uso de certos aplicativos como whatsapp, insta e etc em horário de aula, sim.”

O termo banimento do celular foi utilizado devido ao uso da reportagem (Parlamento francês aprova proibição dos celulares em escolas na França) e Sofia diz ser contrária ao banimento total porque tem alunos que precisam do aparelho para salvar os livros didáticos, já que não tem condições de comprar o livro físico. É válido ressaltar que na escola onde eles estudam o uso do celular durante as aulas é proibido, porém, como alguns alunos não possuem o livro didático, alguns professores liberam o uso do celular para eles tirarem foto do livro do colega e, assim, possam responder o exercício no caderno. Há também a liberação do uso do celular quando os alunos precisam fazer algum tipo de pesquisa ou procurar o significado de alguma palavra nas aulas de língua estrangeira. O argumento que Sofia traz é que os adolescentes não têm maturidade suficiente para dissociar o certo do errado, ou seja, eles não utilizariam as redes sociais com fins educacionais, quando pedido pelos professores. Essa visão parte da ideia de que ela mesma utiliza o celular durante as aulas, de forma incoerente, mas, ao mesmo tempo, Sofia sabe que o uso do celular, em certas situações, como as que os professores da escola dela permitem, é necessário, pois como ela mesmo mencionou, alguns dos seus colegas não possuem o livro físico e o celular é o recurso utilizado por eles para acompanhar as aulas. Com relação a esse assunto, Zacchi (2019), traz um caso de uma professora que é contrária ao uso do celular para tirar fotos do quadro, pois para ela o fato do aluno copiar o assunto irá ajudá-lo a aprender e, portanto, o hábito dos alunos não quererem mais copiar do quadro acaba interferindo na escrita deles, fazendo com que eles escrevam de forma errada.

Nos debates sobre tecnologia, os alunos comentaram sobre o uso da internet, se era apropriado ou não ser utilizada em sala e se as escolas deveriam ou não liberar o acesso para os alunos. Dentro desse tópico, Maria diz: “A internet pode ser um inimigo tanto quanto uma aliada”. Percebe-se através dessa fala que os próprios adolescentes conseguem notar que, embora a internet ofereça inúmeras ferramentas, ela pode ser perigosa por vários fatores e o principal deles é a quantidade de informações que são disponibilizadas. Posto isto, é nesse momento que o professor passa a ter um papel fundamental, como demonstrado no capítulo anterior. O professor passa a ter o papel de mediador (LIBANEO, 2011; BULGRAEN, 2010; BRASIL, 1997; BRASIL, 2018, ZACCHI, 2015), auxiliando os seus alunos a extrair as informações que realmente são relevantes, principalmente no tocante as redes sociais, já que não temos controle sobre o

que é postado. Assim, é preciso compreender que o conhecimento não é mais centralizado somente no professor, pois já está disseminado e os alunos adolescentes têm facilidade para encontrar no momento em que eles quiserem. Outro ponto a se observar é que tudo aquilo que os adolescentes têm contato, principalmente e majoritariamente nas redes sociais, influencia no seu jeito de agir, de pensar, de falar, nos seus gostos, conseqüentemente interferindo na sua identidade. E nesse caso, irá interferir tanto na sua identidade real quanto na sua identidade virtual. Mesmo que o que esteja influenciando venha do mundo *online*, sabemos que isso acaba impactando no dia-a-dia. Por isso, não importa se a influência é *online* ou *offline*, ou seja, virtual ou dia-a-dia, de alguma forma, em um grau maior ou menor irá interferir na identidade do adolescente e a maneira como a identidade será afetada vai variar de acordo com a necessidade do momento (GEE, 2007). Por exemplo, falando de estudos, se o que está no mundo *online* vai influenciar na forma do aluno estudar, então, nesse caso, a identidade real que será influenciada será a de estudante.

Corroborando com o que foi dito anteriormente, Catarina expressou que: “O problema está em como usar [a tecnologia]” “Em como está sendo ensinado a usar [a tecnologia]”. Talvez, uma das soluções para mudarmos essa visão seria trazer um caráter mais didático para as redes sociais (BARTON; LEE, 2015). Atualmente, existem diversas formas de os alunos aprenderem por meio da internet, como por exemplo vídeo-aulas e *lives*⁴⁰ feitas pelos professores nas redes sociais, principalmente no *Instagram*. Tendo em consideração o período de pandemia, ocasionado a partir do final de março de 2020, as *lives* se intensificaram bastante e foi uma das formas que os professores encontraram de passarem o conteúdo da sua disciplina para os seus alunos. Sobre esse fato, Paiva (2020) pontua que as *lives* estão ocorrendo à força pelos gestores educacionais. Segundo o autor, os professores foram obrigados a usar a tecnologia da noite para o dia, sem preparo nenhum e de certa forma estão sendo “chantageados”, ou seja, eles devem se adaptar a essa nova realidade ou irão perder o emprego. Logo, nós professores viramos *youtubers* de uma hora para outra. Destarte, o celular possui um papel muito importante nessa situação, já que para muitos alunos é a fonte (Em 2017, 49% dos lares brasileiros dependiam de um celular para acessar a rede mundial de

⁴⁰ Ocorre quando as pessoas entram em tempo real nas suas redes sociais e podem interagir com seus seguidores.

computadores⁴¹) que eles têm para acessar os conteúdos encontrados na internet. E dentro dos celulares ou até mesmo dos computadores (para aqueles que possuem) o aplicativo do *YouTube* é uma grande ferramenta que auxilia os alunos nos estudos (Em 2018, 9 em cada 10 brasileiros utilizaram o *YouTube* para estudar⁴²).

Ainda sobre o tema tecnologia, Miguel afirmou: “O professor não sabe de tudo e o aluno fica limitado quando ouve né,⁴³ ele não expande os horizontes.” Novamente, os próprios alunos percebem que a mudança do papel do professor é essencial nos dias atuais. De acordo com Zacchi (2015),

Com a globalização e as novas tecnologias de comunicação, os alunos têm acesso a novas fontes de informação e também a diferentes formas de construir conhecimento. [...] Quando se trata do inglês, eles têm acesso a tantos portais diferentes, tanta diversidade, que é difícil para o professor assumir que um dia ele poderá dominar tudo isso melhor que seus alunos.

Além disso, os alunos trocam entre si as informações descobertas, é o momento em que eles, de certa forma, assumem uma identidade de professor, em que eles se transformam em uma outra pessoa, uma identidade projetiva, ou seja, uma situação hipotética, pois eles projetam as suas aspirações nesse novo papel de professor que eles assumiram. Por consequência, acabam se sentindo iguais e isso de uma certa forma faz com que eles sintam que também têm a capacidade de passar conhecimento uns aos outros, possibilitando uma colaboração entre eles. Talvez, seja por isso que muitos alunos-adolescentes se incomodam com as aulas tradicionais, pois, como já abordado nesse trabalho, o professor se comporta como o detentor do saber e não há uma troca entre eles. Corroborando com a ideia de que os professores precisam mudar sua postura Souza (2011) acrescenta que:

⁴¹ Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/celular-se-torna-principal-forma-de-acesso-internet-no-brasil> acesso em abril de 2020.

⁴² Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/internet/140581-pesquisa-mostra-9-cada-10-brasileiros-usam-youtube-estudar.htm> acesso em abril de 2020.

⁴³ Na situação apresentada, Miguel disse que dentro da sala de aula, os alunos ficam limitados ao conhecimento que o professor tem. Pois, ele não utiliza outros recursos disponíveis no meio digital, por exemplo. Essa fala foi dita no momento em que eles debatiam sobre o uso da tecnologia em sala (mais especificamente o celular.)

Está na hora de aprendermos com os nossos aprendizes. Precisamos de novos instrumentos, novos meios, novas formas de aprendizagem. Os novos resultados de aprendizagem surgem dessas novas formas. Não são mais conteúdos que são valorizados, mas a capacidade de buscar novas informações, a capacidade de autoatualização, de perceber quando uma informação já não tem mais o mesmo valor e procurar por outro para atualizar, capacidades de atualização, de colaboração.

No que se refere à tecnologia concernente ao uso do celular, Catarina pontua: “a educação é mais facilitada com o uso do celular”. Ela pensa assim, porque não comprou os livros didáticos, então o celular é a forma que ela encontrou para acessar o material. Sem falar que para ela: “É quase impossível realizar qualquer atividade sem o uso [da tecnologia]”, de acordo com Miguel: “pq eles já se tornaram parte do cotidiano o que pode ser feito é mostrar uma forma consciente de usá-los”, confirmando a importância que as novas tecnologias têm e que é fundamental auxiliá-los a utilizar de forma coerente. Os adolescentes, de modo geral, acordam e dormem pensando nos celulares (mais precisamente para utilizar as redes sociais), afinal é a nova forma de nos comunicarmos, desde que o telefone com fio passou a ser inutilizável, além da chegada do *whatsapp*. Talvez, seja uma forma deles dizerem que gostariam que os celulares fossem mais utilizados em sala de aula e que a escola tivesse um novo olhar para como utilizar as novas tecnologias.

De acordo com Álvaro:

[excerto 2] [as escolas] as quais ainda possuem um sistema conservador e isso em diversos casos não estimula o aluno a querer aprender, então, na minha opinião seria importante que a tecnologia fosse introduzida no ambiente escolar para incentivar os estudantes a aprender com atividades práticas usando os aparelhos. Além disso, essas instituições estariam se desenvolvendo juntamente com o mundo moderno.

Podemos perceber novamente através fala de Álvaro o quanto os alunos precisam de que a tecnologia seja inserida nas escolas, para trazer uma dinâmica diferenciada para a sala de aula. É importante frisar que durante o debate, quando os alunos estavam defendendo que a tecnologia deve ser incorporada na sala de aula, eles destacaram a importância do uso de dispositivos tecnológicos, como por exemplo o celular e o *Ipad* (já que na escola utilizada nessa pesquisa os alunos podem ter acesso a

Ipads durante as aulas), além disso, trazer jogos *online*, uso de aplicativos, entre outras coisas. Porém, enquanto professores, somente inserir essa “tecnologia” não é a forma definitiva de resolver tantos problemas que temos com a Educação, até porque, de acordo com Takaki e Maciel (2015, p. 53), nos vemos

pressionados a pesquisar sobre os fenômenos concebidos e disseminados pela Internet, bem como a tentar adaptá-los e implementá-los nas aulas no afã de atender aos interesses locais de determinada sala de aula e às demandas de uma sociedade amplamente influenciada pelas novas mídias.

Complementando o pensamento dos autores acima, Andreotti (2010, p. 10, tradução minha), assevera:

Os professores, estão enfrentando demandas bem desafiadoras em termos de novos perfis de alunos que ficam entediados facilmente e se veem como consumidores (e professores como provedores de um serviço), e que exigem que o aprendizado seja intensamente divertido, fácil e opcional.

Portanto, por mais que os alunos queiram a inserção das tecnologias em sala de aula, muitas coisas precisam ser modificadas, começando por uma melhor capacitação dos nossos professores, para eles poderem lidar com esse novo mundo e esse novo perfil de alunos, como apontado por Andreotti (2010).

Em relação ao uso das redes sociais como ferramenta educacional, Manuela também concorda com seus colegas que as redes sociais (ela foca no *instagram* e no *whatsapp*) podem ser utilizadas no campo educacional, só precisamos ficar atentos em como esses recursos são utilizados e abordados. Podemos apontar, nesse sentido, dois fatores já abordados anteriormente, a questão de que, talvez, o problema esteja em como as redes sociais são utilizadas, com o foco na educação, e no fato de que a distração é um fator que propicia os professores não as utilizarem (pois, a maioria dos adolescentes as veem como forma de lazer). Ainda no tocante ao uso do celular (e as redes sociais), Sofia diz que “os jovens brasileiros não têm maturidade para ver o certo e o errado na sua frente”. Nesse caso, Sofia fez questão de destacar que são os jovens brasileiros, dando a entender que os brasileiros no geral têm a característica de utilizar os celulares (e as redes sociais) basicamente como forma de lazer, porém, devemos levar em

consideração o conhecimento construído pelo aluno em relação ao assunto abordado, ou seja, a realidade dos adolescentes brasileiros.

Embora a internet e as redes sociais sejam importantes e provavelmente devam ser olhadas de uma maneira diferente com relação a educação, há um fator que preocupa os professores que é a questão da distração. Em 2017, uma pesquisa foi realizada pela pesquisadora em questão com alguns professores de Inglês de escolas públicas e privadas e lhes foi perguntado quais as vantagens e desvantagens de utilizar o *Facebook* nas aulas de Inglês e se o seu uso atrapalha ou ajuda o ensino de língua inglesa. Alguns desses profissionais alegaram que uma das desvantagens e o motivo de não utilizarem esse recurso é justamente a distração.⁴⁴ Concluímos, conseqüentemente, que esse é um dos motivos pelos quais alguns professores são tão resistentes ao uso das redes sociais como um todo. Porém, o que chamou a atenção na pesquisa para elaboração dessa dissertação é que pudemos perceber que alguns alunos têm o mesmo pensamento. Comprovamos essa assertiva através de falas como a de Maria: “mas as vezes dispersa muito [o uso do celular], prova viva somos nós”, além disso, outros alunos concordaram com ela e Catarina complementou dizendo que o problema não é o uso do celular e sim a forma como ele é utilizado na área da educação.

Um dos pontos mencionados no capítulo anterior foi a questão da mudança que o fim do uso do telefone com fio trouxe na vida das pessoas. Nesse capítulo, lembramos como era mais fácil antes se reunir com os familiares, pois para ligarem para alguém, a pessoa deveria estar em casa. E sobre esse assunto, dentro dos debates feitos com os alunos no *whatsapp*, Catarina disse: “Como é que um pai quer tirar o celular do filho se assim que chega do trabalho a primeira coisa que faz é pegar o celular?”. Hoje, com os celulares, temos a independência de ficar em qualquer lugar e as pessoas conseguem facilmente nos localizar, portanto, essa reunião com os familiares não é mais tão frequente. O que Catarina está questionando na sua fala é o fato de que geralmente os pais, como forma de punição, tiram o celular dos filhos. Contudo, esses mesmos pais não têm uma boa comunicação com seus filhos, e talvez, passam muito tempo no celular, mesmo dentro de casa, e provavelmente depois um dia inteiro de trabalho. Enfatizamos, porém, que essa não é uma regra aplicada a todos os pais, mas sim ao fato mencionado pela aluna, o caso deles. Talvez, os adolescentes utilizem muito

⁴⁴ Os dados dessa pesquisa podem ser encontrados em <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12736/2/FacebookRecursoEnsinoLinguaInglesa.pdf> Acesso em abril de 2020.

os celulares e não se comuniquem tanto no dia-a-dia, mas para afirmar isso é necessário um estudo aprofundado. A questão é que esse tipo de relação pode modificar a identidade do adolescente, pois ao se isolar no seu dia-a-dia ele pode em um outro momento ou em um outro tipo de identidade ser comunicativo. Podemos observar esse fato nas aulas assistidas, em outro contexto (escolar e não familiar), mas a ideia de alguma forma está relacionada. Isso porque alguns alunos foram bastante comunicativos durante os debates *online* e durante as aulas se pronunciaram bem pouco. Ao ser questionados pelos motivos, alguns disseram que era vergonha ou medo de ser julgado, mas, talvez, seja a forma que eles estejam acostumados a ser no contexto familiar e trazem para o contexto escolar. Em vista disso, a sua identidade virtual não pode ser usada nesse contexto porque a sociedade, nesse caso talvez família, não aceita ou não incentiva que ela seja usada.

Ao longo da pesquisa percebemos a grande influência que as redes sociais têm na vida dos adolescentes e, nesse sentido, Richard corrobora em relação a esse assunto quando diz que “todos nós estamos a ser influenciado de uma forma ou outra”. Esse adolescente foi um dos poucos alunos ou de uma certa forma pode ter sido o único que teve o mesmo comportamento tanto no grupo do *whatsapp* quanto nas aulas observadas. Esse comportamento possibilitou que Richard, depois do período das pesquisas, se tornasse *digital influence*. Apesar de ele sempre ter sido comunicativo, foi através das redes sociais que ele realmente conseguiu se expressar da forma como ele queria. Nesse caso, há uma relação muito grande entre a sua identidade real e virtual. Como demonstrado anteriormente, as identidades real e virtual estão relacionadas de uma forma que às vezes se intercalam de uma maneira que é quase impossível distinguir uma da outra. Richard é um exemplo disso, ele é um *digital influencer* e com ele é muito complicado definir uma linha entre as identidades, principalmente quando não há uma mudança no comportamento, na forma de agir e nem de se portar. Por exemplo, ao acessar o canal que ele tem no *Instagram* é possível notar que a forma como ele fala com os seus seguidores é a mesma como ele fala com as pessoas no seu dia-a-dia.

Durante as conversas no grupo do *whatsapp*, os alunos também debateram entre si sobre se as respostas das atividades propostas pelos professores deveriam ser feitas no celular ou no livro. É interessante notar que mesmo que todos eles tenham vivido na época das novas tecnologias, alguns ainda preferiram o uso do material físico para fazerem as suas tarefas.

Um dos pontos importantes no debate foi a questão da identificação com o professor, revelando ser esse um dos motivos pelos quais os alunos procuram outras formas de estudo na internet e nas redes sociais. Constatamos que é justamente pela falta de identificação que os alunos têm com seus professores que eles buscam outros meios para estudar. Com relação a isso, Miguel argumenta:

[excerto 3] Tem essa questão de identificação tbm, as vzs vc n consegue aprender ou n se identifica com o método de ensino de um professor por diversas questões e a internet permitiu que os estudantes tivessem acesso a outras formas de adquirir esse conhecimento. [Nesse momento da discussão, eles falavam sobre a questão de os alunos não prestarem atenção em algumas aulas e que isso poderia estar relacionado ao fato como o professor leciona a disciplina]

Além disso, alguns alunos-adolescentes ao utilizarem sua identidade virtual assumem comportamentos diferentes do real justamente por essa falta de identificação, seja no campo educacional, familiar, social etc. Pensando no jogador, quando ele assume uma identidade virtual (cria um avatar) ele pode modificar até a forma física dele, e esse fator pode estar de certa forma relacionado justamente com essa falta de identificação até consigo mesmo.

Um dos pontos abordados durante o capítulo 2 foi o fato de que os adolescentes não diferem mais o mundo real do virtual, propiciando que as suas identidades reais e virtuais em vários momentos se misturam devido a isso. Durante o debate sobre o uso da tecnologia em sala, Miguel mencionou que um dos motivos para o banimento do celular (abordado na primeira reportagem) é que eles estavam separando o mundo real do virtual e que isso não existia. De acordo com ele:

[excerto 4] Eu acho que um dos principais fatores pra essa atitude tomada pelo parlamento [francês, pois a reportagem escolhida fala sobre o banimento do celular nas escolas da França] é uma visão separatista entre o mundo real e o mundo virtual, hoje n se tem mais essa separação, o mundo virtual está diretamente associado ao “real” e vice-versa.

Isso demonstra que ele, enquanto adolescente, já tem a consciência de que esses dois mundos estão intrinsicamente conectados, logo, suas identidades provavelmente se confundem também. Esse modo de pensar corrobora com a ideia de que as identidades vão se combinando em diferentes momentos (ZACCHI, 2018).

Assim sendo, o uso da internet é notavelmente crescente a cada instante, principalmente com a praticidade que encontramos com os celulares, ou seja, qualquer pessoa que tenha um *smartphone* consegue ter acesso à internet, através de um plano com alguma operadora ou do *wi-fi* de algum ambiente. Para Miguel, a internet trouxe uma democratização da informação. Segundo ele,

[excerto 5] A internet trouxe uma democratização da informação que foi um choque na cultura e tapa na cara da mídia. Antes quem fazia sucesso era só quem tinha um perfil que a mídia julgava ser atrativo pro mercado enquanto hoje a gente tem uma Drag Queen como umas das maiores artistas do Brasil, o país que mais mata lgbtqi+ no mundo e ainda com essa onda de conservadorismo que vem aparecendo, quando que isso ia acontecer se as gravadoras ou emissoras ainda tivessem controlando tudo como faziam antes? Nunca na vida.

Também é trazido por Miguel o fato da importância de se ter contato com a internet desde cedo. Ele diz: “Precisamos saber diferenciar o que é falso, o que é fato, o que é abusivo ou senão a gente vai continuar tendo uma geração que elege candidato por *fake news*”. Manuela corrobora com a visão de Miguel ao dizer: “aquela historinha da sociedade baseada em corrente do *whatsapp*. Isso demonstra o quanto usamos a tecnologia de forma inadequada.” Portanto, para esses indivíduos fica claro que o uso da internet é fundamental, porém há uma necessidade de se ter uma melhor preparação e para isso, e eles creem que essa preparação é papel da escola, ensinando a usar de forma correta a internet e os seus recursos disponíveis. O que está faltando, portanto, é o que conhecemos por Letramentos Digitais, ou seja, as habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital (DUDENEY, HOCKLY, PEGRUM, 2016).

4.2 – Análise sobre preconceito

De acordo com Salles e Silva (2008, p. 155-156), os adolescentes “são reduzidos a estereótipos que são construídos em relação a eles e que podem promover conflitos entre estes e o mundo adulto, no caso direção, professores e funcionários da escola, bem como entre os próprios jovens”. Aqueles [componentes do corpo administrativo da escola] que deveriam evitar que o preconceito se disseminasse são justamente quem, às vezes, reforça. Com relação ao ambiente escolar, Álvaro afirma:

[excerto 6] A escola como nossa segunda casa e a próxima formação educacional que teremos não está ali para impor um padrão social ou dizer qual religião é a correta, mas sim para nos ensinar a respeitar as escolhas de cada pessoa para seguir sua vida. Caso ela comece a praticar esses atos preconceituosos [uso de certo padrão de cabelo para os meninos, separar alunas de sala por talvez terem um relacionamento], estará influenciando na formação desses alunos de forma errada, os ensinando a praticar os mesmos atos, como é visto na imagem que juntamente com a professora os alunos apontam para o colega [anexo I]. Isso também é perceptível no meio que a família utiliza para educar seus filhos que futuramente estará pondo esses ensinamentos em prática. Então, é importante verificar de que forma a educação está sendo passada.

Isso demonstra que mesmo sendo adolescentes, eles estão preocupados que a forma como a escola no geral lida com certas situações pode acabar influenciando outros alunos. Notamos também através da fala de Álvaro o quanto isso o incomoda, porém, durante as aulas observadas ele não emitiu sua opinião tão fortemente como fez durante o debate sobre preconceito no grupo do *whatsapp*. Ele somente participou da aula quando os alunos estavam falando que a escola os separava por notas, ou seja, as turmas A, B e C eram divididas de acordo com a média que os alunos haviam tirado no ano anterior. Essa forma de divisão fez com que Álvaro fosse separado dos seus amigos com os quais ele estudou durante muitos anos, em vista disso, ele aparentava estar bastante chateado com essa situação. Isto posto, pudemos perceber que dentro da sua identidade virtual Álvaro mostrou que demonstra mais o que pensa do que quando ele está no seu dia-a-dia, reforçando a ideia de que a identidade virtual só é assumida quando podem ou precisam. Nesse caso, no seu cotidiano ele mantém a sua identidade real e talvez não utilize a virtual pelo simples fato de que ele tenha medo de como a sociedade pode reagir. Nota-se que ele se sente mais confortável em uma identidade dita virtual, pois, por mais que a sociedade possa não aceitá-la, foi a forma como ele encontrou para poder se expressar diante de um tema que dependendo de como seja abordado pode ser considerado um tanto quanto polêmico.

Ainda sobre Álvaro, notamos que ele fez vários comentários interessantes e pertinentes no grupo do *whatsapp*, participou dos debates, porém em sala, durante as aulas assistidas, praticamente não falou. Quando questionado sobre o porquê de não participar em sala, ele disse que é tímido, que gosta de observar e que o ambiente acaba inibindo-o, mesmo estando na sala com colegas com quem ele convive há anos. Com

isso, nota-se uma preferência que Álvaro tem em assumir a sua identidade virtual, uma vez que é nesse ambiente que ele aparenta se sentir à vontade. Por outro lado, não podemos afirmar que o ambiente é que faz com que ele se sinta dessa forma, pois, embora as redes sociais tendam a ter a característica de deixar as pessoas mais confortáveis, por acharem que a “tela” os protegem, o fato dele participar mais nesse ambiente pode ser simplesmente por ele ser tímido, ou seja, não haveria uma relação direta com o ambiente em que ele está.

Quando debatemos sobre questões de preconceito dentro do grupo do *whatsapp*, a maioria deles concordaram que era mais fácil encontrar o preconceito nas redes sociais do que na escola. Eles disseram que as pessoas distribuem “ódio gratuito” e que nem sempre interpretam as falas da maneira correta. A questão da interpretação pode ser generalizada em todas as redes sociais, por mais que os *emoticons* e outros recursos tenham sido criados para a construção de sentidos (LEITE; SILVA, 2015), como abordado no capítulo 3, nem sempre a comunicação é compreensível e acaba gerando discussões desnecessárias.

Um dos pontos mais tocados entre Maria e Manuela no debate sobre o preconceito foi a questão de que, embora elas se considerassem brancas, de uma certa forma elas tinham uma identidade projetiva com relação às pessoas negras. Ou seja, através de situações hipotéticas nas quais elas se projetam em pessoas negras para tentar entender como elas se sentem e assim poder defendê-las. E por isso, as pessoas faziam comentários maldosos sobre elas nas redes sociais. Segundo Maria, as pessoas fazem comentários como: “Olha essa branca aqui querendo opinar em rap de negro, vai ouvir n sei o que Barbie burguesa”. Em relação a essa fala, Maria diz que é de uma outra pessoa sobre um comentário que uma pessoa branca fez no *Twitter*, ou seja, pelo fato de uma pessoa se considerar branca, ela não pode emitir sua opinião sobre assuntos que ao longo do tempo foram “classificados” como de negro, como por exemplo o rap. Por outro lado, ela acaba sofrendo o estereótipo colocado em cima de garotas brancas que seria a da boneca Barbie e burguesa, porque as pessoas brancas seriam aquelas com uma renda maior do que as outras. Outro ponto bastante debatido foi a questão dos extremismos e sobre essa questão Maria e Manuela acreditam que as pessoas, nas redes sociais, são muito radicais. Por exemplo, elas várias vezes dão a entender que assumem uma identidade projetiva de negra durante alguns momentos nas redes sociais, isso pensando na adaptação feita ao conceito de identidade projetiva de Gee (2004). Ou seja, elas se projetam como pessoas negras em situações hipotéticas, mas diferentemente do

que Gee diz no seu conceito, nesse caso, elas não projetam seus valores, afinal a sua identidade real é branca, logo, não teria como trazer os seus valores ao estar em uma posição de pessoa negra, caso que também aconteceria se a situação fosse ao contrário. Com isso, muitas pessoas as atacam dizendo que elas não podem lutar/participar de uma causa, se elas não passaram por aquilo. Para Maria:

[excerto 7] Branco escutar rap de negro é errado? Foi isso que eu vi no Twitter e fiquei indignada. Não esqueço até hoje. Uma morena, xingando uma branca pois ela havia opinado no álbum de um cara aí. Simplesmente com o motivo: uma branca querendo falar de música de negro, vê se pode?! Eu não engoli isso. Não vou ouvir Lady Gaga porque se não as poc vai me bater.

Essa fala ilustra o que foi tratado no parágrafo anterior e ainda traz a questão LGBTQI+, visto que “Poc” é um termo utilizado para os homossexuais que são considerados mais afeminados. Maria, ironicamente, disse então que pelo fato dela não fazer parte da comunidade LGBTQI+, ela não poderia ouvir Lady Gaga, que é considerada uma cantora que tem um público bastante alternativo. Na visão de Maria, isso faz parte do extremismo de que ela falou, de acordo com ela as pessoas não precisam ser definidas pelos seus gostos e nem pela cor da sua pele.

Sobre esse tema, Miguel disse que as pessoas brancas só usam o cabelo afro e tranças quando está na moda. Para ele, o fato de os brancos começarem a usar esses tipos de penteados muda a visão das pessoas, que “quando os negros utilizam é porque o cabelo é “ruim”, penteado de “maloqueiro””, porém, a partir do momento que as pessoas brancas utilizam é considerado da moda e isso o incomoda bastante. Miguel, Maria e Manuela se consideram pessoas brancas, como mencionado anteriormente, e eles gostariam que a escola trouxesse alguém do movimento negro para falar sobre o assunto, porque independentemente de cor, eles gostariam muito de aprender, até para poder falar as coisas/expressar suas opiniões, sem acabar sendo preconceituoso.

O debate sobre preconceito ficou muito focado nesses três alunos, eles foram o que mais participaram, e percebendo que eles já viram diversos tipos de preconceito nas redes sociais, foi questionado sobre o porquê de eles não se manifestarem contra esses tipos de situação. No geral, eles disseram que sentem muita vontade de responder os comentários preconceituosos, porém acham que nada irá acontecer, e o principal fator é que a maioria das pessoas utilizam as redes sociais para insultar, elas não aceitam dialogar sobre o tema, e, nesse caso, eles retomam mais uma vez a questão dos

extremismos mencionada anteriormente. Por outro lado, no ambiente escolar, os alunos participantes da pesquisa disseram que na escola eles encontram diversas situações de preconceito, porém é disfarçado, as pessoas são preconceituosas através de piadas feitas entre colegas. Diferentemente das redes sociais, na escola muitos fingem que não se importam, porque senão vão precisar falar sobre aquele tema, mas acabam sofrendo com aquela situação. Acreditamos que é na identidade virtual que esses adolescentes desabafam sobre os preconceitos sofridos no seu dia-a-dia, e esse desabafo pode ocorrer de diversas formas, eles podem, inclusive, se expressar nas redes sociais, ao responder comentários preconceituosos. Outro modo deles lidarem com isso é quando eles retiram a característica que as pessoas fazem piada (uso de óculos, cor de pele, tipo de cabelo) ao criar uma nova rede social ou um avatar no jogo de vídeo game. Nesse momento, é como se eles assumissem uma nova identidade e nela eles não teriam a particularidade que as pessoas utilizavam para fazer comentários maldosos e preconceituosos.

Manuela é uma aluna tão participativa quanto Álvaro, pois participou com grande frequência dos debates feitos no grupo do *whatsapp*, principalmente quando foi abordado sobre o preconceito e o papel da mulher na sociedade, sendo a aluna que mais trouxe exemplos de preconceitos encontrados no ambiente escolar. Manuela relatou em um dos exemplos trazidos que na escola duas garotas lésbicas foram separadas de turma e que um rapaz, que tinha um cabelo afro grande, foi convencido de que deveria “ajeitar” o cabelo. Assim, em um outro momento quando ela o viu, ele estava de cabelo preso. Segundo Manuela, entre os alunos, ela nunca presenciou preconceito com relação à raça, mas sim com relação a porte físico e opção sexual. Ela afirmou que em nenhum momento se intrometeu ou tentou se expressar, mas apesar de não ter emitido sua opinião, ficou nítido no grupo que ela ficou extremamente incomodada com o fato da escola ter separado as garotas de sala somente pelo fato delas serem um casal. É como se ela se visse em uma dessas garotas e não aceitasse o preconceito sofrido, portanto, temos aqui um exemplo de identidade projetiva definida por Gee (2004). Nessa identidade, o indivíduo projeta os seus valores em uma outra pessoa e acaba sofrendo por algo que nem aconteceu com ela.

Com relação às redes sociais, Manuela disse que vê frequentemente vários casos de preconceito, mas que não toma nenhuma atitude, nem faz um simples comentário, porque para ela "é muito difícil ter uma atitude que faça efeito". Na sua opinião, denunciar o preconceito nas redes sociais ainda é um processo muito lento e complicado. Deprendemos a partir dessa afirmação que, embora ao entrar nas redes

sociais ela assuma uma identidade virtual, mantém o mesmo comportamento do seu cotidiano, da sua identidade real. A adolescente se sente incomodada ao assumir uma identidade projetiva, mas não toma nenhuma atitude como quando ela assume sua identidade real ou virtual. Enquanto participou do grupo do *whatsapp*, a adolescente se manifestou regularmente, e, além disso, também se manifestou em sala de aula trazendo vários exemplos de como a função da mulher na sociedade avançou, de como é a vida das mulheres no mundo árabe, a questão da depilação entre as mulheres, entre outros exemplos. Uma das diferenças na forma como ela participou do debate foi a delimitação do tempo pela escola para que a discussão ocorresse, enquanto que no grupo do *whatsapp* não havia esse controle. Outro fator importante é que, por mais que ela tenha se manifestado em sala, foi nítida sua participação mais enfática e assertiva nos seus comentários inclusos no grupo. Na situação apresentada acima por Manuela, ocorrida na sala de aula, ela assumiu a identidade feminista. E tanto durante a conversa na rede social como na aula assistida sobre esse tema ficou visível o fato dela ser feminista, até porque ela já havia feito afirmação anteriormente em outras situações na escola.

Um dos tópicos que mais geraram debate no grupo do *whatsapp* foi justamente a questão do preconceito. Após terem analisado a reportagem e o vídeo, Manuela foi a primeira a dar sua opinião sobre o tema dizendo que “o preconceito faz parte do cotidiano de muita gente”. E ela ainda destacou:

[excerto 8] O preconceito está interligado a aquele que nunca nem ao menos teve contato, porque eu tenho certeza que a diretora do colégio nunca chegou a presenciar o candomblé em si para ao menos se informar. [...] Como eu também acredito que nada anda sozinho ou acontece por acaso, acredito que fora esse negócio da igreja e blábláblá, não acho que seja coincidência logo o candomblé e o cabelo afro, uma religião trazida pelos africanos escravizados (negros) e o afro que faz parte da cultura e manifesto negro, logo o Brasil que tem racismo como algo já cultural, que já tem uma marca muito forte em relação a isso e que tem gente hoje em dia que diz que não existe.

Novamente, temos uma fala bem enfática, com relação ao preconceito. Mesmo sendo branca (sua identidade real), Manuela se sente incomodada com o preconceito sofrido pelos negros, como se estivesse sendo atingida de alguma forma por aquele preconceito, fato já mencionado nesse texto.

Ainda abordando sobre preconceito, houve mais comentários, como quando Pedro traz a escola como exemplo, dizendo:

[excerto 9] Acho que a educação é um direito e deveria ser livre para todos, não é só porque uma pessoa é de uma religião diferente que não pode fazer uso disso. Lá na escola mesmo, é católica, mas tem alunos de várias religiões. [Esse comentário foi baseado em cima da reportagem geradora do debate, que abordava sobre o menino que está usando um adereço do candomblé]

Por outro lado, temos Maria que traz a visão do preconceito nas redes sociais ao mencionar: “maior exemplo é no *twitter*, as pessoas distribuem *hate* de graça. Qualquer coisinha que incida algo que possa ser entendido errado, fulaninho vem atacar.” Com isso, podemos perceber que eles conseguem fazer a associação dos temas tanto dentro do ambiente *offline* onde eles vivem quanto do ambiente *online*.

Um fato que verificamos durante a aula assistida é que, por mais que o professor abordasse sobre o preconceito, ele sempre teve cuidado no que ia falar e expor para os alunos, sempre atento a fala deles para intervir no momento em que julgasse que a discussão poderia ir para um caminho que ele não pudesse controlar. Esse fato lembra análises feitas durante uma pesquisa realizada entre os anos de 2017 e 2019 com a presença de 3 professores, três alunos da graduação e uma aluna graduada (a pesquisadora em questão). A pesquisa tinha como objetivo compreender de que forma os professores agiam quando enfrentavam situações inesperadas. Durante a análise, observamos que a maioria dos professores comentavam que era importante falar sobre diversidade, porém eles evitavam entrar em temas que pudessem ser considerados polêmicos, como por exemplo raça e gênero. Eles abordavam, portanto, diversidade no sentido de cultura e língua (ZACCHI, 2019), já que os grupos formados nas salas de aulas são bastantes heterogêneos em outros aspectos como raça, credo, opção sexual, e etc. No entanto, no que concerne a esta pesquisa, a aula analisada não ficou somente em temas como língua e cultura, os alunos puderam falar de outros temas, contudo, era nítido o desconforto do professor. Se o assunto comentado era polêmico, ele então de alguma forma tentava controlar o debate e continuava a aula ou deixava outro aluno falar. Porém, houve um momento em que ele deixou Pedro se expressar, sem intervir, e nesse momento ele relatou ter sofrido preconceito pela cor da sua pele. O episódio ocorreu na loja da sua tia e Pedro foi tratado mal por um cliente e, de acordo com ele, estava nítido que por preconceito racial. Segundo ele, ficou muito chateado, pois nunca tinha passado por aquele tipo de situação, e, nesse momento, inferimos que a sua identidade racial se destacou, dando uma certa forma ele que nem sabia que a tinha, até passar por aquele momento.

4.3 – Análise do papel da mulher e da cultura brasileira

O terceiro tema abordado foi o papel da mulher, para isso foram utilizadas duas reportagens que traziam como pauta esse tema. No grupo do *whatsapp*, as garotas participantes possuem opiniões muito parecidas, foi possível notar que é um assunto que realmente mexe com elas, a identidade de mulher delas se destacou nessa discussão. O que mais as incomodou foi o fato de mulheres que são consideradas empoderadas acabarem sofrendo preconceito pela sociedade no geral e, principalmente, serem atacadas/difamadas por outras mulheres.

Com relação a cultura brasileira, os adolescentes a associaram ao tema sobre o preconceito. Falaram das diferenças que existem dentro do país e, partindo desse ponto de vista, Sofia disse que se ela não entende o outro como ela pode conviver com ele? Sob o mesmo entendimento de Sofia, Álvaro resume em sua fala um pouco dos dois últimos temas debatidos. De acordo com ele:

[excerto 10] Ao se conhecer uma nova cultura começamos a entender como ela funciona e o que influencia na vida das pessoas, depois disso poderemos tirar nossas conclusões. Com relação ao papel da mulher, algumas culturas hoje ainda permeiam os costumes conservadores, o quais as mulheres são retratadas como donas de casa somente e em diversas outras, essa realidade vem se modificando. Isso gera um conflito, pois alguns grupos querem modificar a realidade e outros não consideram essa alternativa. Então, é importante ter um conhecimento sobre a cultura de cada pessoa, para assim formar uma opinião e compreender também o porquê tal grupo vive de determinada forma que para muitos pode ser errada.

Defendemos, desse modo, que o local mais apropriado para eles debaterem sobre as questões levantadas seria o ambiente escolar. Se as escolas trabalhassem as diversas culturas que temos no nosso país, nossos adolescentes poderiam se colocar no lugar dos outros e entender as diferenças entre eles. Acreditamos que essa postura seria muito importante para a construção da identidade dos alunos. Nesse sentido, para Miguel:

[excerto 11] Na escola essa troca cultural acontece de uma forma muito orgânica, quase que por osmose, uma vez q há uma população de alunos com diferentes etnias convivendo por um longo período do dia quase todos os dias, esse câmbio cultural acontece de uma forma ou de outra. Já internet sinto que ha quantidade infinitamente superior dessas diversas culturas, dos mais diferentes cantos do planeta, acabam muitas vzs gerando um choque muito maior, talvez por n ter esse contato direto como na escola. No entanto, tanto na escola quanto

na internet é perceptível o preconceito cultural, só q na internet ele se dá com muito mais força e a escola é uma coisa mais velada e na maioria das vezes ligada ao preconceito com culturas de matriz africana, se associando ao racismo velado presente nessas instituições.

Verificamos, dessa forma, que Miguel consegue perceber que há preconceito em qualquer lugar, ou seja, tanto no ambiente real quanto virtual é possível presenciar situações preconceituosas. Porém, para ele, na internet é onde há uma infinidade maior de atitudes preconceituosas, é só pensarmos quantas pessoas acessam as redes sociais e quantas existem no ambiente escolar. O exemplo citado sobre culturas de matriz africana, pode estar ligado ao fato de Richard ter dito tanto no grupo do *whatsapp* quanto na aula em que o tema foi preconceito que a escola em algum momento não concordou em ter danças africanas na gincana escolar, porém ele não deu muitos detalhes, talvez por medo de alguém contar para a direção/coordenação e ele ser prejudicado.

Ainda de acordo com a fala de Miguel devemos nos atentar ao fato dele mencionar que “há uma população de alunos com diferentes etnias convivendo por um longo período do dia quase todos os dias”. Conforme Splitter (2007):

As the tides of multiculturalism, migration, and large-scale religious and ethnic divisions surge ever higher, we (all of us, but teachers and school leaders especially) need to be both aware and wary of the forces that shape these identities, and of their implications for contemporary concerns ranging from the emotional and psychological well-being of young people, to the global threats of terrorism and extremism. In education – which is both prescriptive and descriptive of personal well-being – there are two dimensions to consider: how do young people develop a sense of who they are vis-à-vis their various affiliations and identifications, and how might they do so in a more ideal world? It is one sign of an effective teacher that she both grasps the implications of these dimensions, and helps her students to bridge the gap between them.

Logo, enquanto professores, observa-se que é necessário estarmos atentos à diversidade presente nas salas de aulas e saber lidar com elas, para que, enquanto educadores, não reforcemos o preconceito, mas sim mostremos aos alunos essa heterogeneidade reprimida no interior das escolas e respeitando as diversas identidades que surgirem a partir disso.

4.4 Novos questionamentos e Affinity Space

Após os debates dos quatro temas selecionados e as observações de aula terem finalizado, fizemos mais algumas perguntas para os alunos, a fim de entender melhor o ponto de vista dos alunos participantes da pesquisa sobre alguns pontos específicos inclusos no grupo do *whatsapp*. Uma das questões que mais chamou a atenção foi a questão do banimento dos celulares nas escolas (como sugeria a reportagem utilizada no grupo). Em vários momentos, tanto no grupo do *whatsapp* quanto nas aulas observadas, eles deixaram claro que não conseguem ficar sem o celular, mas somente um ou outro aluno comentou especificamente sobre esse fato do banimento. Portanto, foi perguntado para eles: O que vocês acham sobre banir o celular nas escolas? Na escola de vocês é proibido usar, isso pode ser considerado uma forma de banir? Por que vocês não respeitam essa regra? A escola, ao proibir o uso do celular não estaria indo de encontro ao avanço da tecnologia? Todos eles responderam que são contra o banimento dos celulares na escola, até porque vai de encontro ao avanço da tecnologia. Para eles, o celular já está incorporado no dia-a-dia e mesmo a escola proibindo, eles usam por diversos motivos, alguns já até apontados nesse texto. Para Álvaro, os alunos não respeitam a regra porque eles não são atraídos pelas aulas, pois algumas são consideradas extremamente tradicionais por eles. Já para Manuela, o problema não é o uso do celular em si, mas o uso excessivo. E, segundo Miguel, por eles terem muitas horas de aula, é impossível não utilizar o celular, portanto, os professores e a escola deveriam achar uma forma de incorporá-los as aulas.

Com relação ao preconceito, indagamos se era mais fácil lidar com ele na escola ou nas redes sociais e se a escola reforça ou evita atitudes preconceituosas. Para Richard é mais fácil nas redes sociais, pois não é presencial. Pedro concorda com esse pensamento, pois para ele nas redes sociais o preconceito está mascarado, ao passo que na escola, ao presenciá-lo e não tomar uma atitude, a pessoa sente-se mal com toda a situação vivenciada. Para Manuela:

[excerto 12] Eu acredito que a escola reforce a partir do momento em que ela ignora e abafa certos casos, o mesmo modo serve para evitar, acredito que tudo deve ser tratado com mais clareza. Eu acho mais fácil lidar com o preconceito na escola, justamente por ser algo presencial e vc saber de onde literalmente vem as ofensas, nas redes sociais é tudo mais sigiloso e difícil de encontrar, fora que as mesmas te acompanham para onde vc for né.

Constatamos, a partir dessa fala, que Manuela tem o pensamento diferente dos rapazes. Para ela, é mais fácil lidar com o preconceito na escola, por ser algo presencial. Isso ocorre porque, segundo ela, dentro das redes sociais, as pessoas se aproveitam e acabam só ofendendo uns aos outros, ao invés de conversar e tentar entender o outro lado. Presencialmente, a pessoa não consegue desviar da conversa e acaba tendo que resolver os seus conflitos ou pelo menos fingir que resolveu sem ofender ninguém. cremos que esse ponto de vista está ligado a facilidade que Manuela tem em assumir diversas identidades projetivas, dependendo do tipo de preconceito que esteja sendo abordado. Assim sendo, ela acaba se sentindo mais à vontade em resolver os conflitos pelos quais ela ou outra pessoa esteja passando durante o seu dia-a-dia, de forma *offline*. Por outro lado, Miguel tem opiniões bem pontuais com relação a esse assunto. Ele defende que:

[excerto 13] acho que mais reforça que evita, na teoria a escola seria um ambiente de inclusão e de ajudar as crianças a ter contato com pessoas diferentes e sair da sua bolha familiar, mas na prática o âmbito escolar é o reflexo da nossa sociedade: preconceituoso, racista, LGBTQfóbico, machista e religiosamente intolerante. Sem falar que muitas vezes a própria instituição Escola reforça isso com normas que boicotam essa liberdade e aceitação que deveriam ser promovidas nesse ambiente. Essa questão de ter a quem recorrer é uma coisa beeeeem questionável né?! Pq se eu fosse com brinco na escola e alguém me zoasse o primeiro argumento da coordenação seria q a culpa era minha pq a instituição n permite o uso de brinco, que por sua vez é outra questionável pq n há nhm norma q n permita brinco para meninas só para meninos e td mundo sabe o pq... sem falar em outras coisas mais sérias q acontecem e já aconteceram. Enfim é complicado a escola combater esse preconceito sendo q ela mesma ajuda nesse preconceito.

Miguel, através da sua fala, mostra que está extremamente incomodado com diversas situações que acontecem no interior da escola. Segundo ele, a escola deveria ser o local em que os alunos deveriam se sentir acolhidos para debater diversos temas, afinal nem sempre os adolescentes têm essa liberdade em seu ambiente familiar ou em outros ambientes nos quais eles convivem. Porém, através da fala acima, pode-se perceber que nem a escola consegue oferecer essa “liberdade” para os alunos poderem discutir abertamente sobre o preconceito. A questão do uso do brinco é uma delas, como a sociedade impôs que somente as garotas usem brincos, Miguel e os outros rapazes acabam se sentindo excluídos pelo simples fato deles quererem poder usar o acessório.

Logo, a escola, através das suas normas, regras e imposições acaba interferindo na identidade real dos alunos ao fazer eles se comportarem de formas que talvez não ocorressem com a identidade virtual e projetada. Em um outro momento no grupo Miguel conclui seu raciocínio dizendo que:

[excerto 14] Assim eu sou o cúmulo do padrão entao o q eu vou falar é bem minha experiência como homem branco classe média, eu lido de boa com ataques q venham da internet n ligo muito, mas sei q muitas pessoas sofrem com eles e claro que tem pessoas mais famosas nesse meio que sofrem com comentários e mensagens, freneticamente, muito preconceituosas. Agora a punição na internet é complicado pq se algm é racista na internet até conseguir q essa pessoa responda criminalmente é um inferno e n deveria já q racismo é racismo e é crime e independente onde ocorra seja no “mundo virtual” ou “real” tem q ser queixado e receber os procedimentos adequados. Acho que lidar preconceito na escola é muito mais pesado, na internet vc denuncia o comentário ou exclui e por mais q vc lembre daquilo e possa te magoar n é algo que vc vai precisar ver o tempo todo, mas na escola vc vai fazer o q n tem o q deletar tem q encarar e isso precisa de muita coragem e uma pessoa q sofre esse tipo de coisa nem sempre vai ter essa coragem, até por estar fragilizada com os ataques.

Nessa segunda fala, Miguel deixa claro que ele se identifica como homem branco classe média, revelando a sua identidade real. Porém, na internet (redes sociais), constatamos que a sua identidade virtual se modifica ao demonstrar que os gostos expressos por ele nesse ambiente não condizem com o estereótipo criado para as pessoas brancas de classe média. É como se ao assumir sua identidade virtual ele tentasse desconstruir o que pensam dele baseando-se na sua identidade real. Outro ponto marcante é que em todo momento durante as conversas ele não separava o mundo real do virtual, era como se fossem um só. No entanto, nessa fala ele deixa claro que há uma diferença entre eles, a forma de lidar com o preconceito nesses dois ambientes é diferente, e para ele é mais fácil “se livrar” de comentários preconceituosos quando se está no mundo virtual, pois é como se no mundo real as pessoas tivessem que conviver com o preconceito, e no mundo virtual elas não precisassem. Nesse caso, Miguel é um exemplo de como o conceito de identidade de Gee (2004) pode ser adaptado, pois, apesar dele perceber as duas identidades de maneiras diferentes, elas estão ligadas de forma que não existe a separação entre o *online* (identidade virtual) e *offline* (identidade real). Consequentemente, ele gostaria de utilizar a sua identidade considerada virtual no cotidiano, mas provavelmente ele acredita que a sociedade não aceitaria, assim como

ocorreu na situação acima apresentada (só que no mundo *online*) e ao mesmo tempo ele quer modificar a sua identidade real, ou seja, a forma como a sociedade exige que ele seja.

Durante a análise dos debates feitos com os alunos e das aulas observadas, as respostas de Manuela sempre foram as que mais chamaram a atenção, principalmente pelo fato de ela não conseguir diferenciar em alguns momentos qual era de fato a sua identidade real. Durante as falas, foi perceptível verificar, diversas vezes, que ela possui várias identidades projetivas, dependendo do momento, mas a sua identidade real e virtual em alguns momentos se difere ao, por exemplo, ter comportamentos diferentes no interior do grupo e das redes sociais. Por isso, algumas perguntas foram elaboradas somente para ela, no intuito de compreender melhor essas diferenças nos seus tipos de identidade. Essas perguntas foram realizadas no *whatsapp*, no seu perfil privado. Assim, por várias vezes notar que no grupo do *whatsapp* ela defendia o movimento negro veementemente, fizemos alguns questionamentos com relação ao preconceito. As perguntas foram as seguintes: Você se identifica como uma pessoa branca? Se sim, por que a questão do racismo te incomodou tanto quando debatemos? Manuela respondeu:

[excerto 15] Me identifico como uma pessoa branca, eu me incomodo pq o Brasil é um país miscigenado, primeiro eu sei que meu sangue não é só branco apesar da cor da pele, outra coisa é que mesmo que a luta seja uma pauta do movimento negro, acho que necessário que mesmo pessoas como eu (que não tenho lugar para falar de racismo, até porque não soffro) apoie essas pessoas, é muito mais questão de sensatez e empatia por conhecer nossa história e saber como sofreram do que ser ativista, ser ou não ser negra. O Racismo deveria incomodar a todo mundo, incomodar por ver outra pessoa sofrendo na mão de gente estúpida só por causa da cor da pele.

A resposta acima corrobora com o que já foi dito anteriormente. Embora Manuela tenha a sua identidade real como pessoa branca, em razão da questão da sensatez e da empatia, como ela mesma fala, a adolescente acaba tendo uma identidade projetiva em relação a pessoas que são consideradas negras, ainda que não tenha passado propriamente dito por nenhum tipo de preconceito.

Com relação ao papel da mulher na sociedade, foi solicitado que Manuela falasse mais um pouco sobre o ponto de vista dela sobre o tema, visto que foi um assunto não muito debatido, mas foi bastante explanado por ela, tanto em sala quanto no grupo do *whatsapp*. Sobre esse assunto, a referida aluna discute que:

[excerto 16] Em relação ao papel da mulher, acredito que tenha melhorado bastante, desde muito tempo a mulher só foi vista como dona de casa e uma pessoa que só servia para procriar e cuidar dos filhos, mas que ainda não está como deveria. A muito tempo fomos (falo fomos pq agora eu posso me apropriar no assunto por justamente ter lugar de fala) submetidas a situações horríveis, então temos que falar mesmo. Desde um conceito bastante teológico (católica), que aliás o governo atual também traz como base, conseguimos até notar o aumento de casos machistas e agressões, seja ela dentro de casa, fora, no trabalho por esse discurso preconceituoso que se disseminou e com certeza deu visibilidade a muita gente ruim. Desde pequena somos incentivadas a certo estilo de vida, as meninas sempre brincando de casinha, aquelas lava louça de brinquedo, com bebê. Por isso admiro tanto a boneca da Barbie, apesar de criar um padrão estético MUITO FORTE, ela agrega coisas a uma menina que jamais antes tinham lhe apresentado, tudo que você pensar a Barbie faz, astronauta, veterinária, médica, piloto.

Com essa fala, pode-se perceber que Manuela deixa sua identidade de adolescente para assumir a identidade de mulher e com ela a identidade de feminista, assumida por ela anteriormente. Um ponto interessante nessa fala é que a boneca Barbie anteriormente, nesse trabalho, foi utilizada como forma de estereótipo para pessoas brancas e burguesas, porém, Manuela a enxerga de maneira diferente. Embora ela saiba todo o estereótipo que é trazido junto com a boneca, ela não associa a Barbie somente a sua cor ou ao padrão de garotas que têm acesso a ela. Para a adolescente, essa boneca pode representar o fato das garotas terem a capacidade de ser o que elas quiserem, isso porque a Barbie tem várias versões com diversas profissões e, inclusive, amigas com outros tons de pele. E essa forma de pensar da garota fica clara várias vezes, independentemente de a identidade da Manuela ser a real ou virtual. Isso ocorre porque ela mantém as suas identidades real e virtual, em grande parte da pesquisa, profundamente conectadas, sendo às vezes impossível de distingui-las.

Dentre os temas que trabalhamos no grupo do *whatsapp*, o que abordava sobre a tecnologia foi o tema mais comentado no geral por todos os alunos, isso se deve provavelmente ao fato de a tecnologia estar tão presente no dia-a-dia dos adolescentes, como abordado por várias vezes durante esse trabalho. Posteriormente, o preconceito foi o tema em que eles também falaram bastante, e como não foi especificado qual o tipo de preconceito, possibilitou, em algum momento, que cada um deles se identificasse com o tema, fomentando, dessa forma, a participação desses alunos no debate. Os outros dois temas, quais sejam: o papel da mulher na sociedade e cultura brasileira foram os

assuntos menos debatidos [Anexo II]. Quando esses temas foram selecionados imaginamos que isso pudesse acontecer, pois, mesmo que sejam temas encontrados frequentemente nas redes sociais, talvez, para eles não sejam temas muito comuns de se discutir constantemente.

Ademais, toda a análise, foi fundamentada nos conceitos de identidade de Gee (2004), a identidade real, virtual e projetiva. E, através desses conceitos, foram feitas algumas adaptações para uma melhor adequação à realidade dessa pesquisa. Ao final dessa análise, trazemos um último conceito desse mesmo autor e que se encaixa com o que foi discutido ao longo do texto. No seu livro (*Situated Language Learning*) Gee (2004) traz algumas características para conceituar o termo *affinity space* e algumas dessas características trazida por ele serão relacionadas com essa pesquisa. A primeira característica é que “*Common endeavor, not race, class, gender, or disability, is primary*” (pg. 77). Isso ocorreu no grupo do *whatsapp*, pois apesar de cada participante ter características diferentes, seja de raça, classe, gênero etc., eles tinham um objetivo em comum: participar da pesquisa de forma voluntária.

Outra característica listada por Gee foi “*Both individual and distributed knowledge are encouraged*” (pg. 78). Portanto, no grupo, após o tema ser lançado eles trocavam entre si o conhecimento que tinham sobre aquele assunto e em algumas situações trouxeram conhecimento de fora, através de outras reportagens, imagens e vídeos e essa troca foi um fator considerado importante para o desenvolvimento do debate. E a última característica é “*Leadership is porous and leaders are resources*” (pg. 79). Nesse caso, no *whatsapp* todos os alunos estavam ali com um intuito em comum que era responder aos questionamentos para ajudar em uma pesquisa. Todos eles geravam conteúdo, uns mais outros menos, dependendo do tema abordado e, com isso, eles trocavam o papel de líder do grupo, de acordo com a sua participação, como o próprio Gee (2004) disse “*they don’t and can’t order people around or create rigid, unchanging, and impregnable hierarchies.*” Logo, não existia uma hierarquia, havia um respeito mútuo nos comentários trocados e todos eles estavam participando de forma ativa do processo.

Dentro dos *affinity spaces*, a identidade que mais se destaca é aquela em que a pessoa estiver mais confortável em utilizar com aquele grupo. Levando em consideração o grupo utilizado nesse trabalho, notamos a variedade de identidades que foram sendo utilizadas ao longo do caminho, e o que mais se destacou foi o fato de, por mais que os alunos-adolescentes tivessem assumido identidades diferentes, eles sempre respeitaram

a diferença dos outros participantes. Os alunos observados entraram ali com a identidade de estudantes que estavam no grupo do *whatsapp* (*affinity space*) com o objetivo de participar de uma pesquisa, porém, à medida que fomos debatendo diversos assuntos, outras identidades foram surgindo, identidades reais, virtuais e em algumas situações, como explanadas ao longo da análise, projetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve como objetivo principal buscar compreender como se configuram as identidades do aluno-adolescente no ambiente escolar e nas redes sociais e de que forma elas se diferem ou se entrecruzam. Além disso, objetivamos também analisar de que forma os espaços (redes sociais e escolar) podem influenciar na formação das identidades do adolescente, fazendo uma comparação entre elas no ambiente escolar e nas redes sociais, através de um grupo do *WhatsApp*.

Os conceitos de Gee (2004) sobre identidade e trabalhados nesse trabalho são: a identidade virtual, a identidade real e a identidade projetada. Durante o capítulo focado na análise, o nome dos conceitos foram mantidos e, como mencionado anteriormente, adaptados em certos momentos. Portanto, a identidade real está ligada ao cotidiano, ao dia-a-dia, sendo ela múltipla em alguns casos. A virtual, para Gee (2004), é a que a pessoa assume ao jogar um jogo de vídeo game, que pode ser totalmente diferente da sua identidade real. Relacionando esse conceito a esse trabalho, compreendemos a identidade virtual quando os adolescentes a assumem quando podem ou precisam, mas nem sempre ela é aceita. A identidade projetada é quando a pessoa projeta os valores e desejos no personagem virtual (GEE, 2004). Nesse trabalho, a projetada poderia ser considerada uma mistura entre a virtual e a real, em certos momentos.

Durante a construção do trabalho, verificamos que os dois ambientes trabalhados (redes sociais e escolar) são aqueles em que os adolescentes passam a maior parte do dia. Além disso, é notável o papel essencial que a escola exerce sobre a formação da identidade do adolescente. Ao tentar se encaixar nos grupos formados, de uma certa forma eles acabam criando conflitos internos, pois ao mesmo tempo em que eles tentam se encaixar em algum grupo querem descobrir também o que os faz serem diferentes dos outros (SPLITTER, 2007). As redes sociais não ficam para trás, no tocante a formação da identidade desses indivíduos, isso porque eles têm acesso constante a vários tipos de perfis e informações, influenciando-os de um jeito que às vezes nem eles conseguem perceber.

Outro fato que deve ser salientado é o uso das redes sociais no ambiente escolar. Defendemos que os professores devem começar a ter um outro olhar para a sua utilização nas salas de aula, pois as redes sociais trazem um outro panorama para a forma como os alunos aprendem, assim como a leitura e a escrita desses indivíduos

também se modificam. De acordo com Silva e Serafim (2016),

A relação de comunicação e de interatividade entre os usuários se faz através de variadas formas de linguagem, sejam iconográficas, audiovisuais ou textuais. Sendo assim, o leitor não é um simples receptor de informações, mas interfere, manipula, modifica, reinventa. A partir dessas leituras, a sistematização das informações não é considerada estática e isoladamente, e sim como um grande hipertexto, que constantemente é ressignificado e reelaborado. Nessas práticas discursivas, é possível uma interação verbal e visual viva, significativa que desenvolve a argumentação e leva conseqüentemente a uma maior apropriação dos temas a serem debatidos, organizados, apreendidos.

Portanto, as redes sociais, além de trazer uma nova dinâmica para o cenário escolar, trabalha também sob outra perspectiva aspectos que fazem parte da aprendizagem dos alunos, como a leitura e a escrita, aproximando, dessa forma, o ambiente escolar do dia-a-dia dos alunos.

A análise feita para tentar entender a formação da identidade dos alunos e fazer uma comparação entre os dois ambientes escolhidos (escolar e redes sociais) foi realizada apoiando-se em temas selecionados previamente, quais sejam: tecnologia, preconceito, papel da mulher na sociedade e cultura brasileira. A partir desses temas, pudemos compreender melhor a identidade dos alunos através da forma como eles se portavam e das suas falas, tanto dentro do grupo do *whatsapp* quanto das aulas assistidas. Como as identidades são múltiplas, elas continuarão por toda a vida do indivíduo e a que for mais relevante para o momento que estiver sendo vivenciado é que será a assumida. A seguir, analisaremos a identidade de cada aluno, levando em consideração pontos já mencionados.

No que concerne aos alunos-adolescentes Pedro e Catarina, eles foram os que menos participaram dos diálogos no grupo do *whatsapp*, principalmente Catarina. Devido a essa conduta, é difícil chegar a alguma conclusão com relação a identidade dela. Não conseguimos compreender nem diferenciar, se é que realmente há, uma diferença entre as suas identidades e em nenhum momento conseguimos perceber uma identidade projetiva. A única diferença entre Pedro e Catarina é que ele teve uma pequena participação quando foi tratado sobre o tema de preconceito, durante a aula na escola. Nessa ocasião, ele deu um exemplo de quando sofreu preconceito por causa da cor da sua pele, por se considerar pardo. Nesse momento ficou claro que a sua identidade racial destacou-se e o adolescente mostrou que o fato de ter passado por

aquela situação o magoou muito, porque ele nunca havia notado que existia uma diferença, com relação as outras pessoas, a ponto de incomodar uma outra pessoa. Afora esse momento, ele não foi presente nem no grupo do *whatsapp* e nem na sala de aula, tornando uma interpretação mais aprofundada sobre sua identidade quase impossível de ser estabelecida. Devido a “ausência” desses participantes, concluímos que ambos não gostam de demonstrar as suas opiniões e preferem guardar os seus pensamentos para si. Essa, talvez, seja a forma como eles se portam diariamente e algo que caracterize as suas identidades reais.

Com relação a Sofia, percebemos a participação dela basicamente quando abordamos sobre o tema tecnologia. Verificamos, desse modo, o quanto ela está ligada a esse tema, entretanto, suas respostas foram um pouco contraditórias para alguém que aparentemente gosta bastante de tecnologia. É difícil perceber uma diferença entre a sua identidade real e a sua identidade virtual. Ao longo do trabalho, comprovamos que há uma linha muito tênue entre uma e outra e que, às vezes, é difícil separar. Constatamos essa afirmação a partir do comportamento de Sofia, pois ela manteve a mesma postura e o mesmo raciocínio tanto no grupo do *whatsapp* quanto nas aulas assistidas. Chegamos à conclusão, portanto, que sua identidade quase não se modificou e sua identidade real foi utilizada durante os momentos *online*, no grupo do *whatsapp*.

No que diz respeito a Álvaro, ele foi um dos alunos que mais chamou a atenção ao longo da pesquisa, tanto pela diferença no seu comportamento no interior do grupo do *whatsapp* quanto durante as aulas assistidas. Além do mais foi bem participativo quando abordamos sobre preconceito, principalmente com relação ao papel da escola, pois para ele a escola não pode impor um padrão. No momento em que focamos na questão da divisão de turmas e sua divisão pelas notas dos alunos, em que as melhores médias ficavam na turma A e assim sucessivamente até a turma C, ele também se pronunciou. Analisando, portanto, a identidade de Álvaro, concluímos que a sua identidade real e a virtual tendem a se manter iguais, até o momento em que algo que chame a sua atenção apareça, prevalecendo a sua identidade virtual, independentemente do ambiente, pois ele expõe os seus pensamentos, mesmo sendo o oposto do que as pessoas pensam que ele deveria seguir.

Em relação a Maria, ela está entre as alunas que mais participaram dos debates no do grupo do *whatsapp*. Quando falamos sobre os temas preconceito e o papel da mulher na sociedade ela emitiu várias opiniões, assumindo uma identidade projetiva de negra, deixando bem claro que em situações hipotéticas. Além disso, essa adolescente

sente, e de uma certa forma compreende, as dores das pessoas negras e luta a favor delas, mesmo a sua identidade real sendo de uma pessoa branca. Igualmente, quando ela assume essa identidade projetiva em um ambiente *offline* ao defender uma pessoa negra, assume também sua identidade virtual, pois ela está indo contra o pensamento de muitas pessoas. Ou seja, é o momento em que ela precisa assumir essa identidade para ajudar no movimento negro, porém ela não é aceita em diversas ocasiões.

Richard é um caso a parte de todos os alunos participantes nesse trabalho, posto que foi o único aluno que se manteve constante durante todo o período da pesquisa. Ele participou ativamente tanto no grupo do *whatsapp* quanto das aulas assistidas. Como mencionado no capítulo anterior, esse aluno acabou se tornando *digital influencer*, após o período de pesquisa. Fato esse que comprovou o quanto ele é uma pessoa comunicativa, independentemente do ambiente em que esteja. Mas, ao assumir sua identidade virtual nas redes sociais, ele se expressava da forma que ele achava mais conveniente, mesmo que ela não fosse aceita. Podemos considerar, então, que o seu mundo real é, provavelmente, as redes sociais, afinal, como *digital influencer* é onde ele passa a maior parte do seu tempo.

Miguel e Manuela foram os dois alunos que tiveram as falas mais incisivas durante os debates. Manuela foi bem ativa no grupo do *whatsapp*, da mesma forma, nas aulas assistidas em que ela participou bastante, abordando principalmente sobre o papel da mulher na sociedade. A referida aluna foi a comprovação do que os autores Hall (2006), Bauman (2005), Gee (2004) afirmam sobre múltiplas identidades. É nítido que todos nós temos múltiplas identidades, inclusive, os outros alunos. O que deve ser enfatizado é a nitidez com que as múltiplas identidades dessa adolescente afloravam. Por exemplo, as suas identidades feminista e de mulher foram nítidas no interior dos dois ambientes (escolar e redes sociais). Manuela falava com muita propriedade sobre essas questões e se sentia parte daquele grupo e das suas lutas, inclusive, trazendo exemplos das lutas das mulheres de outros países. Já a sua identidade de aluna (real) se sobressaiu quando eles estavam discutindo sobre tecnologia e o uso da internet e das redes sociais em sala de aula. Manuela acredita que o problema está em como essas ferramentas são inseridas nas aulas ou, em alguns casos, a não utilização delas. Ainda, outra identidade que merece destaque é a sua identidade projetiva em situações hipotéticas, como uma pessoa negra, assim como Maria. No que tange a esse assunto, Manuela sente-se mal com comentários preconceituosos proferidos na internet, mas também diante do fato relatado por ela

sobre um rapaz que tinha um cabelo afro grande e foi convencido de que deveria “ajeitar” o cabelo, fato esse ocorrido na escola. Contudo, ela não tomou nenhuma atitude diante dessa situação, e essa omissão pode ser compreendida de várias formas, talvez seja medo de se envolver ou por achar que não tem lugar de fala pela sua identidade real ser de uma pessoa branca.

Retornando para Miguel, encontramos uma identidade projetiva em uma situação hipotética, de uma pessoa negra. Sobre o tema preconceito, os três alunos, (Maria, Manuela e Miguel) em que essa identidade projetiva foi identificada, gostariam de conhecer mais sobre o movimento negro, até para eles realmente poderem falar sobre o tema e as pessoas entenderem que não é preciso ser negro para lutar pela causa. Como mencionado por Miguel, sua identidade real é de uma pessoa branca, mas nas redes sociais ele assume uma outra identidade (a virtual), pois ao expressar gostos que não condizem com o estereótipo criado para as pessoas brancas, ele acaba reforçando o conceito adaptado e utilizado nesse trabalho para identidade virtual, que é quando ele assume uma nova identidade, mas que talvez ela não seja aceita.

Após toda a análise realizada, verificamos que o ambiente, seja ele presencial ou não influencia na construção da identidade do aluno-adolescente, mas que somente ele não é suficiente para construir essa identidade. Muitos outros fatores (outros ambientes não estudados no trabalho, como família, igreja, lugares de lazer, convivências com outras pessoas, etc) são o que realmente vão moldando e construindo essa identidade ao longo do tempo. Portanto, como trazido no capítulo 2 desse trabalho, as identidades são maleáveis (BAUMAN,2005), e vão se modificando ao longo da vida, dependendo do momento em que a pessoa estiver vivendo.

REFERÊNCIAS

- ANDREOTTI, Vanessa. Global Education in the '21 Century': two different perspectives on the 'post-'of postmodernism. **International Journal of Development Education and Global Learning**. v.2, n.2, p. 5-22, mai. 2009.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. "Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate." **Psicologia Clínica** v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem Online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola, 2015. 270 p. Tradução Milton Camargo Mota.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros.
- BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BENSON, P. Teaching and researching autonomy in language learning. apud MATOS, Anderson Silva; NICOLAIDES, Christine Siqueira; MOTA, Vanessa Moreno (comp.). O uso do *whatsapp* com vistas à maior agência e à promoção da autonomia sociocultural no ensino. In: MACIEL, Ruberval Franco; TILIO, Rogério; JESUS, Dánie Marcelo de; BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de (org.). **Linguística Aplicada para Além das Fronteiras**. Campinas, Sp: Pontes, 2018. Cap. 3. p. 57-73.
- BIESTA, Gert. Education after Deconstruction: between event and invention. In: PETERS, Michael A.; BIESTA, Gert. **Derrida, Deconstruction, and the Politics of Pedagogy**. New York: Peter Lang, 2009. Cap. 5. p. 97-113.
- BISSOLI, Michelle de Freitas. Desenvolvimento da personalidade da criança: O papel da educação infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.19, n.4 p.587-597. Out/dez 2004
- BOHN, Hilário I. Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013. Cap. 3. p. 79-98.
- BOYD, Danah. **It's Complicated – the social lives of networked teens**. New Haven/London: Yale University Press, 2014.
- BRASIL, 1997. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. 126p.
- BRASIL, 2017. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica. 600p.
- BUCKINGHAM, David. Introducing Identity. In: BUCKINGHAM, David (Ed.). **Youth, Identity, And Digital Media**. Cambridge, Ma: The Mit Press, 2008. p. 1-22.

BULGRAEN, Vanessa C. "O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento." **Revista Conteúdo**, Capivari. p. 30-38, 2010.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARRILHO JUNIOR, Joao Ribeiro. **Desenvolvimento de uma metodologia para mineração de textos**. 2007. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia Elétrica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CARVALHO, Mauro. A Construção das Identidades no Espaço Escolar. **Revista Reflexão & Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p.209-227, 2012. jan/jul.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **CRIANÇAS E ADOLESCENTES, POR FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET**. 2017. Elaborada por TIC Kids Online. Disponível em: <<https://www.cetic.br/tics/kidsonline/2017/criancas/A4/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **CRIANÇAS E ADOLESCENTES, POR ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET- COMUNICAÇÃO E REDES SOCIAIS**. 2017. Elaborada por TIC Kids Online. Disponível em: <<https://www.cetic.br/tics/kidsonline/2017/criancas/B1B/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

CHO, Julia. **How the Loss of the Landline Is Changing Family Life**: the shared phone was a space of spontaneous connection for the entire household. 2019. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/family/archive/2019/12/families-landline-shared-phone/603487/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado; BUENDGENS, Jully Fortunato. Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.45-54, 2012.

DAQUINO, Fernando. A história das redes sociais: como tudo começou. **Tecmundo**, 2012. Disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm> > Acesso em: 20 de mai. de 2020.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. Da pesquisa às implicações. In: DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. Tradução de Marcos Marcionilo.

EDWARDS, Richard; USHER, Robin. Globalisation, pedagogy and curriculum. In: EDWARDS, Richard; USHER, Robin. **Globalisation & Pedagogy: Space, Place and Identity**. Space, Place and Identity. 2. ed. New York: Routledge, 2008. Cap. 3. p. 53-77.

EDWARDS, Richard; USHER, Robin. Mobility, connectivity and learning. In: EDWARDS, Richard; USHER, Robin. **Globalisation & Pedagogy: Space, Place and**

Identity. Space, Place and Identity. 2. ed. New York: Routledge, 2008. Cap. 6. p. 116-131.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.6-7, jun. 2005. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em: 01 jun. 2019.

EL-DASH, L. G., & BUSNARDO, J. (2001). Brazilian attitudes toward English: Dimensions of status and solidarity. **International Journal of Applied Linguistics**, v.11, n. 1, p.57-74, 2001.

FERNANDES, Jose Ricardo Oria. ENSINO DE HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. **Ensino de História: Novos Horizontes**, Campinas, SP, v. 25, n. 67, p.378-388, 2005.

GABRIEL, Martha Carrer Cruz. Arte transmídia na era digital.2012. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GARCEZ, Karoline Gandolpho. O Facebook como recurso para o ensino da língua inglesa. In: V SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA. São Cristóvão: UFS, 2019. p. 132-146.

GARDNER, Howard; DAVIS, Katie. **The App Generation** – how today’s youth navigate identity, intimacy, and imagination in a digital world. New Haven/London: – Yale University Press, 2013.

GEE, James Paul. **Situated Language and Learning: A critique of traditional schooling.** Nova York e Londres: Routledge, 2004.

GEE, James Paul. **What video games have to teach us about learning and literacy.** New York: Palgrave MacMillan, 2007.

GEE, James Paul (2013). Games for Learning. **Educational Horizons**, 91(4), 16–20.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODWIN-JONES, R. Emerging technologies: mobile apps for language learning. **Language Learning & Technology**, v. 15, n. 2, 2-11,2011. june.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2006. Tradução de:Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

LANKSHEAR, Colin & KNOBEL, Michele. **New Literacies: Everyday Practices and Classroom Learning.** New York: Open University Press,2011. 296 p.

LEITE, Natália Costa; SILVA, Marden Oliveira. Whatsapp: caracterização do gênero chat em contexto de ensino de línguas estrangeiras. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Minas Gerais, v. 8, n. 1, p. 85-97, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. "Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas." **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança**. Diferentes olhares para a Didática. Goiânia: CEPED/PUC GO. p. 85-100, 2011.

MATOS, Anderson Silva; NICOLAIDES, Christine Siqueira; MOTA, Vanessa Moreno (comp.). O uso do *whatsapp* com vistas à maior agência e à promoção da autonomia sociocultural no ensino. In: MACIEL, Ruberval Franco; TILIO, Rogério; JESUS, Dánie Marcelo de; BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de (org.). **Linguística Aplicada para Além das Fronteiras**. Campinas, Sp: Pontes, 2018. Cap. 3. p. 57-73.

MERCER, K. Welcome to the jungle. apud WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014. Cap. 1. p. 7-72.

MÓR, Walkyria Monte. Convergência e Diversidade no Ensino de Línguas: Expandido as Visões sobre a "Diferença". **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 21, n. 29, p.234-253, 2014. jan-jul.

MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: < <http://www.more.ufsc.br/> >. Acesso em: 25/06/2019

OXFORD, R L. Toward a more systematic model of L2 learner autonomy. apud MATOS, Anderson Silva; NICOLAIDES, Christine Siqueira; MOTA, Vanessa Moreno (comp.). O uso do *whatsapp* com vistas à maior agência e à promoção da autonomia sociocultural no ensino. In: MACIEL, Ruberval Franco; TILIO, Rogério; JESUS, Dánie Marcelo de; BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de (org.). **Linguística Aplicada para Além das Fronteiras**. Campinas, Sp: Pontes, 2018. Cap. 3. p. 57-73.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco (org.). **Olhares sobre Tecnologias Digitais: Linguagens, Ensino, Formação e Prática Docente**. Campinas, Sp: Pontes, 2015. Cap. 1. p. 21-34.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Tecnologia digital em época de pandemia**. 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CgCSi6DzA6k&t=2s>>. Acesso em 20 mai. 2020.

RECUERO, Raquel. Os Elementos das Redes Sociais na Internet. In: RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. Cap. 1. p. 25-55.

RECUERO, Raquel. Sites de Redes Sociais. In: RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. Cap. 5. p. 102-115.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. Gêneros do discurso, multiletramentos e hipermodernidade. In: ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade**,

multiletramentos e gêneros discursivos. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. Cap. 4. p.115-145

SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia (campinas)**, [s.l.], v. 22, n. 1, p.33-41, mar. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-166x2005000100005>.

SALLES, L. M. F., & SILVA, J. M. A. P. E. (2008). Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. *Cadernos de Educação*, 1(30), 149-166.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua**: repercussões na cultura e educação. São Paulo: Paulus, 2013. 376 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Francineide Sales da; SERAFIM, Maria Lúcia. Redes Sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente. In: SOUSA, Robson Pequeno de; BEZERRA, Carolina Cavalcanti; SILVA, Eliane de Moura, et al. **Teorias e práticas em tecnologias educacionais**. Campina Grande: Eduepb, 2016. p. 67 – 98.

SILVINO, Dariana Maria; HENRIQUE, Tázia Renata Peixoto Godim. **A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE GÊNERO NAS ESCOLAS**: uma abordagem necessária. In: VIII JORNADA INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, 2017, São Luís, MA.

SOUZA, Isabel Maria Amorim de; SOUZA, Luciana Virgília Amorim de. O USO DA TECNOLOGIA COMO FACILITADORA DA APRENDIZAGEM DO ALUNO NA ESCOLA. **Fórum Identidades**, Itabaiana, SE, v. 8, n. 8, p.127-142, 2010.

SOUZA, Lynn Mario Trindade Menezes de. O Professor de Inglês e os Letramentos no século XXI: métodos ou ética?. In: JORDÃO et al (eds.) **Formação "Desformatada": práticas com professores de língua inglesa**. São Paulo: Pontes, 2011.

SPLITTER, Laurance. Do the Groups to Which I Belong Make Me "Me"?: Reflections on Community and Identity. **Theory and Research in Education**. v.5, n.3, p. 261-280, 2007.

SUED, Gabriela. “Pensando el *Facebook*, uma aproximación colectiva por dimensiones”. In: PISCITELLI, Alejandro *et al* (org.) **El Proyecto Facebook y la Posuniversidad**. Buenos Aires: Ariel/Fundación Telefónica, 2010, p.59-70.

TAKAKI; Nara Hiroko; MACIEL, Ruberval Franco. Novos Letramentos pelos memes: muito além do ensino de línguas. In: MACIEL, Ruberval Franco; JESUS, Dânie Marcelo de. (orgs.) In: **Olhares Sobre Tecnologias Digitais: Linguagens, Ensino, Formação e Prática Docente**. São Paulo: Pontes Editorial, 2015. p. 53-82.

TEIXEIRA, Elsa Isabel Barbosa. **O uso excessivo das redes sociais pelos adolescentes**. 2016. 52 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016.

WEBER, Sandra; MITCHELL, Claudia. Imaging, Keyboarding, and Posting Identities: Young People and New Media Technologies. In: BUCKINGHAM, David (Ed.). **Youth, Identity, And Digital Media**. Cambridge, Ma: The Mit Press, 2008. p. 23-47.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014. Cap. 1. p. 7-72.

ZACCHI, Vanderlei José. Identidade em jogos digitais: entre a identificação e a mecânica do jogo. **Línguas&letras**, [s.l.], v. 19, n. 44, p.114-138, 2018. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/1981-4755.20180028>.

ZACCHI, Vanderlei José. Competence and Performativity in English Language Teacher Education. **Letras & Letras**, v.35, n. especial p. 261-280, 2019.

ZACCHI, Vanderlei José. Esperando o inesperado: formação de professores numa era de incertezas. In: MOTA, M. B. *et al.* (org.). **Língua e literatura na época da tecnologia**. Florianópolis: EDUFSC, 2015. p. 259-276.

APÊNDICES

A – Autorização dos alunos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você, aluno/a do (Nome da Escola), está sendo convidada/o a participar, como voluntária/o, de uma pesquisa. Após ser esclarecida/o sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. Você receberá uma cópia comprovando a sua aceitação. Em caso de recusa, você não será penalizada/o de forma alguma.

A pesquisa, “A identidade do aluno-adolescente nas escolas e nas redes sociais”, envolve a criação de um grupo no Whatsapp para debater sobre temas diversos, como por exemplo, o uso da tecnologia em sala, o papel da mulher na sociedade, dentre outros. A criação do grupo tem como intenção a compreensão de como os alunos-adolescentes se portam diante desses assuntos, dentro das redes sociais. Os dados serão colhidos durante os meses de março e abril de 2019.

As informações coletadas serão tratadas de maneira sigilosa e os nomes dos participantes serão preservados, havendo identificação apenas por meio de números ou codinomes. Além disso, os dados serão utilizados exclusivamente para essa pesquisa, sem qualquer prejuízo para qualquer atividade que você venha a desenvolver no futuro.

Esclareço que, ao aceitar fazer parte desta pesquisa, você estará sujeito/a a se submeter a situações pouco agradáveis, como responder longos questionários, ter de reservar parte do seu tempo para uma entrevista e abordar assuntos que não sejam necessariamente do seu interesse. Mesmo assim, a pesquisadora fará o possível para evitar esses transtornos.

Você tem a liberdade para retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, assim como o direito de receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos da pesquisa. Por fim, caso tenha interesse, você poderá ter acesso aos resultados com a posterior publicação da pesquisa.

Sua participação trará uma valiosa contribuição para a construção da dissertação de mestrado e conhecimento na área de linguagem e identidade.

Pesquisador: Karoline Gandolpho Garcez

PPGL/UFS

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA NA PESQUISA

Eu, _____,
CPF _____, abaixo assinada/o, autorizo meu
filho/a _____

CPF _____ a participar da pesquisa descrita acima. Fui devidamente informada/o e esclarecida/o pela pesquisadora **Karoline Gandolpho Garcez** sobre a investigação, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Local e data: _____

Assinatura do/a responsável pelo/a participante:

Dados da pesquisadora

Nome: Karoline Gandolpho Garcez

Telefone para contato: (79) 999834280

E-mail: karolinegarcez@gmail.com

Uma via – pesquisador / Uma Via – participante da pesquisa

B – Autorização da escola

Aracaju, 11 de março de 2019.

Autorização para realização de pesquisa

Eu, _____ diretora responsável do (Nome da Escola), venho por meio desta informar a V. Sa. que autorizo a pesquisadora Karoline Gandolpho Garcez aluna do curso de Letras – Linguística (Mestrado) da Universidade Federal de Sergipe a realizar/desenvolver a pesquisa intitulada “A identidade do aluno-adolescente nas escolas e nas redes sociais”, sob orientação do Profº. Drº. Vanderlei José Zacchi.

As informações coletadas serão tratadas de maneira sigilosa e os nomes dos participantes serão preservados, havendo identificação apenas por meio de números ou codinomes. Além disso, os dados serão utilizados exclusivamente para essa pesquisa, sem qualquer prejuízo para qualquer atividade que os alunos dessa instituição venham a desenvolver no futuro.

“Assinatura e carimbo do responsável institucional”

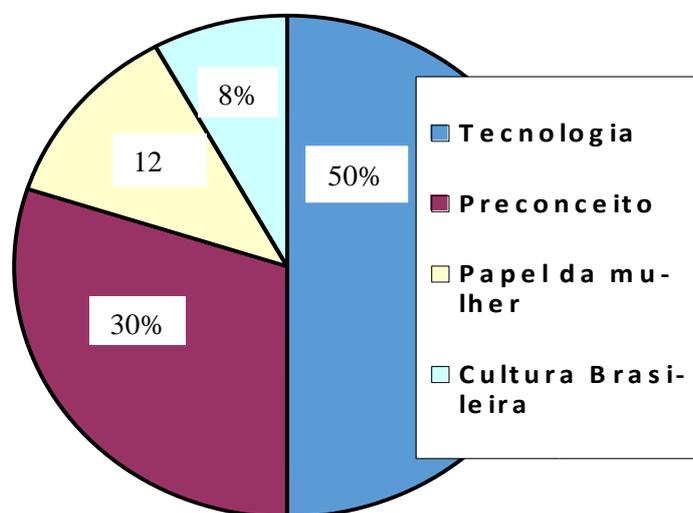
ANEXOS

Anexo I



Fonte: <https://aasaoficial.wordpress.com/2014/12/13/professores-x-religiao-x-etica-profissional/>. Acesso abril de 2019

Anexo II



Quantidade de vezes debatida sobre os temas no grupo do *whatsapp*